Frank Mayo

Anno IV. Nº 201

Paratodos...

Sabão
Aristolino
Oliveira Junior
O SEGREDO DA BELLEZA ESTA' NO USO DO
SABÃO ARISTOLINO
EMBELLEZA MESMO AS MAIS BELLAS
Quereis ser bella e ter todos os predicados para agradar? Usai o maravilhoso SABÃO ARISTOLINO, em fórma liquida, de Oliveira Junior
TINHA, CASPA, QUEDA DO CABELLO
Está exuberantemente provado que o Sabão Aristolino nas diversas molestias do couro cabelludo é de evidente utilidade e efficacia, como antiseptico energico que é. Deve-se todos os dias fazer uma fricção com o sabão puro, em toda a cabeça e depois laval-a em agua fria ou morna; uma vez feito esse tratamento e logo que estejam seccos os cabellos, poder-se-á ainda, si fôr necessario, usar o sabão puro como loção tonica, o que será vantajoso porque assim o medicamento ficará por muito tempo em contacto com o couro cabelludo e poderá mais rapidamente produzir o effeito desejado. O Sabão Aristolino poderá tambem ser usado com um pouco de vaselina liquida, de boa qualidade, ou oleo de petroleo rectificado, em partes eguaes e bem misturadas.
PARA LAVAR O ROSTO
Os effeitos do Sabão Aristolino, são maravilhosos. As sardas, espinhas, rugosidades, tez crestada, nodoas da gravidez, etc., desapparecem com o uso constante deste miraculoso sabão. Basta lavar o rosto em agua contendo uma colher, das de chá, ou das de sopa, de sabão conforme a quantidade d'agua empregada. Si o mal for persistente, que não ceda com as lavagens, será necessario friccionar as espinhas, pannos, etc.—com uma esponja embebida do sabão puro, operação esta que se deverá fazer alguns minutos antes de lavar o rosto, conforme acima aconselhamos.
Vende-se em todas as pharmacias, drogarias, casas de perfumarias e armarinhos
DEPOSITARIO
ARAUJO FREITAS & C. — RUA DOS OURIVES, 88
RIO DE JANEIRO

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

JULIO GONÇALVES (Ponte Nova) — E' um vaidoso ingenuo. Crê-se um grande homem e sonha grandes victorias na vida. Base? Nenhuma, a não ser a força de vontade. O espirito é vibrante e expansivo, ás vezes exaggeradamente. Mas não tem ponderação, nem iniciativa. Em todo caso, graças á sua expansibilidade, ninguem lhe nota a presumpção e conquista muitas sympathias. O coração, apparentemente generoso, não o é, de facto.

OSSI OSWALDA (Rio) — Terna e quasi sempre espirituosa, tem sempre um grande numero de adoradores, que o seu espirito facilmente domina e encanta. Intimamente, sente fundas coleras e é capaz de ir ás ultimas se alguem a fere no seu amor proprio. Pende, entretanto, para a generosidade e o perdão, se se trata de gente abaixo de si. Seus instinctos sensuaes são evidentemente fortes, embora apparentando reservas e guardando conveniencias. E' de coração liberal, mas trata de si em primeiro logar.

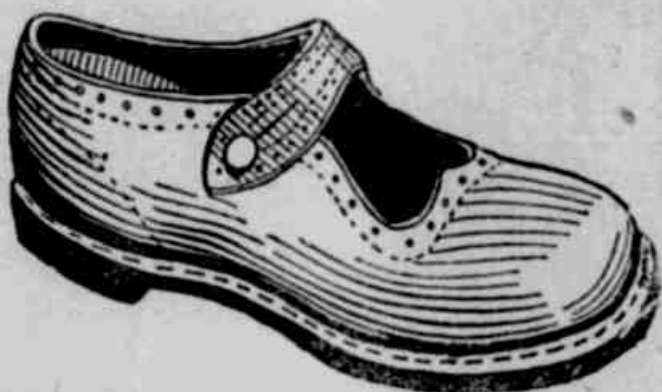
GINA DE SOUZA (Maceió) — A resposta está no aviso que encabeça esta secção. Faça favor de o ler e meditar...

CYRANNA LUSA (Rio) — O traço do egoismo pelo dinheiro é o que mais dá na vista. Mas a sua vontade, que devia ser o principal esteio dessa face da sua individualidade, não é bem orientada. Falta-lhe tambem persistencia ou, pelo menos, paciencia... Quer logo chegar ao fim e com o melhor proveito. D'ahi frequentes desillusões, aliás recebidas com grandeza d'alma e seguidas de valentes reacções no mesmo terreno. Seu pensamento anda sempre mergulhado num idealismo objectivado na saudade de uma cousa (?) longinqua... Trato amavel, mas pouquissima bondade cordial.

MARIA LERENA (São Paulo) — Natureza incisiva de vivacidade e graça. Sabe que é bella e tem captivos innumeros corações... E abusa. E fal-os soffrer torturas, fingindo prestar attenção a outros. De facto, não liga a nenhum delles. O seu espirito, de grande inconstancia, só se sente preso aos espectaculos fortes, ou, melhor, de força. No mais é muito dedicada aos humildes e ás creanças — o que demonstra a delicadeza e a bondade do seu coração. Um traço mais: tem um grande gosto esthetico, especialmente nos vestuarios.

NANINELLA (São Paulo) — *Elle* — temperamento delicado, mas um tanto nervoso, embora apparente calma. O espirito é pouco vibrante e muito enfronhado em idealismos sobre diversas cousas. E é tambem um tanto desconfiado. A vontade não é das mais fortes: cede facilmente á labia e ás lagrimas. Tem o coração frio em materia de virtude caritativa.

Ella — Natureza muito sonhadora, de alma simples e vontade fragil. Apenas é teimosa em desejos relacionados com o prazer. Entretanto, apezar de todos esses symptomas, é sujeita a accessos colericos, aliás passageiros. O seu coração é mais bondoso para os pobres.

NORMA TALMADGE (Campos) — Apparencia de orgulho e desconfiança, impressão que logo se desvanece em face de uma jovialidade discreta, por vezes ironica. De facto, não attrae grandes sympathias, talvez por ser avessa ao cultivo de relações. O seu espirito é um tanto frio e o seu coração pouco propenso á bondade. Tem uma vontade ferrea, pertinaz e muito exigente. Sua ligação de idéas é enorme. Não perde um raciocinio por mais que esteja preoccupada ou seja distrahida.

GINA FREDA (Rio) — Espirito sentimental, muito dado a fantasias romanticas. Por seu gosto não sahiria desse terreno. Mas a realidade da vida tem maior poder e lhe causa as mais terriveis desillusões. E' uma sacrificada. Se tivesse paciencia e grandeza d'alma, reagiria com successo. Ainda assim, encontra algum lenitivo nas forças da vontade que a não abandonam e lhe dão coragem para ir supportando as continuas contrariedades. E' grande a sua vontade de constituir uma reputação literaria. Tem algumas qualidades para isso, mas falta-lhe a pertinacia. Tem coração? E' provavel. Mas só para inglez ver...

PAULETTE (Pouso Alegre) — Grande talento para a dissimulação, a começar pela do egoismo. Vontade caprichosa, com alternativas de interesse e desprendimento. Predomina aquella, embora o idealismo entre em grande parte na formação da sua personalidade. O espirito tambem é irregular. Mas subsiste o traço da inquietação e da volubilidade. E' fantasista, de curto vôo, aliás, e a sua bondade cordial é só para certa gente...

GALATHÉA (Minas) — O que tem de mais no espirito falta-lhe na vontade. E' impetuosa nos sentimentos, mas falha de vontade realisadora. Gosta de interceder pelos fracos, dando-se ares de grande protectora. De facto, porém, a sua protecção é apenas platonica. Entretanto é forte e rica de generosidade cordial.

NUNINHO (Porto Alegre) — O traço que mais predomina é o da teimosia nos desejos, acompanhada de indicios colericos. Depois é o traço dos instinctos sensuaes, fortes e permanentes. De par com isso, assignala-se um certo idealismo, sem grandes surtos e sempre objectivado nalguma cousa palpavel. Tem tambem genio expansivo, a que falta sinceridade. Pratica o altruismo, obedecendo a dictames do coração.

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

—

JOÃO DOS SANTOS (Santa Maria) Todos são simples comprimarias, amigo, trabalhando ora aqui, ora ali, ora acolá. Da ultima temos a residencia particular, que não garantimos: 144 Av. Virgil, Los Angeles, Calif.

E. DA CUNHA Santa Maria) — 1ª, 5614 Franklin Ave. Hollywood, Calif. 2ª, Não sabemos. 3ª, 1465 Broadway, N. Y. C. 4ª, 10th Ave. 55th to 56th Str. N. Y. C. 5ª, Não sabemos.

BRYANT & FAIRBANKS (Itararé) —Façam o favor de ler a nossa recommendação no cabeçalho desta secção e voltem preenchidas as formalidades.

ADÃO FLORES (Santa Maria) — O amigo é como cameleão, muda de nome como quem muda de camisa; illudindo assim as nossas recommendações? Ahi vão: 1ª, Fóra do cinema; 2ª, Na Fox; 3ª, Na Universal; 4ª, Na Metro; 5ª, Nem conhecemos.

BÉBÉ DANIELA (Rio) — E' solteira. O mais não sabemos.

JOSE' DA JUNTA (S. Paulo) —1ª, Ha de tudo como em todas as classes. Não vale a pena é generalisar porque correria o risco de commetter grandes injustiças. 2q, Elsie Ferguson é casada com um banqueiro, T. Clark.

SALATHIEL (Santos)—1ª, 485 Fifth Ave. N. Y. C. 2ª, Compõe-se dos "Big four": Griffith, Carlito, Mary e Douglas nos quaes se juntaram agora Charles Rey, George Arlios a Nazimowa. Do Carlito nenhum ainda até agora. De Nazimova "A casa da Boneca", "Salomé". De Griffith "Way donon East" e "As duas orphãs", são os principaes. De Douglas "Os tres Mosqueteiros" e "Rolim Hoold" os mais recentes. Não ha de que. 3ª, Nada sabemos a respeito. 4ª, Ignoramos. 5ª, Está. Já vimos. E' bom mas não tanto como delle se disse.

SARACURA (Nictheroy) — Quando tiver insomnias assista a um film allemão. E' cura certa.

BAPTISTA JUNIOR (Rio) — Não sabemos.

YPSILONE (Rio) — 18 annos ha uns dez pelo menos. E' o que dizem seus biographos menos discretos.

SAMARITANA (Rio)—No Rialto e no Iris, ao que sabemos.

BELLEZETA (Rio)—1ª, Casado com Bernard During; 2ª, Idem com Fheler Dakman; 3ª, Voltou de facto, mas para a Selzinck, cujos film não vêm actualmente para o Brasil.

SAMUEL SYBIL (Rio) — Em Buenos Aires, fazem parte do programma M. Morhange com os da Goldwyn. Aqui não vem ha muito tempo.

O'BELISCO (Rio) — Não sabemos a que facto se refere.

BELLINHA (Campinas) — 1ª, E' casada, loura, olhos azues, 24 annos. 2ª, Divorciada. 3ª, Idem. 4ª, Solteira. 5ª, Idem.

MANEZINHA (Campinas) — E solteira impenitente e já anda por perto dos quarenta annos. Actualmente com o First National, trabalhando ao lado de Norma Talmadge.

PAULO IZE' (S. Paulo) — Póde ser, mas não acreditamos.

REVERENDO (Sorocaba) — Tem 30 annos justos.

LEBRE (Rio) — E' possivel que ainda este anno.

ROCHA ALAZÃO (Rio) — Não sabemos.

ESPIRITUOSO (Rio) — Póde bem ser que se realizem as suas previsões. Por emquanto porém nada podemos affirmar. Vamos tomar providencias.

ELEPHAS PRIMIGENIUS (Rio) — Com a Fox. Rearl com Path N. Y.

ZEBEDEU (Pitangueiras) — 33 annos.

RIO JIM (S. Paulo) — Já passou. Bom.

VELHAQUETE (Ouro Preto)—Com a Paramount a primeira; a 2ª, afastou-se do cinema.

ZORRO (Rio) — Somos da mesma opinião. Não ha de que.

LUIZ DUARTE (Rio) — E' possivel que quando ler esta já esteja passando.

EZEQUIEL MEDEIROS (Paranaguá) — E' casada com Lon Tellegen, cantora acclamada.

MAÉS ADMIRER (Vaccacahy) —1ª, Com a Metro actualmente. 2ª, E' engano seu.

LABREGO (Rio)—Póde ser que appareçam, mas duvidamos.

RISCARIOCA (Rio) — Não sabem ao certo.

✣

AS FUTURAS ESTRÉAS

(Atravez da critica norte americana)

One clear Call, da Goldwyn, com Claire Windsor, Milton Sills e Henry Walthall é uma historia impossivel, absurda e um absurdo faz com que desappareçam as excepcionaes qualidades dos tres excellentes artistas.

My wild Irish Rose, da Goldwyn com Pauline Starke e Pat O'Malley, é uma historia irlandeza que attrahirá muita gente pela actualidade, quando em scena as lutas dos Fenianos com a Inglaterra. Mais nada.

False Fronts, da Holdkinson com Edward Earle e Barbara Castleton, tem por thema a vida errada das classes abastadas, com pretenções moralistas.

Golden Dreams, da Goldwyn, com Claire Adams, uma porção de bichos de menagerie, etc.

The Glory of Clementina, da Robertson Cole, com Pauline Frederick. Mais *Cinderella.* O argumento não vale lá grande cousa, mas como sempre Miss Frederick revela-se capaz de obter impossiveis, dando interesse aquillo que o não tem.

Our leading citizen, da Paramount, com Thomas Meigham e Lois Wilson é um dos films mais divertidos, de uma producção de varios mezes. E' a historia da politica de campanario com suas perennes lutas em que Thomas Meigham figura ás maravilhas. Lois Wilson de film para film, ganha mais brilho e vivacidade. Theodore Roberts e Charles Ogle excellentes. George Ade, autor, director e actor excepcional, figura com vantagem.

E fica a gente a desejar que elle faça ainda centos de comedias, — satyras como esta em que espalhou fartamente o seu bom humor.

The Woman who walked alone, da Paramount, com Dorothy Dalton, Milton Sills e Wanda Hawley, bem representado, se bem não me agradasse o argumento em

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000
" semestre (26 ns.)	25$000
Estrangeiro	60$000

PREÇO DA VENDA AVULSA

No Rio ....

Nos Estados .... 1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Os films da semana

Os melhores films estão passando no Rialto. Depois da "Marca de Zorro", em que reappareceu Douglas Fairbanks, lá vimos "A rua dos sonhos" do genial Griffith e agora acabamos de ver Mary Pickford n'uma creação notavel do "Pequeno Lord Fauntleroy". Certo entre tantas estrellas do "écran" capazes de arcar com a responsabilidade de tal creação, Mary pareceu a mais capaz. Seu desempenho desde a composição da figura, difficil de manter-se em sua duplicidade, até o menor gesto que deve imprimir á personalidade do faustoso e aristocrata Fauntleroy, através de tantas scenas em ambientes de tamanha sobriedade, Mary interessa a principio e logo depois faz-se admirar, enthusiasmando o seu trabalho.

Mas, é preciso dizer que o *film* é bom em todas as suas particularidades. No Avenida agradou bastante "A porta do paraiso". Super-producção de Cecil B. de Mille, repleta de fantasia, cheia de situações empolgantes, muito luxo, muito gosto e com um conjunto de interpretes admiravel, em que Dorothy Dalton é a que menos brilha mas em que todos os applausos são para Julia Faye, Mildred Harris e Kosloff os grandes creadores da boa producção.

O Odeon, que ultimamente nos tem surprehendido pela escolha feliz de seus programmas, deu-nos mais uma producção do querido Jackie Coogan — *O garotinho*. Das que temos visto é a mais fraca. Interessante, assim mesmo agradou. Não é porém producção para tão notavel interprete. Outro qualquer daria conta do recado...

Dos *films* que passaram pelo *écran* da Avenida com maior reclame, como esses, ainda é preciso notar *Terra em fogo*, producção allemã, no Palais, por Lia de Putti. Mas que devemos falar? E' ainda uma estopada... Ainda uma producção massadora... Não vale gastar tempo em repetir o que tanto já temos dito dessas producções a que o publico volta as costas sem nenhum arrependimento.

No Central passou uma producção argentina "Milonguita".

Interessou o film, sua technica, o trabalho do *metteur-en-scene* mesmo o motivo, embora não desconhecido, foi tratado carinhosamente, agradando. Mas, todos os louvores devem ser dirigidos a sua creadora, Maria Esther Lerena, que é sem duvida uma magnifica *estrella* cujos futuros trabalhos muito devem surprehender.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 9 A 15 DE OUTUBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First National	Odeon	O garotinho (Peck's Bad Boy)	Jackie Coogan	1921	6
Paramount	Avenida	A porta do paraiso (Fool's Paradise)	Dorothy Dalton, Mildred Harris, Conrad Nagel, Theodoro Kosloff, Julia Faye	1921	8
Pathé	Pathé	Agora ou nunca (Now or Never)	Harold Lloyd	1921	6
Hampton Pathé	Pathé	Seu esposo involuntario (Her Unwilling Husband)	Blanche Sweet	1921	4
United Artists	Rialto	O pequeno Lord Fauntleroy (Little Lord Fauntleroy)	Mary Pickford	1921	10
Realart	Parisiense	Um grande amor (Her Sturdy Oak)	Wanda Hawley, Walter Hiers	1921	5
Argentino	Central	Milonguita	Maria Esther Lerena	1922	6
Ufa	Palais	Terra em fogo (Der Brennede Acker)	Lya de Putti	1921	4
Fox	Pathé	Idolos singulares (Strange Idols)	Dustin Farnum	1922	6

que uma rapariga para dar de comer á sua familia se casa com um velho rico.

✣

Sonny, do First National, com Richard Barthelmess é um film que serve sómente para confirmar que Dick é um excellente artista.

Nero, de Fox, com Paulette Duval, Mr. Gretillat e Violet Mersereau, é uma grande visão com pretenções a reconstrucção historica, bem melhor que a "A rainha de Sabá", mas com graves defeitos de photographia. Parece que essas reconstituições historicas já vão cansando a gente, não acham?

Domestic relations, da First National, é uma historia sem pés nem cabeça.

Evidence, da Selznick, com Elaine Hammerstein e Niles Welch. E' o melhor trabalho até aqui apresentado por essa estrella. Film proprio para as mulheres, principalmente.

The black bag, da Universal, com Herbert Rawlinson é melodrama da velha guarda.

The devil's pawn, da Paramount, é um dos velhos films de Pola Negri.

A woman of no importance, film inglez, apresentado pela Selznick não nos interessou apezar do autor do argumento ser Oscar Wilde.

Shackles of Gold, da Fox, com William Farnum, podia ter como sub titulo: "de como a má escolha de argumento e a má direcção deitam a perder a reputação de um artista".

Strange Idols, da Fox, com Dustin Farnum. Temos pena desse artista que parece em plena decadencia, tendo sido outrora um dos favoritos do publico.

✣

RODOLPHO VALENTINO, allegando quebra de contracto por parte da Paramount, deixou de trabalhar para essa empreza. O bello galã diz que, nos annuncios do seu ultimo film "Sangue e Areia", o seu nome não figurava em caracteres do tamanho de uma porta como fôra de prevêr dado o seu reconhecido talento, e sim em caracteres do mesmo tamanho dos utilisados para imprimir o nome de suas *partenaires* Lila Lee e Nita Naldi, desaforo que elle, em absoluto, não estava disposto a aturar, etc. etc. A' vista desse despropósito, julga rescindido o contracto de cinco annos feito com a Famous Players e passará a trabalhar onde como e com quem bem entenda. A empreza, não convencida da justiça das razões allegadas por Valentino, chamou-o aos tribunaes, exigindo o cumprimento do contracto ou o pagamento da indemnisação que, nos seus termos, figura, obtendo sentença a seu favor.

POLA NEGRI deve ter chegado aos Estados Unidos a 13 do mez ultimo. Em vez de trabalhar no studio de Long Island, como a principio se dizia, irá para a California, onde, sob a direcção de Cecil B. de Mille, fará *Bella Dona*.

O PRIMEIRO VESTIDO DE EVA

A fantasia humana commetteu todos os excessos e excentridades em materia de modas.

E' a mais velha historia que data dos tempos mais primitivos da humanidade. Vestidos, joias, pelles, etc., tudo isto inventou a vaidade do homem para embellezar a "obra prima" do Creador.

Porém, tudo isso nunca poude nem poderá eclipsar a formusura, majestade, graça, desse imperial adorno natural com que Deus dotou a mulher, coroando a sua cabeça com o magnifico e formoso manto dos seus cabellos.

Nada de postiço havia sobre o seu corpo, a não ser a maliciosa folha de parreira, primeiro vestido paradisiaco, após o peccado.

Mas tinha o manto esplendido dos seus cabellos, com o qual cheia de pudor se cobriu, desde que soube que amar era um peccado.

Adão ficou "epaté", que é como quem diz "besta", quando a sua gentil companheira, tirando os ganchos, os quaes consistiam de espinhos de plantas, deixou cahir em cascatas de louros caracóes a magnifica cabelleira, que dizem, segundo dados fornecidos pelo proprio Adão, lhe chegava até os calcanhares.

As nossas mulheres de hoje podiam cobrir-se com igual vestuario ao que usava a mãe da humanidade, se, em vez de queimar o pericraneo com essas aguas de grande perfume, devido á grande quantidade de alcooes e silicatos com que, diariamente, arruinam os seus cabellos, usassem em seu logar o maravilhoso Tricofero de Barry, composto de materias sãs, simples, innocuas e de uma acção efficaz e bem patente, que faz porsperar e crescer os cabellos.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA — a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços dos numeros especiaes: 10$000 cada um.

Senhora: cuidae da vossa cutis, acima de tudo, porque tel-a bella equivale possuir a belleza louçã de uma juventude eterna.
Mas, antes de empregar algum producto, assegure-se da bondade da sua qualidade e da efficiencia da sua acção.
O PÓ DE ARROZ MENDEL
tem demonstrado praticamente possuir insuperaveis qualidades como elemento superior da belleza do rosto, pois é facto que, com o seu uso diario, a pelle adquire essa exquisita suavidade, delicadeza e finura, que tanto desejam os rostos femininos.
Importante: O Pó de Arroz Mendel possue uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de crêmes ou pomadas.
Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crême) para as morenas.
Vende-se em todas as perfumarias.
Agencia do Pó de Arroz Mendel: RUA 7 DE SETEMBRO nº. 107, 1º andar, Tel. C. 2741 — RIO DE JANEIRO — Deposito em São Paulo: RUA BARÃO DE ITAPETININGA Nº 50.
MENDEL & C.
Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO DE MENDEL

A graça e a seducção podem ser obtidas e a velhice retardada

A **Belleza** considera-se attingida sempre que se obtem uma perfeição, uma graça, que torne o rosto o conjunto harmonioso e attrahente. Ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um producto verdadeiramente util como o "POLLAH" corrigirão as imperfeições prematuras e retardarão as que são devidas á idade.

Não existe mulher bonita que não sinta o orgulho ferido, quando as amigas deixam de voltar-se para vel-a passar — POLLAH conservará a belleza do seu rosto, muito além da primeira juventude.

O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da fórma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. A cutis deve ser bem unida sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa, porém, de um tom uniforme, limpa, sem manchas, sem pannos, sem asperezas; emfim, deve ter a semelhança da porcellana. Este é o segredo do CRÊME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo, e devido a esse resultado é que o CRÊME POLLAH, da AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana de Belleza), está cada vez mais procurado em todo o mundo.

O CRÊME POLLAH encontra-se na Casa Crashley & C., Ouvidor, 58 e nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho *Arte da Belleza*, a quem enviar o "coupon" abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março, 151 — Sobrado — RIO DE JANEIRO.

(*PARA TODOS...*) — Córte este *coupon* e remetta — Srs. Heinzelmann & C., Reprs. da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março numero 151, Sob. — RIO DE JANEIRO.

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Farinha POLLAH

(Amendoas)

O uso do sabonete é bastante prejudicial. O que succede aos tecidos de lã, que ao contacto da agua com sabão enrugam e arrepiam, succede á cutis, que perde a maciez com o uso constante do sabonete. O sabonete, antigamente, era pouco usado e, ainda hoje as orientaes possuem as cutis mais bellas do mundo, porque não as estragam com alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão. A FARINHA "POLLAH" é inegualavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes. Na Casa Crashley & C. — Ouvidos, 58 e nas principaes perfumarias do Brasil.

Remetteremos gratis o livrinho *Arte da Belleza* a quem enviar o *coupon* abaixo:

PROFESSOR PACIFICO PEREIRA, O DECANO DOS CATHEDRATICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, CUJO ALTO SABER ACABA DE SER RECONHECIDO PELO CONGRESSO NACIONAL DOS PRATICOS, RECENTEMENTE ENCERRADO, QUE O PROCLAMOU "PRECEPTOR BRASILEIRO".

O PRECEPTOR BRASILEIRO

Encerrando os seus trabalhos nesta cidade, o Congresso Nacional dos Praticos quiz honrar um dos seus membros, que deveria ser proclamado, por excellencia, o Preceptor Brasileiro. Tão alta honra e perfeita distincção coube, realmente, a um dos mais illustres homens de sciencia que ha no Brasil, o professor Pacifico Pereira, cathedratico da Faculdade de Medicina da Bahia.

Esse grande e benemerito educador nasceu na capital do importante Estado do Norte, a 5 de Junho de 1846. Estudou ali a medicina e foi um alumno laureado, formando-se em Novembro de 1867. Só não obteve logo o premio de viagem, porque, nessa época, a instituição ainda não havia sido consagrada. Medico, entrou a clinicar e, á sua propria custa, viajou a Europa, frequentando os hospitaes de Paris, Vienna, Munich, Berlim e Londres. Esteve em Edimburgo, onde foi discipulo e amigo do professor Lister, o pae da cirurgia do seu tempo, aquelle que, pela applicação da antisepsia, reformou o velho mundo dos cirurgiões, transformando, pelo methodo experimental, o ensino medico dos institutos onde introduziu as especialisações. Regressando á Bahia, fez um concurso brilhante e foi nomeado professor de uma secção com seis cadeiras. Foi vice-director e mais tarde director do maior estabelecimento de ensino official da medicina no paiz, e chefiou, por longos annos, a redacção da *Gazeta Medica*, cargo de que só se afastou recentemente, quando lhe commemoraram o jubileu scientifico. O professor Pacifico Pereira não é só um grande sabio, que chegou aos setenta e seis annos de idade educando varias e successivas gerações de outros medicos e professores, muitos dos quaes, mais tarde, se tornaram tambem sabios. Encanecido numa vida de labores incessantes, o Preceptor é, ao mesmo tempo, um grande patriota, tendo dedicado a melhor parte da sua vida á organisação do ensino superior. Nunca deixou de lutar, na sua cathedra e nos laboratorios, nos hospitaes e nas tribunas das conferencias, na administração e nas assembléas de classe, contra os governos ignorantes, que vivem na trapaça, no favoritismo eleitoral, no compadrio, nas dependencias aviltantes, fazendo carreira aos mediocres humilhados, empecendo o exito no mundo official, ás inflexibilidades energicas e fecundas, dissolvendo a moral publica, corrompendo os interesses legitimos da communidade, abastardando correlativamente as sympathias dos individuos, espantalho e entrave do progresso da instrucção na sua patria. A esses governos, elle tem enfrentado na critica de idéas, lutando por amor e por civismo, mas nunca lhes recusando o valor da sua collaboração nas reformas educativas que se hão feito e executado.

A sua familia, de largas tradições, conteve outros varões illustres: o grande Manoel Victorino, uma das glorias do parlamento republicano, tambem professor, como o foi Braulio Pereira, e monsenhor Basilio Pereira, aindo vivo, a quem o clero bahiano distingue como uma das suas principaes figuras, todos tres irmãos do venerando Preceptor.

A distincção que lhe vem de conferir o Congresso Nacional dos Praticos, honrando sobremodo esse velhinho abençoado, assignala tambem um dos gestos mais expressivos da cultura da nossa terra.

O BUSTO DO REI ALBERTO NA PRAIA DE COPACABANA

O soberano dos Belgas, quando nos honrou com a sua visita, ia, todas as manhãs, nadar em Copacabana. Os habitantes do lindo bairro, agradecidos, elevaram um pequeno monumento em lembrança da gentileza de S. M.: o busto do real banhista, desde o dia 12, olha o mar, naquelle recanto carioca. E' trabalho do esculptor Laurindo Ramos. O discurso inaugural foi pronunciado pelo Sr. Luiz Carpenter.

ASPECTO DA INAUGURAÇÃO DO BUSTO DO REI ALBERTO NA PRAIA DE COPACABANA

A Commissão que realisou essa homenagem era composta dos Srs. Dr. M. J. Nogueira da Gama, Gastão dos Santos Moreira, J. de Oliveira Machado e Dr. Luiz Frederico Carpenter.

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

Com a presença do Sr. Presidente da Republica, foi inaugurado, no dia 11, o pavilhão da Suecia, no qual, entre as industrias desse paiz amigo, dominam a metallurgia e a electricidade

O PAVILHÃO DA SUECIA

O pavilhão, todo construido de madeira de lei sueca, foi feito em Stockholmo, e veiu para aqui em navio especialmente fretado. E' obra do architecto Torben Grut, em estylo gustaviano.

Do discurso do Sr. Governador da Cidade, ao inaugurar-se o pavilhão sueco:

"A Suecia, com sua irmã xiphopaga a Noruega, são como que as guardas avançadas, uma da entrada do Occidente, para o Mar Baltico, outra da entrada do Oriente para o Mar do Norte, de sorte que ellas são os portos naturaes para os productos do Brasil que procurem o Oriente, principalmente a Grande Russia que ainda não mostrou de que desenvolvimento enorme é susceptivel.

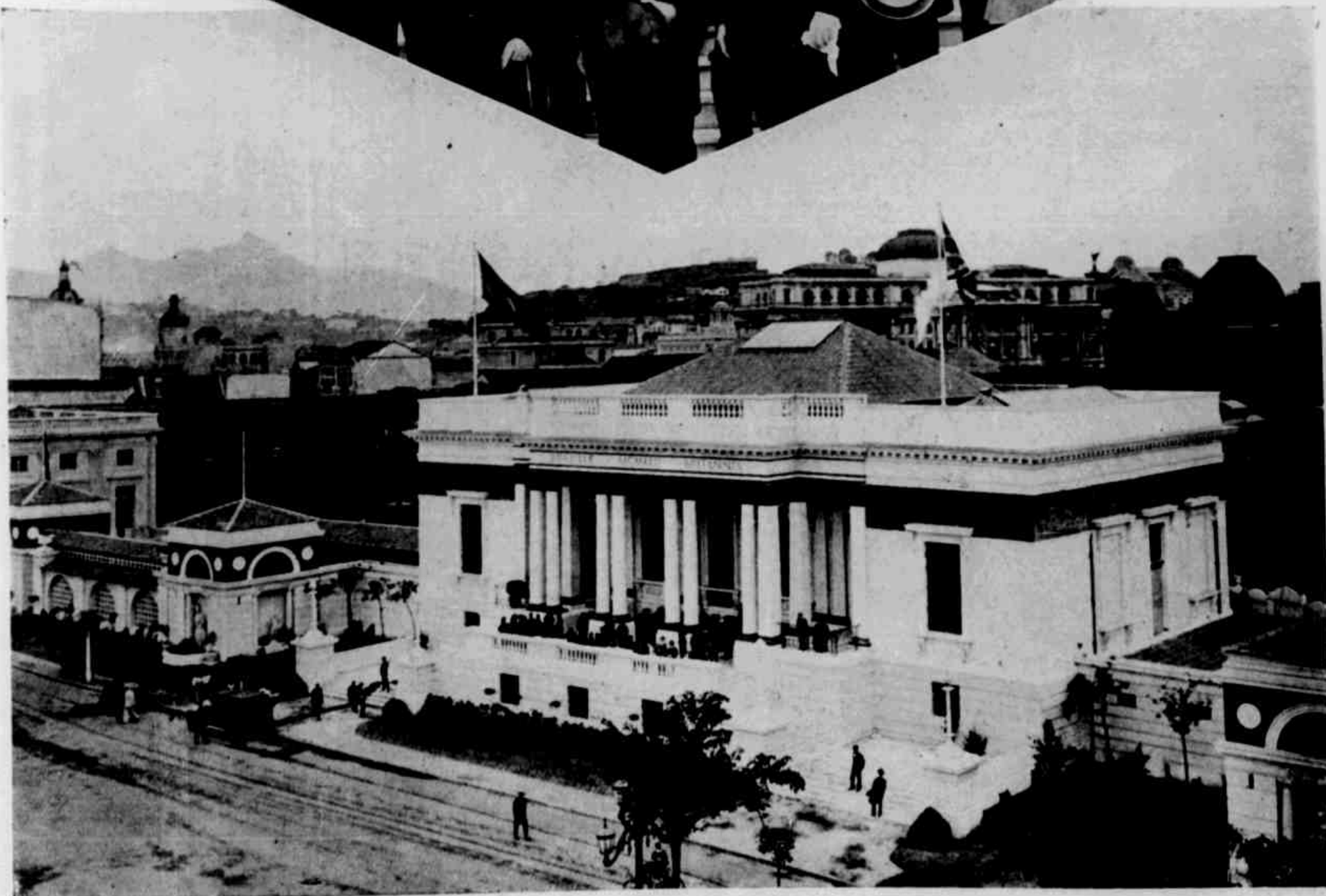
Não póde, portanto, escapar á nossa attenção, a vantagem e o apreço que devemos attribuir á amizade secular da Suecia, a quem apresentamos em nome do governo os mais sinceros agradecimentos pela fórma simples, mas efficiente e significativa por que aqui nos veiu congratular".

O IMPERIO BRITANNICO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

De Sir Philip Lloyd Graeme, director geral do Departamento de Commercio d'Além Mar da Grã-Bretanha, recebeu o Dr. Carlos Sampaio o seguinte telegramma: "Prefeito do Rio de Janeiro — Por occasião da inauguração do Pavilhão Britannico, na Exposição Commemorativa do Centenario Brasileiro, peço venia para offerecer-vos minhas calorosas congratulações pelo magnifico exito da Grande Exposição, organisada sob a vossa direcção, assim como meus maiores agradecimentos pelo vosso auxilio pessoal, sem o qual o projecto do Pavilhão Britannico não poderia ter tido tão satisfatoria execução. Espero que o Brasil veja sempre o Pavilhão Britannico como um symbolo perpetuo da tradicional amizade que une os dois povos, tanto do ponto de vista politico, como do do intercambio commercial".

Do Lord Mayor de Londres, recebeu S. Ex. o seguinte despacho: "Prefeito da cidade do Rio de Janeiro — Os cidadãos, a Metropole, o Imperio Britannico, unem-se nesta occasião unica para apresentar os seus melhores protestos de cordealidade a vós e aos cidadãos do Rio de Janeiro, Capital da Grande Republica do Brasil. E' com prazer que sentimos que a cidade de Londres, pelo seu apoio financeiro, contribuiu de algum modo para o enorme exito que se tornou possivel pela vossa força de iniciativa e de emprehendimento".

O Sr. Dr. Epitacio Pessôa, tendo de um lado os Srs. Embaixador da Grã-Bretanha e o coronel Cole, e do outro o Sr. Dr. Carlos Sampaio.

Quarta-feira, da semana passada, na Avenida das Nações, quando foi aberto o pavilhão da grande nação britannica.

Verso e reverso da medalha commemorativa da fundação do Grande Oriente do Brasil.

Trabalho de gravura do professor Augusto Girardet. Cunhagem feita na Casa da Moeda de Bruxellas.

A. DORET E A PERFUMARIA NACIONAL

Merece applausos a iniciativa do industrial A. DORET, ampliando a fabricação de seus productos de perfumaria. Realmente, não ha exemplo no Brasil de um industrial que tenha com tanto esforço e intelligencia, chegado, no genero, ao fim almejado, pois, inegavelmente, os productos de sua fabricação, entre os quaes "Rosé Brésil", "Lilá", "Deésse", "Sertanejo", "Encantado", "Algumas flores do Brasil", "Ideal Chypre", são eguaes ou melhores aos estrangeiros, custando tres vezes menos o preço d'aquelles.

O bom brasileiro deve, pois, auxiliar essa iniciativa, preferindo sempre os magnificos perfumes de A. Doret.

O escriptor Mucio Leão.

◇

TODA verdadeira commoção de arte nos deixa a alma suffocada. E um largo manto de tristeza nos involve, como num desejo desmesurado, de uma vida excessiva, de um prazer enorme, de uma felicidade apenas entrevista, quasi monstruosa, mas que não póde existir...—*Flécha Ribeiro.*

Na recepção do Sr. Ministro Shia Yi Ding, commemorando o anniversario da Republica Chineza.

A praia de Santa Luzia, ha um anno. Hoje, em logar dos banhistas andam por alli, em terra firme, os visitantes da Exposição.

UMA das curiosas illusões dos sentidos é a que domina os sensuaes. Elles suppõem sempre que é na expressão concreta das cousas que reside o maior grau de sua intensidade. — Entanto, sómente na vida espiritual, pelos multiformes desabrochamentos, é que a volupia chega ao seu auge, ao delirio doloroso. A suprema forma da sensualidade emana das relações espirituaes. E' o espirito que cria as formas enigmaticas do prazer, aclara e diaphaniza as espessuras da materia, enriquece de novos augurios a nossa conciencia da vida animal.

Quantas vezes, uma mulher que não revela grande belleza, nos fascina pela sua emoção do peccado, nos domina e escravisa pela volupia velada de suas idéas, nos encanta por uma especie de *seducção moral* que irradia de seu mysterio, de sua perversidade intencional e indifferente, dos segredos em flor que se abrem na alma como promessas de uma felicidade tão grande que quizeramos não existisse, mas que presentimos só nella existir? —D'onde lhe vem esse intenso poder de exaltação? Que segredos da natureza ella traz nas obscuridades de seu ser, que nem chegue talvez a perceber?

A emoção espiritual dessas creaturas lhes nasce dos abandonos cálidos, da doçura inolvidavel com que proferem cousas simples, e de um tom de tristeza e duvida com que celebram o prazer. São timidas, quasi indifferentes: allucinantes. Mas ha uma alegria occulta, grande e profunda, nessa feminilidade velada, mysteriosa, que o nosso genio amoroso deve desvendar, trazer á luz dos grandes desejos, no temor solicito de quem reduzio, á pequena essencia, todas as forças vivas do Universo. Ellas se destacam pela ausencia das qualidades que selebram as outras...

✣

HA olhares que vexam como uma obscuridade; ha expressões physionomicas que offendem como um ultrage. Nesses momentos de impudor, certas mulheres experimentam o alarme physico de uma violencia.

"Team" juvenil de "water-polo" do Club Icarahy.

Fléxa Ribeiro

O DIA DO ARTISTA

Nunca, como no momento actual, em que a exitencia do theatro brasileiro e sua vitalidade provocam tantas e tão desencontradas discussões, apaixonadas umas e de má fé outras, demonstrativas do mais louvavel interesse e ardor patriotico pelos assumptos em debate, teve a "Casa dos Artistas" opportunidade de demonstrar a sua efficiencia e razão de trabalhar pela intensificação de seu poderio.

A acção da "Casa dos Artistas", não só junto dos poderes publicos e das Emprezas, como da classe em geral, impõe-se, evidenciando por factos incontestaveis o quanto póde concorrer, que unicamente ella, póde promover o desenvolvimento e solidificação do Theatro Nacional.

Arregimentada a classe num gremio beneficente, de tal organisação que póde, incontestavelmente, ser "sui generis" em todo o mundo, ella, pelos beneficios espalhados e pela nobreza dos seus gestos philantropicos, impoz-se tão rapidamente á consideração social, que os poderes publicos, sempre cautelosos em distribuir auxilios e concessões, ainda não hesitaram, até hoje, em attender a um só dos pedidos feitos pela humanitaria collectividade.

De facto, com tres annos de existencia e com uma renda fixa, mais do que mesquinha, a "Casa dos Artistas" tem distribuido aos seus associados e até a etranhos beneficios milhares de vezes superiores ao seu rendimento associativo.

Luiza Satanella, na opereta "A Perola Negra"

E como tem-se operado esse portentoso milagre?

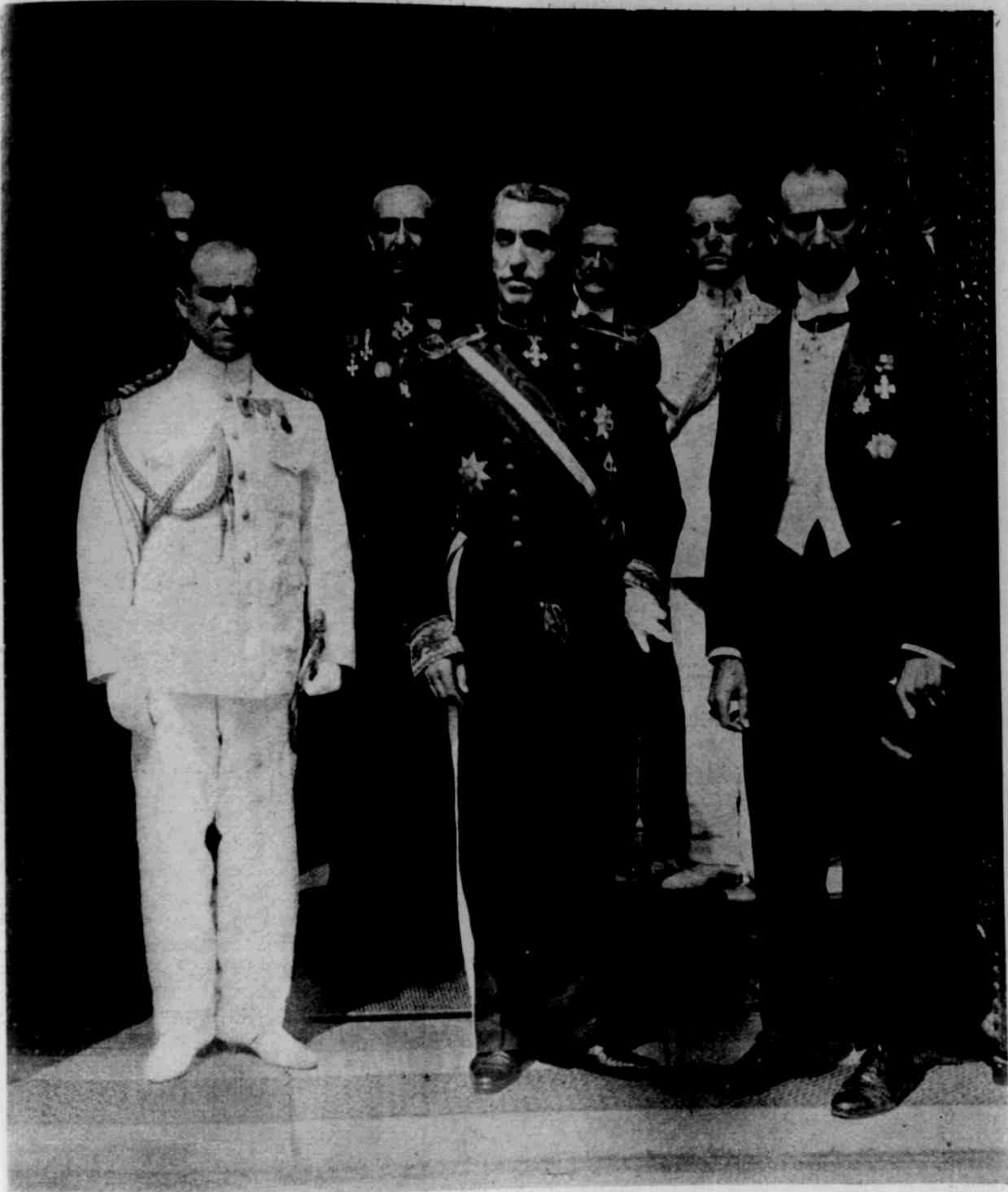
Pela expontaniedade que as directorias têm encontrado na colheita de receita eventual.

E essa expontaneidade só póde ser fruto da illimitada confiança e forte sympathia que a "Casa dos Artistas" tem sabido inspirar a todas as classes sociaes, a cujo auxilio tem recorrido.

Não é, pois, de estranhar que essa confiança, máo grado o pessimismo e a má vontade dos eternos demolidores, se estenda até á etnrega dos destinos do Theatro Nacional aos unicos que, afinal, podem e devem pontificar em tal assumpto: os Artistas Theatraes.

Estas considerações são-nos suggeridas pela actividade que a "Casa dos Artistas" está desenvolvendo para a realisação do "Dia do Artista", cuja consagração deve effectuar-se no proximo dia 30 e que tem por fim augmentar o effectivo dos cofres sociaes com o producto obtido nesse dia por espectaculos, subscripções, offertas, donativos, cedencia de honorarios, auxilio de socios protectores, bemfeitores, provisorios e benemeritos, tombolas, vendas de objectos, tudo, emfim, quanto represente verba, a qual se destina, não só á construcção do Internato de Jacarépaguá para actores velhos, enfermos e invalidos, como para os soccorrer nas suas necessidades de momento, quando careçam de prompto soccorro, e intensificar a acção do orgão da classe em pról do futuro artistico e segurança da manutenção dos componentes da mesma classe.

E', pois, uma cruzada santa que deve ser auxiliada e até prestigiada.

O elenco feminino do theatro Carlos Gomes

ITALIA — BRASIL

O Sr. Vittorio Cobianchi, novo Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario da Italia junto ao nosso governo, quando foi apresentar as suas credenciaes ao Sr. Presidente da Republica.

Banquete que a colonia italiana do Rio de Janeiro offereceu aos principes de Montereale e Villafranca no restaurante da Exposição, ás vesperas da partida de SS. AA. para Buenos Aires.

A CRISE DAS CASAS

ESTAVAMOS, — eu e a familia toda, — encantados com o *chalet* que. ha oito mezes, consegui para habitarmos. Duzentos mil réis mensaes, agua, exgottos e bonde á porta! E, além de baratinho, bairro socegado, jardim florido, quintal nos fundos e quartos arejados, com luz directa! Um páo por um olho. Visinhança de primeira ordem, — gente educada e fina, — não nos dava importancia nem nós davamos importancia a ella. Dia primeiro de cada mez, — molhasse a chuva ou queimasse o sol, — punha o aluguel na mão e dahi partia direitinho para o bolso de quem me dava o tecto. Tudo corria a contento, na melhor ordem e santa paz.

Mas o proprietario tem uma filha matrimoniavel, — bonita de cara, elegante de corpo e toda cheia de nove horas no falar. Arranjou, — o que era natural, — namorado, que passou a noivo e agora vae ser marido. Esta phase de terceiro grão foi para nós um desabamento do predio! O futuro casal, com cubiça, lançou olhos para o immovel do pae. Pae, — é o que nós sabemos, — sempre é pae. Veiu a mim com muitas phrases, muitas desculpas, muitas finezas, mas, esprimido tudo quanto gastou, deu neste amargo sem graça: — que me puzesse a andar! O motivo era justo e não tive outro remedio, — dono manda no que é seu; — portanto, com vontade ou sem ella, só me restava fazer o que fiz. E á semana atrazada, de cambulhada, abalei com a caravana toda: — mulher, trastes, papagaio, gato, cachorro, creados e os dez filhos, — que, em boa hora, o diga, — vão crescendo sem novidade de maior.

A casa nova é velha, — foi a melhor que encontrei. Em compensação, a rua é suja, o aluguel é mais, não tem fundos e a visinhança é de olho activo e sempre acceso. Ao descarregarem as andorinhas, vi uma sujeita abelhuda, moradora fronteira, encarapitada á janella, de binoculo em punho, bisbilhotando os cacaréos e ouvi, distinctamente, que dizia á outra que estava de atalaia, na mesma manobra:

— Isto ha de ser gente de pouco mais ou menos. Pela aragem, vê-se logo quem vem na carruagem: — é tudo abaixo de zéro!

Dahi a pouco, no barbeiro da esquina, — dois passos adiante, — começou um gramophone constipado a saracotear um lundúm de trajes menores... Bonito! Era o que me faltava!... Mas mal sabia eu, que o gramophone, comparado com o que tenho amargado agora, era uma delicia!... Estou até aqui e não aguento mais. Quero me mudar, seja para onde fôr. Mesmo que vá para os quintos do inferno creio que fico menos causticado e mais tranquillo! Sim, já disse, — copiado de outros que já disseram: — o diabo não é tão feio como o pintam! As creanças, — coitadinhas, — como não têm onde brincar, fazem na varanda uma algazarra de terceira ordem em noite de beneficio.

A mulher exgottou a paciencia; anda a bufar como féra em jaula! Por nada dispara. Tenho medo até de olhal-a. Traz o systema nervoso tocado a todo o vapor. Não fala, — berra; não arruma, — quebra; não péga, — atira! A leiteira está sem beiço, o bule sem bico, as chicaras, — nenhuma mais têm aza! Quem vae pagando o pato são os filhos: — mathematicamente, entram em surra antes do almoço e depois do jantar! Trazem o logar que a natureza apropriou a tinir. O *Potóca*, o *Fefêdo* e a *Viróca*, antes de dormirem, assento-os na bacia com agua e sal. E' o que lhes têm valido. Felizmente, vão melhorando aos poucos. Ha, porém, males que veem para bem. O remedio foi santo. Agora, conservam-se quietos. Pudéra: — chinello a roncar com furia não é brinquedo.

O domicilio fica entre duas calamidades: — á esquerda, um typo, sem eira nem beira, que emprega o tempo a aprender piston. De manhã até á noite, sopra sem cansar no canudo bocal! A direita, occupa uma matrona banbuda, tia de uma sobrinha emproada, que é alumna do Conservatorio. Como é muito applicada, até ás vinte e quatro horas, com mãos impiedosas, estuda sem cessar as escalas do piano. No sobradinho fronteiro, installou-se uma republica de estudantes espinoteados, que deram para inticar com a *Xandóca* — uma creoula direita, de dezeseis annos, de quem sou tutor e padrinho. A pobre pretinha, mal põe o nariz na porta, volta a correr pr'a dentro, rosada de vergonha ou pallida de indignação! Não consentem que tome um pouco de ar. Assim que a veem, estão a chamal-a, — não sei pr'a que, e ella tambem não sabe...

A noite, — em toda a parte, — se fez para pregar olho, — menos aqui, neste ninho de ratos, que me custa dez mil réis diarios, fóra o alho! Faz côro com o vizindario a praga dos mosquitos. Ha cada um, de ferrão comprido, que mette medo. São tantos que estou com a cara de fórma que um sujeito, — ignorando a minha conducta, — me aconselhou novecentos e quatorze. Que desaforo! Graças ao Creador e á cautella, tenho sangue limpo, sem precisar de drogas.

Até o *Suspiro* e o *Velludo*, — que eram calados, estão de manguitos de fóra. O *Suspiro* uiva desesperadamente, que causa arrepios e pena; o *Velludo* mia, a suspirar saudades, pelo telhado, onde ia encontrar o objecto dos seus affectos... A' noite passada, tive um pezadello que me boleou da cama abaixo. Sonhei que a minha sogra, — que se finou ha annos, — avançava para mim, com sáia de pintinhas e dentuça á mostra, a fazer-me pirraças com riso escarninho:

— E' bem feito, — dizia ella, — ainda é pouco! Pena tenho eu de não estar viva para te mostrar o que é bom...

Instantaneos de sorrisos...

Que linguinha! Não néga que é mãe da filha. Sempre pensei que a morte lhe abrandasse o genio... Custe o que custar, vou já pr'a rua, correr travessas e beccos, a ver se consigo buraco ou tóca, onde possa metter a mulher, os tarécos, o papagaio, o gato, o cachorro, a pupilla, a creada e os dez filhos, — fructos legitimos do *matremento do sacrimonio...* ou *sacrimonio do matremento*, — que até já nem acerto com o que quero dizer. Si não encontrar, — enforco-me, liberto-me da cabeça antes que ella perca o juizo, pondo-me de todo doido!... — *JOTA SÓ.*

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CARLOS GOMES, NO VALLE ANHAMGABAHÚ, EM S. PAULO

NA secretaria do Instituto Brasileiro de Architectos está aberta concorrencia aos premios estabelecidos pelo Dr. José Mariano Filho, no concurso de architectura tradicional, sob as bases seguintes: Poderão concorrer os profissionaes nacionaes e estrangeiros. O concurso será encerrado no dia 16 de Dezembro proximo, data em que serão recebidos na secretaria do Instituto, á rua São Pedro numero 28, sobrado, até ás 16 horas, os trabalhos em questão. Em envelloppe fechado, sobre o qual se lerá o mesmo pseudonymo, com que estiver assignado o trabalho, será declarado o nome verdadeiro do autor do projecto. Os envelloppes correspondentes a trabalhos não premiados não serão abertos. Foram convidados para julgar o concurso os conhecidos architectos: Dubugras, R. Severo, ambos de São Paulo, e Gastão Bahiano e Cypriano Lemos, do Rio de Janeiro. A commissão se reunirá nesta cidade, no dia 18 de Dezembro. Especificação do concurso: — Premio Mestre Valentim — Projecto de um portão para jardim de casa nobre, em estylo colonial brasileiro. O vão de 2m 20 (dois metros e vinte), de largura, deve ser fechado por esquadria de madeira. Exigem-se desenhos de projecção a lapis ou tinta, sem sombras, na escala de 10 (dez) centimetros por metro, contando de planta, elevação e corte. Pede-se ainda uma perspectiva em qualquer processo de apresentação. Premio Araujo Vianna — Projecto de sofá de alvenaria, que se adapte a um muro plano ou a um fundo de vegetação, em estylo colonial brasileiro, tendo braços e espaldar alto. O comprimento util do assento não deve exceder 1 m,80 (um metro e oitenta centimetros). Os desenhos devem satisfazer as mesmas exigencias do Premio Mestre Valentim. Premio Aleijadinho — Projecto de composição decorativa (em gesso) de um friso com 0m,30 (trinta centimetros) de altura, com motivos estylizados da flora e fauna brasileiras, destinando-se a um alpendre de casa de habitação.

Pede-se o motivo corrente e sua terminação. O tamanho é o natural. Haverá dois premios Mestre Valentim: o primeiro de 1:000$000 e o segundo de 500$000. Os premios Araujo Vianna e Aleijadinho serão de 500$000 cada um e os segundos premios serão, respectivamente, de 300$ e de 200$000.

Embaixadores e Ministros das Nações Americanas de origem hespanhola e homens de letras brasileiros, que compõem a Commissão Central Internacional pró-Monumento á Fraternidade Americana, reunidos, pela primeira vez, numa das salas da redacção da "Illustração Brasileira", a 11 de Outubro.

O Sr. Dr. Pires do Rio, Ministro da Viação, lendo o discurso de inauguração do Congresso Algodoeiro.

Banquete do Sr. Dr. Carlos Sampaio aos commissarios dos paizes que se fazem representar na Exposição Internacional.

CAMPEONATO SUL AMERICANO DE FOOTBALL — BRASILEIROS x ARGENTINOS

Aspecto de uma pequena parte da assistencia colossal e o quadro nacional, vencedor por 2 a o. O primeiro goal, conseguiu-o Néco; o segundo, Amilcar. Kuntz, como sempre, fez defesas assombrosas.

França

Hollanda

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Abertura ás 16 horas
Domingos e feriados ás 14 horas
Encerramento ás 23 horas

Entrada 1$000

Portões de entrada: Avenida Rio Branco e Mercado Novo

Inglaterra

Japão

Pavilhões estrangeiros a serem visitados diariamente até ás 19 e 20 horas: França — Japão — Belgica — Dinamarca — Hollanda — Noruega — Inglaterra — Suecia.

Pavilhões nacionaes a serem visitados até ás 19 e 20 horas: Grandes Industrias, Annexo Districto Federal, Pequenas Industrias, Caça e Pesca.

IMPORTANTE SECÇÃO DA EXPOSIÇÃO A' PRAÇA MAUA'

Pavilhões a serem visitados: França, Belgica, Luxemburgo.

Vôos de hydroplano, com passageiros, sobre a Exposição e a bahia de Guanabara.

Bandas de musica do Exercito, Marinha e Policia.

RESTAURANT — BARS — AUTO-OMNIBUS
DESLUMBRANTE ILLUMINAÇÃO

Belgica

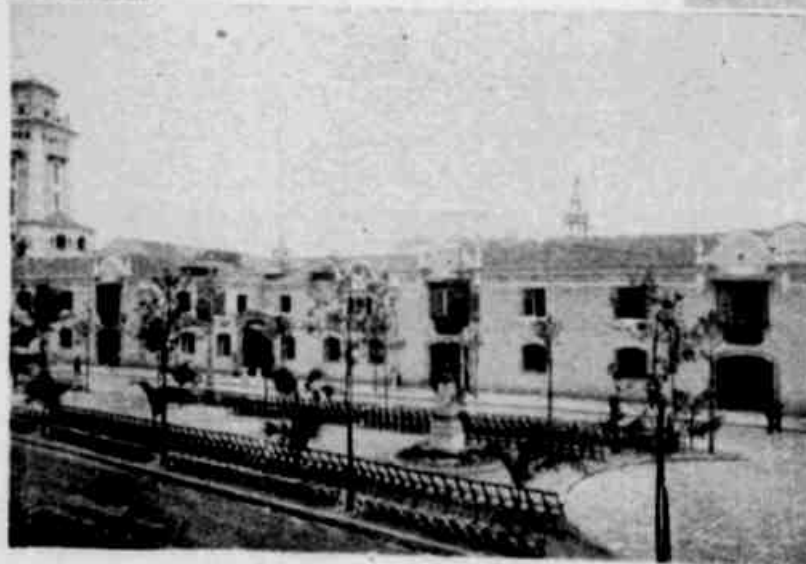
Noruega

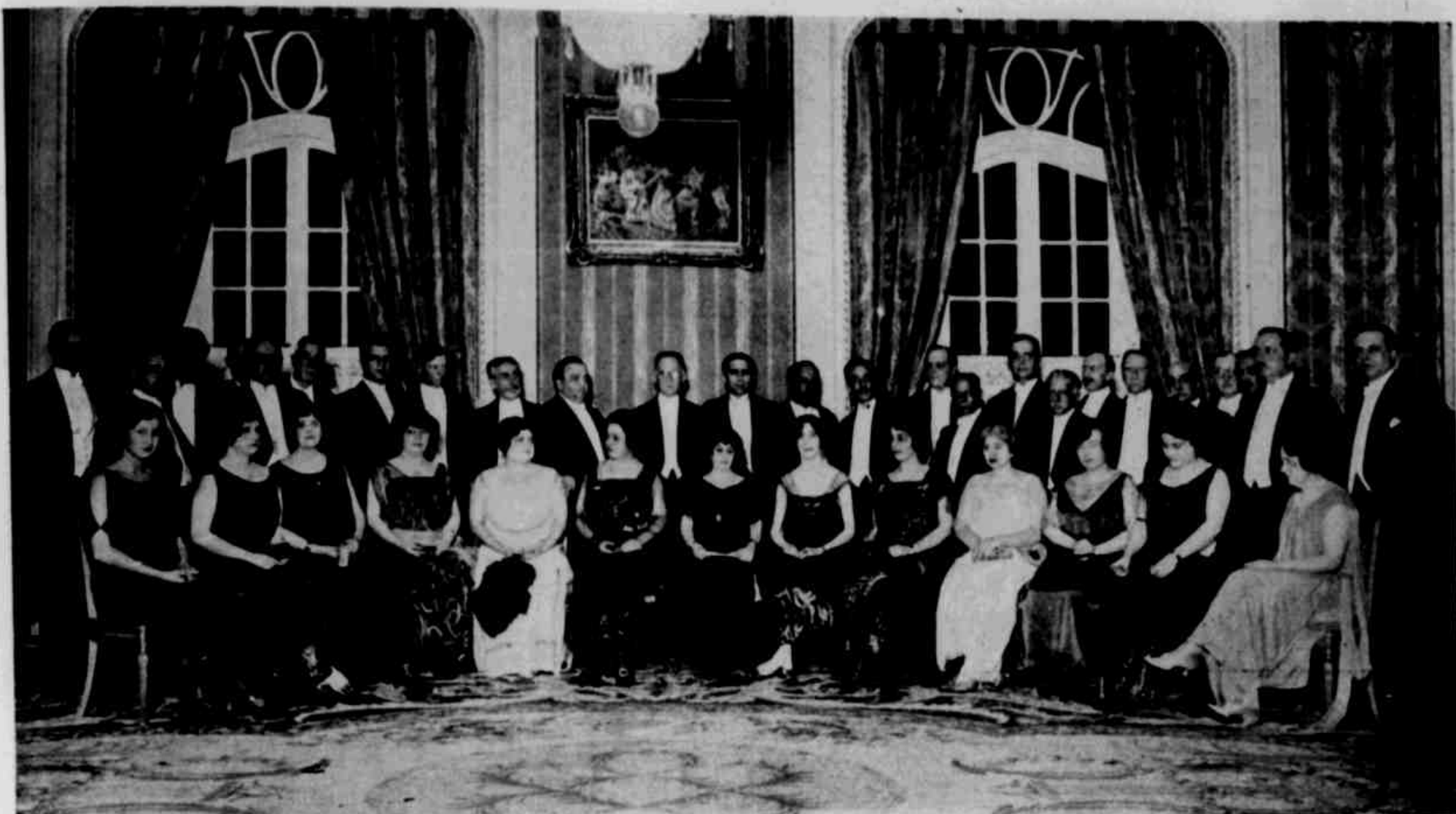
AVISO AO PUBLICO

Para commodidade dos visitantes, que queirem entrar no recinto da Exposição antes da abertura official, encontrarão em cada portão de entrada um "guichet" e duas "borboletas", para accesso ao recinto: a entrada nessas horas é 2$000 ou dois "coupons".

Dinamarca

Suecia

Annexo Districto Federal

Grandes Industrias

Pequenas Industrias

No banquete offerecido pelo Sr. Ministro do Exterior aos delegados estrangeiros á Conferencia da Lepra.

Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada superior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um joven negro desconhecido, de cerca de 18 annos, o qual se abraça aos meus pés, supplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir.

Elle vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o delle, dizia-me, o castigava, e elle tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dôr que ella occultava.

Joaquim Nabuco.

Commissão organisadora do Congresso Pharmaceutico: Dr. Souza Martins e pharmaceuticos Ribeiro de Paiva, Rodolpho Albino, Alvaro Varges, Isaac Werneck, Benevenuto Lima, Silva Araujo (presidente) e Paulo Seabra.

UM GRUPO DE LINDAS

S GIRLS" DA TROUPE MACK SENNETT

Na cidade de São Gabriel, Estado do Rio do Sul: distribuição de bonbons ás creanças pobres, a 7 de Setembro.

Casa onde nasceu José de Alencar, em Messejana, perto de Fortaleza, Estado do Ceará.

CINEMA PARA TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAPHIA

REDACTOR-CHEFE OPERADOR | RIO DE JANEIRO, 21 DE OUTUBRO DE 1922 | COLLABORADORES VARIOS

A NOSSA CAPA

FRANK MAYO é um dos bons artistas que fazem parte da Universal. Casado com Dagmar Godowsky, (filha da grande pianista que ultimamente nos visitou, tocando para o theatro vazio), seus films são dos mais apreciados que aquella empreza edita.

✣ ✣ ✣

No proximo numero — JUSTINE JOHNSTONE.

——————):(——————

Chronica

FITAS...

Com a entrada da "United Artists" melhorou visivelmente o nosso mercado cinematographico que já tem onde escolher boas producções, não sendo obrigado a lançar mão das ..ogas allemãs para complemento de seus programmas.

As marcas americanas mais apreciadas aqui, lá e em toda parte, Paramount, First National, United Artists, Goldwyn, Associated Producers em sua programmação normal, algumas raras da Fox e Universal dão para que não nos tenhamos de queixar muito da sorte. Podia ser peor e já foi muito peor.

Dos films que não vemos ha muito restam a Vitagraph, Metro e Selznick, que passam por nossas aguas com destino á Argentina, mas aqui não param. Algum dia virão, como têm vindo as outras marcas.

A producção franceza que nos tem vindo, com raras e honrosas excepções, é fraca. Restam as allemãs. E' a bagaceira cinematographica do mercado.

Fomos dos que receberam com sympathia essa producção, applaudindo alguns dos seus films, fazendo restricções em outros. Mas agora já não é possivel. O publico hoje quando vê annunciada uma fita allemã volta as costas ao cinema, certo de que é uma pinoia qualquer que o exhibidor lhe vae mostrar. Não ha reclame que lhes valha.

E a melhor prova de sua inferioridade está no insuccesso dos cinemas que as exploram, que trabalham para as moscas e para os empregados.

Technicamente os allemães se avantajam um pouco aos francezes. Mas os argumentos dos seus films são, na mór parte das vezes, idiotas.

Temos recebido innumeras reclamações de nossos leitores sobre os contos cinematographicos allemães, que de algum tempo a esta parte vimos publicando e nos vem directamente de Berlim já traduzidos. Iamos persistindo porém, nessa publicação para demonstrar que não tinhamos preferencias, que só desejavamos servir aos nossos leitores sem indagar da origem, da nacionalidade dos films.

Ultimamente porém começamos a analysar, alarmados com o sem numero de reclamações, os enredos que vinham sendo por nós publicados.

O Dr. Mabuse, cuja publicação concluiu em o numero passado, decididamente excedeu as medidas. Nunca lemos xaropada mais idiota!... Não tem pés nem cabeça aquelle longo mixtiforio que nos consumiu algumas paginas que muito mais utilmente poderiamos aproveitar.

Basta, decididamente!

Esperemos que desappareçam do mercado esses tristes attestados da inepcia de productores e importadores, libertos os exhibidores do fantasma das vasantes com a sua desapparição.

Ha muito onde escolher para que ainda alguem vá tentar obter freguezia por meio de programmas organisados com tamanhas monstruosidades.

OPERADOR.

PORQUE BETTY COMPSON TRIUMPHOU

Betty Compson, *The charming girl*, como a chamam os americanos, é actualmente a primeira figura da téla.

Porque Betty venceu na cinematographia ?

— Porque é bella — dirão uns.

— Porque é verdadeira artista — outros dirão.

— Porque reune em si belleza e talento — dirão os perfeitos observadores.

E Betty tinha certeza de triumphar.

Desde pequena tinha mostrado vocação para artista. Com a morte de seu pae, Betty precisava ganhar a vida, e então entrou para um theatro, fazendo papeis secundarios.

Depois, com a dissolução da companhia, foi contractada para trabalhar como banhista da Christie, passando logo para as Christie Comedies.

Tempos após ingressou na Pathé New York, trabalhando no film *The terror of the Range*, com George Larking. Acabado o contracto, iniciou uma serie de comedias para a Universal, de onde sahiu para actuar como *leading-woman* de Thomas Meighan no grande film *The miracle man*, com o qual ganhou fama.

Nesse film Betty se revelou admiravel, e a critica unanime a elogiou.

Famosa então, organisou companhia propria, fazendo *Prisioners of love*.

Voltou para a Paramount, onde até hoje se acha.

Para essa fabrica fez films maravilhosos, como *At the end of the world*, com Milton Sills; *Little Minister*, de Barrie; *The green temptation*, *Over the border* e *The bonded woman*. Uma pellicula de Betty Compson é successo certo, porque Betty procura dar um cunho de realidade ás scenas, e interpreta tão bem o seu papel que nada deixa a desejar, pelo contrario, faz augmentar o já grande seu numero de admiradores.

A carreira de Betty, como se vê, foi accidentada, porém a sua grande força de vontade fel-a vencer.

A belleza nem sempre triumpha, haja visto o caso de Justine Johnstone, que sendo muito linda, não obteve successo, e Gloria Swanson, que não sendo bella, é hoje uma das mais queridas estrellas da téla.

Betty triumphou porque é encantadora e tem o verdadeiro sentimento artistico.

Betty Compson *is really a charming girl*.

F. B.

✣ ✣ ✣

Thomas Ince annuncia haver contractado com o First National a distribuição de nove producções : *Skin Deep*, com Milton Sills, Florence Vidor e Marcia Manon; *Anne one to love*, com Madge Bellamy, Cullen Landis e Noah Beery; *The Hottentot*, com Douglas Mac Lean, Madge Bellamy e Raymond Hatton; *Jim* (titulo provisorio), com Margueritte de la Motte, Milton Sills e John Bowers; *The broterhood of Hate*, com Lloyd Hughes, Frank Keenan e Margueritte de la Motte; *A man of Action*, com Douglas Mac Lean, Margueritte de la Motte e Raymond Hatton; *Sunshine trail*, com Douglas Mac Lean e Edith Roberts; *Bellboy Thirteen*, com Douglas Mac Lean; *Lorna Doone*, com Madge Bellamy, John Bowers e Frank Keenan.

✣ ✣ ✣

Em *The Flirt*, da Universal, os principaes papeis femininos são desempenhados por Helen Jerome Eddy e Eileen Percy. A direcção é de Hobart Henley.

✣ ✣ ✣

The Spanish Jade, da Paramount, com David Powell e Evelyn Brent, produzido na Inglaterra, é elogiado pela critica ingleza quanto á interpretação e á technica, se bem o argumento seja julgado fraco.

A taça da vida

(THE CUP OF LIFE)

Film da Associated Producers — Producção de 1921

Direcção de *Thomas Ince*

DISTRIBUIÇÃO

Bully Brand........	HOBART BOSWORTH
Chan Chang.........	TULLY MARSHALL
Lavry Donovan......	Monte Collins
Pain...............	MADGE BELLAMY
Rod Bradley........	NILES WELCH
Molly..............	Mac Wallace

OPINIÕES DA CRITICA

E' um film que por força empolgará a assistencia; a direcção aproveitou o enredo obtendo admiraveis effeitos.

Moving Picture World.

Este film offerece ao excellente artista admiraveis opportunidades para uma interpretação sensacional em que revela não só suas qualidades physicas como artisticas.

Exhibitor's Trade Review.

Interessante em todos os seus detalhes.

Motion Picture News.

Boa producção muito acima da media commum dos films.

Wid's.

Quarenta annos de uma vida palpitante, emocionante, tumultuária, quarenta annos de lutas e tormentos em terra e em mar, tinham por fim levado John Brand, Brand, o "Valentaço", ao romantico porto de Singapura, tão cheio de um colorido oriental. Ahi, o valente estava no seu elemento. O bruto era agora dono de um cahique, para a pesca ás ostras, a bordo do qual era senhor e dono, a bordo do qual governava com um vergalhão de ferro a mais brutal, a mais selvagem de quantas tripulações se fariam encontrar em qualquer dos sete mares.

— Dizem por ahi que eu sou o melhor e o mais feliz pescador de perolas de todo o mundo — disse elle um dia. — E' bem verdade. Mas porque? Porque sei tirar mais vantagem da minha gente do que nenhum outro commandante dos que eu tenho conhecido. Disciplina, disciplina. Esse é que é o bom credo! Administrem á tripulação, amiudo e cedo, uns murros bem firmes, uma bota bem cardada, um aguilhão ou um couro reforçado, e verão que os malandros obedecerão mais, trabalharão mais do que se o chefe tiver em grande conta as suas susceptibilidades e os engabelarem, a todo o proposito, com palavras assucaradas. O melhor mestre que eu jámais conheci, aquelle a quem mais devo, aquelle com quem mais aprendi, foi um latagão scandinavo que me achatou o nariz não sei quantas vezes, me arrancou quatro dentes, e me desmontou não sei quantas costellas, — tudo no correr de uma viagem que não chegou a durar um mez! Era um typo que entendia ás direitas o que é a disciplina; e é o seu exemplo que eu hei-de seguir até o dia em que não mais pizar o assoalho de uma embarcação!

— Mas será realmente necessario tratar o pessoal com a brutalidade com que o Sr. o trata? — perguntou o individuo que conversava com o brutamontes.

— Se é necessario?! Absolutamente necessario! Boas perolas havia eu de arranjar numa estação, se não trouxesse os meus homens cheios de medo de mim! — retorquiu Brand.

— Mas porque? Essa gente é dada a roubar? — inquiriu o interlocutor do papabrazas.

— Dada a roubar... Dada a roubar, é uma expressão amavel, no que se refere a essa gente que prefere passar um dia sem comer a passal-o sem botar as mãos ao alheio. Não ha um pescador de perolas sobre esses mares — Malaio, Chinez, Japonez ou Javanez — que não fosse capaz de roubar as flores do caixão da propria mãe, se lh'o pedisse qualquer serigaita de saias! No que diz respeito ás perolas, então, esses canalhas pensam que

Em Singapura. As proezas de Brand.

têm direitos sobre qualquer perola que apanham, só pelo facto de que são elles que mergulham e as trazem para cima! — bramiu Brand.

— Homem, quer me parecer que essa convicção tem sua razão de ser!... — respondeu o outro homem.

Brand, o "Valentaço" arrancou o cachimbo e assestou uns olhos incredulos no individuo que aventurava essa ponderação. O clarão de colera e de odio que lhe fuzilavam nos olhos fez parecer, por um momento, que elle ia atirar-se á garganta do outro homem e fazer-lhe engulir o pensamento audacioso. Depois, como se reflectisse que o outro era um pobre de espirito, inteiramente inconsciente do que dizia, Brand retorquiu:

— Razão de ser?!... E onde é que está a tal "razão de ser", se me faz favor? Esses farroupilhas de mergulhadores porventura não se lhes paga? Não ganham gordos salarios, quer seja a pesca boa ou má? E com que é que elles ganham o pão? Não é com o navio, com o material de outro homem, com tudo quanto é fructo do capital que empregou esse outro? Desgraçados! Não lhes fornecessem a isca os mestres, e estariam por ahi a morrer á fome, á beira de alguma praia!

— Mas parece que me disseram que essa gente já mergulhava, á busca de perolas, muito antes do homem branco apparecer por estas bandas, — ponderou de novo o outro homem.

— E'... E apanhavam então a quinta parte das perolas que agora apanham... Nesse tempo, estes piolhos do mar não tinham os confortos que têm hoje, nem aconchegavam o estomago tres vezes por dia! Deviam era agradecer aos seus deuses pagãos que o homem branco viesse ensinar-lhes a viver!... — respondeu Brand.

— Está bem. Fiquemos por aqui, pois somos capazes de discutir meia hora, e não chegar a conclusão alguma. Uma vez que o Sr. consegue proteger-se contra as depredações dos homens que tem sob o seu mando, isso é que é o essencial; — respondeu indifferentemente o outro individuo, um touriste americano, na apparencia.

— Ah, não ha duvida que eu sei olhar pelo que é meu, e garanto-lhe que não ha, a bordo do meu barco, mergulhador algum a quem passe pela cabeça roubar uma só das minhas perolas! Não, que a lição que apanhou de Ling Chee foi boa, e elles ainda a têm de memoria! — fez Brand.

— E que foi que o Sr. fez a Ling Chee? — perguntou, voltando-se outra vez para Brand, o Americano, cujo interesse estas ultimas palavras haviam novamente avivado.

— Ling Chee? — repetiu Brand, com um riso secco e perverso — O bandido um dia, sahiu do mar trazendo uma perola em cada mão, e conforme a nossa lei, tinha direito a um trago de rhum, visto serem as duas perolas de dimensões acima da média. Notei porém que o bandido, ao revés de manifestar ruidosamente o seu contentamento como era o seu costume, se mantinha um mysterioso retrahimento, sem pronunciar palavra. Logo comprehendi,

e disse de — mim para mim: "Trazes na mão duas tetéias, não ha duvida, mas garanto que trazes encondida na bocca uma terceira, melhor do que qualquer das duas!". Atirei-me então a elle, e apertei-lhe o gasnete até elle botar para fóra um bom palmo de lingua. Não foi preciso mais para que elle deixasse cahir no convez do barco uma das mais lindas perolas em que jamais pousei os olhos. Os outros apreciaram a scena, de bocca aberta. Então, para escarmento de todos, arranquei pela raiz a lingua do maldito chinez! O bandido ainda anda a pescar perolas por esses mares desgraçados, mas lhe garanto que debaixo da lingua nunca mais uma só perola elle ha-de esconder! Nem elle, nem nenhum outro dos meus homens!

Pelos mares do mundo, onde se procede á pescaria de perolas, corre de ha tempos immemoriaes uma bizarra lenda. Diz ella que todo o individuo que se dá a esse officio, se nelle chegar a envelhecer, será um dia recompensado com uma perola de valor tão grande que não mais precisará de trabalhar. Brand, o "Valentaço" já muitas pescas notaveis havia feito, mas continuava na brécha, esperançado de algum dia apanhar coisa digna das suas façanhas, e que o faria viver, por seculos, na memoria dos homens da sua industria. Ora como até o diabo tem o seu dia, tambem chegou finalmente o dia em que, das proprias mãos tremulas daquelle Ling-Chee que elle tão cruelmente mutilara, Brand recebeu uma perola como nenhuma mais bella haviam visto os mais velhos mergulhadores daquellas paragens. Uma pequena esphera maravilhosa, de faiscante belleza, que representava uma fortuna immensa. E Ling-Chee a entregou ao homem que o fizera mudo para o resto dos seus dias, e lhe roubara o precioso dom da palavra com os seus olhos obliquos tão accesos de odio que metteriam medo a qualquer menos a Brand, o "Valentaço".

Chan-Chang e a filha

Não precisou muito tempo para que a noticia da valiosa descoberta de Brand se espalhasse por toda a cidade. Da Porta dos Suspiros á rua da Matutina Estrella, desde a Alameda das Almas Perdidas á Avenida dos Rouxinóes ninguem falava de outra coisa. E Brand, o "Valentaço" do dia para a noite, tornou-se uma especie de Deus a quem conviria propiciar com mesuras e sorrisos, porquanto elle era, sem temor da duvida, o dilecto dos deuses.

No correr do tempo, a noticia chegou a penetrar na Rua dos Mandarins, onde ficava o palacio de Chan-Chang, um commerciante fabulosamente rico que só vivia para o goso tranquillo do seu cachimbo no jardim dos fundos de casa, e para ruminar sonhos phantasticos a respeito da sua filha adoptiva Pain, uma donzellinha branca que era a menina dos seus olhos e a quem elle queria mais que á propria vida.

Quando Chan-Chang teve informação da maravilhosa perola de que Brand era possuidor, occorreu-lhe á lembrança o esplendido collar que elle andava reunindo para sua filha Pain, e logo assentou fazer uma visita áquelle demonio estrangeiro, e pedir-lhe que lhe consentisse examinar a extraordinaria perola. Se ella fosse tão linda como diziam as noticias, compral-a-hia, fosse por que preço fosse, para o lindo collar da sua filha.

Dias depois de haver formado essa resolução, Chan-Chang installou-se no seu jinrikesha e fez-se conduzir ao local onde Brand, o "Valentaço", costumava passar as horas que lhe sobravam da direcção do trabalho da sua gente. Aconteceu Brand estar presente quando Chan-Chang ali chegou, e o commerciante logo lhe fez saber que lhe seria agradavel ter um momento a sós com elle, numa casa de vinhos das circumvisinhanças.

O valentão ficou curioso de saber o que lhe poderia querer o chinez, e assim logo mandou dizer que iria ter com elle dahi a poucos minutos. Assim fez, e depois que ficaram sós, o chinez debruçou-se sobre a mesinha a que estavam sentados e disse-lhe:

— Chegou ao meu conhecimento, Filho do Céo, que sois possuidor, desde ha dias, de uma perola portentosa. Deixas-m'a ver, Dilecto dos Deuses?

Brand deixou-o falar, fitou-o por um longo minuto, e respondeu:

— Ouça aqui, Chan: o Sr. fala o inglez melhor do que muitos homens brancos. Fala-o como um livro aberto, e conhece mesmo a lingua com mais fundamento e precisão do que tantos homens da minha raça. Peço-lhe pois um favor: deixe-se dessas historias de Filho do Céo e Dilecto dos Deuses, que eu não vou para isso... Se quizer conversar commigo, fale claro e direito como sabe, e guarde para outro esse palavriado chinez que não é nada do meu gosto, — entende?

— Entendo muito bem e estou de accórdo. Mas pensei que o Sr. estava ao par dos costumes do meu paiz, e estava-lhe dispensando as deferencias com que os meus compatriotas costumam honrar os estrangeiros, — respondeu o chinez gravemente.

— Ah, sei bem de tudo isso, mas não gosto dessa algaravia. Quero que o Sr. fale direito commigo. Vamos lá a saber: que pretende o Sr. de mim?

— Gostava de ver essa sua perola de que todo o mundo anda falando ha tantos dias! — disse Chan-Chang no inglez mais livresco em que sabia exprimir-se.

Em resposta, Brand, o "Valentaço" metteu a sua manopla cabelluda pela abertura da camiza e de lá arrancou um pequeno sacco de séda, que trazia suspenso ao pescoço por um fio de couro claro. Delle tirou uma perola tão linda que, ao vel-a, o chinez até empallideceu de pasmo. Longos minutos esteve o chinez a apreciál-a com todo o interesse de um conhecedor entendido, depois do que declarou:

— Diga o preço que quer por essa joia, eu lh'a comprarei.

— Não pretendo vendel-a, — replicou o mata-mouros.

— Não pretende vendel-a? E que vae então fazer della? perguntarei, se me dér licença.

— Vou proceder a algumas experiencias, nada mais, — retorquiu Brand.

— Experiencias?! Francamente, não o comprehendo! — exclamou Chan.

— Tampouco calculei que o Sr. comprehendesse... Ora o Sr. nada tem que ver com o que porventura eu pretendo fazer do que é propriedade minha, mas uma vez que o Sr. é, como eu, um homem educado, um dos raros homens de educação que andam por esta banda do mundo, sempre lhe quero dizer. Aqui ha noites li um livro de fundo muito moral, em que se dizia que a bondade e a virtude são uma funcção natural em certas pessoas. Dizia o auctor que ha mulheres, por exemplo, em quem a virtude é tão instinctiva que ellas não saberiam ser más, nem que quizessem. Ora, a minha idéa é guardar esta perola até algum dia encontrar uma mulher tida por incorruptivel. Verei então se a consigo corromper por meio desta perola. E' a unica ambição que tenho, em relação com o meu valioso achado, — respondeu Brand.

— Não é lá uma ambição muito nobre, ouso dizer, — respondeu o chinez com um vago toque de indignação na voz.

— Talvez não, mas agrada á minha phantasia, — respondeu Brand.

— Vamos, deixe-se de chiméras. Dê um preço generoso á sua joia, e eu lh'o pagarei. Entre guardar em thesouro para realisar um mão proposito, e ter no bolso uma boa maquia, não ha que hesitar! — insistiu o chinez.

— Fazer o mal, ensinar os outros a fazer mal, incitar ao mal e pratical-o, são tudo coisas muito do meu gosto. E' do

mal que eu tiro o meu prazer, e portanto prefiro guardar a minha perola e consagral-a ao mal, a metter no bolso o seu dinheiro, — respondeu o valentão em ar de desafio.

— Mas não reflecte que é uma coisa monstruosa servir-se para um proposito perverso, de uma dessas coisas de ideal belleza, creadas por Deus? Não lhe parece que isso seja um sacrilegio? — perguntou o chinez.

— Nunca encarei o caso por esse prisma, e provavelmente jamais o encararei,— disse Brand a rir.

— O Sr. é um exquisitão, Sr. Brand. Oxalá o Céo seja para comsigo benevolo e lhe mostre o erro do seu modo de pensar, a tempo do Sr. se poder arrepender! — concluiu o chinez, levantando-se já para partir.

Brand respondeu-lhe com um franco riso de escarneo que lhe bailava ainda no carão sanguineo, ao levantar-se e encaminhou para a porta os seus pesados passos.

Nos dias da sua mocidade, antes que a sua vida de bravatas e maleficios lhe houvesse endurecido a consciencia ao ponto de o tornar indifferente ás censuras e aos principios do bom viver, John Brand cortejara e obtivera por esposa, de um modo viril e honroso, uma boa moça que lhe déra um filhinho. Este filho viera ao mundo ao preço da vida materna, e quando a pobre mãe morreu, com ella desappareceu tudo quanto encadeiava a natureza selvagem de John Brand á decencia e ao respeito de si mesmo. O rapaz foi baptisado com o nome de Rod, e quando chegou á edade propria, foi posto no collegio sob o nome de Rod Bradley. O rapazinho fez na escola progressos identicos aos que fez depois na universidade, enchendo de satisfação a Brand que, vigilante, se inteirava de tudo quanto dizia respeito ao joven estudante.

O rapaz tinha Brand tão só por seu tutor. Maculado de peccado, enraizado no crime, não queria o valentão que o filho soubesse que tinha semelhante pae. E tanto mais se empenhava Brand por enganar nesse particular a Rod quanto — coisa assaz curiosa — Brand, o "Valentaço", queria mais bem ao filho do que a nenhuma outra coisa sobre a face da terra, amando-o, idolatrando-o talvez por ser elle são, honesto e meigo — numa palavra tudo quanto não era o pae. A idéa de haver dado a vida a um rapaz como aquelle, era frequentemente fonte de grande consolação para Brand, que no silencio da sua alma, se envergonhava ás vezes do que era e do que fôra.

Quando finalmente Rod Bradley se formou, Brand consentiu que elle viesse reunir-se em Singapura ao seu "tutor", e cheio de contentamento, immediatamente tratou Rod de aproveitar a autorização. Quando elle chegou, e Brand lhe falou, e o viu, e conversou com elle, mal poude acreditar que aquelle ente fosse filho da sua carne e do seu sangue, e a partir de então, mais do que nunca, tremeu á idéa de que alguma das suas sombrias aventuras chegasse aos ouvidos do rapaz e o levasse a desprezar seu pae.

Para Rod Bradley cuja existencia quasi inteiramente se passara entre as solemnes paredes de escolas de disciplina severissima, viver em Singapura era agora como viver num paiz de fadas. A vida pareceu-lhe acolhedora e doce, mais doce ainda depois que elle veio a conhecer Pain, a filha de Chan-Chang. Desde o primeiro momento, um se sentiu attrahido pelo outro, e pouco tempo depois, não era segredo para ninguem que os dois se namoravam.

Agradar a Pain passou a ser desde então a maior ambição de Rod. Assim, quando um dia lhe perguntou de que modo lhe podia provar o seu amor, Pain contou-lhe do esplendido collar que seu pae adoptivo lhe estava preparando e ao mesmo tempo lamentando que, só porque um certo individuo não quizera vender a seu pae uma certa perola, ella se visse privada de ter, desde agora, o collar em seu poder.

— Alcança-me aquella perola, meu Rod, e saberei então, sem duvida possivel, que me amas! — disse em voz quente e apaixonada.

— E quem é que tem essa perola, de que falas? — perguntou Rod.

— O Sr. Brand, o teu tutor, — respondeu Pain.

— Pedir-lh'a-hei, mas não posso dizer se elle m'a dará ou não, — disse Rod receioso.

— Louquinho! Mas eu tambem não quero que elle a dê! Convence-o a vendel-a a meu pae, seja por que preço fôr, e deixa o resto por minha conta, — disse Pain.

— Ah isso é mais facil. Vou fazer já o que queres: dá-me só um beijo que me dê animo e inspiração para convencer o velho!

Nessa noite, depois que ficaram sós, Rod sentou-se á janella com o seu cachimbo e ficou a meditar, os olhos engolfados na treva. Brand observava caladamente, o mancebo, e porque o amava, logo comprehendeu que qualquer coisa o affligia. De algum tempo a esta parte dera em chamar Rod, brincando, de "filho" e ainda desta vez repetio o tratamento que adoptara por gracejo.

— Dize, filho: que é que te afflige? Vamos, bota isso para fóra, e talvez te valha de alguma coisa o conselho de um velho como eu.

Rod hesitou um momento e depois, um tanto confuso e precepitado, disse:

— Está bem. Ahi vae a verdade em quatro palavras: Conversando com Pain hoje, disse-me ella que seu pae vem, desde ha annos, colleccionando perolas para um esplendido collar, de que lhe fará presente, depois de prompto. Falta-lhe agora apenas uma perola. Disse-me Pain que o Sr. tem essa perola, mas que não quer abrir mão della; pediu-me então que o convencesse de vendel-a a seu pae.

Eu ponderei-lhe que o Sr. é um homem a quem difficilmente se abala nas suas resoluções, e que não era muito provavel, uma vez que o Sr. não desejava renunciar á perola, que a vendesse, só por eu lhe pedir. Que acha? Poderei induzil-o a vender ao pae de Pain a preciosa gemma?

— Vendel-a, não. De resto, o velho Chan-Chang, rico embora como é, não teria dinheiro que chegasse para pagar aquella perola, — respondeu Brand.

— Pois então só vejo um remedio para Pain: é renunciar ao seu colllar..., — disse tristemente o mancebo.

O "Valentaço" pousou os olhos longamente em Rod sem pronunciar palavra, e contemplando-o, acudiu-lhe a idéa de que equelle rapaz, amanhã, quando elle morresse, viria a ter tudo quanto era seu. Com uma voz meiga que era bem rara nelle, disse então:

O pagamento da perola

— Querias muito que Pain viesse a ter esse collar?

— Se queria!... — repetiu o rapaz com vehemencia.

Brand mergulhou a mão no peito e tirou para fóra o saquitel de sêda, do qual se não separava nunca. Do interior do sacco, retirou um pequeno objecto rebrilhante, de um branco dourado, e pol-o nas mãos do mancebo com estas palavras:

— Está bem, filho: amanhã de manhã levarás isso á tua pequenina Pain.

O rapaz deu dois pulos, e fitando logo depois a Brand, tartamudeou:

— Mas... mas o Sr. disse ainda agora que... que Chan-Chang não tinha dinheiro sufficiente para comprar esta perola!...

— E não tem mesmo, meu rapaz. Não ha homem algum na terra que tenha dinheiro sufficiente para comprar uma coi-

(*Termina no fim da revista*)

Um dia glorioso

(ONE GLORIOUS DAY)

Film Paramount — Producção de 1922 — Direcção de James Cruze.

DISTRIBUIÇÃO:

Ezra Botts	WILL RODGERS
Molly Mc. Intyre	LILA LEE
Bento Wadley	Alan Hale
Ek, o espirito	John Fox
Pedro Curran	George Nichols
A sra. Mc. Intyre	Emily Rayt
Bert Snead	Clarence Burton

A historia que te vou contar, leitor, é uma historia senão extraordinaria, pelo menos extranha. Se és espirita, has de achal-a perfeitamente natural, não será novidade para ti. Mas tambem é possivel que não sejas espirita, e é o que me leva a contal-a. Não julgues, porém, que exijo que lhe dês credito. Não; longe de mim tal pensamento; desejo apenas que me acompanhes na interessante viagem que sou obrigado a fazer para encontrar um espirito indispensavel ao desenvolvimento desta narrativa. Deixa-te estar commodamente recostado no macio divan em que fazes a digestão; as malas? deixa-as onde estão. Façamos a viagem em espirito, o que é infinitamente mais pratico. Bem, estás prompto? Não t'o dizia eu? Assim, em espirito, em vez de sermos obrigados a descer essa fatigante escadaria, podiamos dar um salto pela janella sem risco de partir os ossos. Não te enfureças contra esse trinco emperrado. Ainda que não pudessemos passar pelas frestas das venezianas, fica sabendo que um espirito tem o dom de passar através a materia com tanta facilidade como o teu corpo atravessa o ar. Agora posso dizer-te onde vamos: vês a Via Lactea ? E' a primeira étapa da nossa viagem. Não te espantes nem tenhas medo. Vês? sem sentir, quasi sem querer, já aqui estamos; não percas tempo em contemplações inuteis. Sim, é bello, mas não podemos demorar-nos. Tomemos á esquerda... Eis-nos chegados. E' aqui o reino dos que ainda não nasceram. Sim, todos esses espiritos que mal divisas, essas fórmas impalpaveis que nos cercam são espiritos curiosos que, cansados da vastidão do infinito, entediados da sua condição de espiritos, esperam uma opportunidade para encaixarem-se em um corpo humano. De instante a instante, vês tu, um delles parte com uma rapidez mais que vertiginosa, inconcebivel. No mesmo instante, em qualquer região da terra um ente humano vê a luz do dia. Sigamos um desses que partem. Vamos; vamos acompanhar esse, que chamaremos Ek. Mas, vejo que estás fatigado, pois voltemos ás tuas commodas poltronas onde eu te contarei a viagem de Ek.

Após uma viagem longa de noventa mil milhões de milhas, Ek tocou a terra em uma pequena povoação dos Estados Unidos, chamara Random, na California. Chegou tarde, porém, para penetrar no corpo gorducho de um bébé que acabava de nascer. Disposto, entretanto, a não perder a proxima vez de encarnar-se, resolveu permanecer em Random. E, para distrahir-se, dispoz-se a estudar as principaes personalidades da cidade.

Espantou-o, logo a principio, observar que a raça humana deixa-se animar por homens da especie de Pedro Curran, o chefe politico do logar. Commodamente invisivel, Ek ouviu a conversa travada entre os politicos do grupo de Curran, em que este apresentava a candidatura de Ezra Botts, orador official da Sociedade Espirita de Random.

O professor Botts era um homem timido e pacato, que só pensava em livros, sempre prompto a prestar um serviço a quem quer que fosse. Pedro Curran que o conhecia, sabia que, eleito intendente, Botts só faria o que elle Curran quizesse.

A terceira pessoa que Ek conheceu, foi Bento Wadley, rapaz rico e extravagante, escravo dos seus caprichos, respeitado e admirado pela força extraordinaria que possuia.

Ek sympathisou immediatamente com o professor Botts, e foi o que o levou a acompanhal-o ao salão da Sociedade Espirita. Ezra Botts fazia uma conferencia em que pretendia provar a these seguinte:

"Não são as almas dos finados que movem as mesas, mas sim almas vagabundas dos que ainda não tiveram corpos".

O auditorio parecia pouco disposto a deixar-se convencer e o professor foi obrigado a prometter uma prova do que affirmava.

— Pois bem — declarou elle ao terminar a conferencia — provarei o que disse. Amanhã, ás 10 horas, o meu espirito abandonará o corpo e virá assistir á sessão.

Ek traçou immediatamente o seu plano. O corpo do professor não era bem o que pretendia. Irrequieto e amigo de aventuras como era, melhor lhe conviria por certo, um corpo robusto como o de Bento Wadley, do que a carcassa do professor. Mas não havia onde escolher. A's 10 horas estaria prompto para, apenas abandonado pela alma, apoderar-se do professor. Tinha um dia de espera. Eram dez horas; o melhor que podia fazer era travar conhecimento com a cidade, para poder dirigir sem engano o corpo que pretendia possuir no dia seguinte.

Ek não perdeu tempo. O primeiro logar

Bento Wadley e Molly Mc. Intyre

que attrahiu a sua attenção foi a taverna. No "Club do Mocho", assim se chamava ella, não obstante a lei da prohibição, a cerveja era moeda corrente. Ali se reuniam os vadios de Random, isto é, os ricaços como Bento, os politicos como Curran e os amigos da propriedade alheia.

Do "Club do Mocho", indo em seguimento de Bento, Ek penetrou pela primeira vez em um salão de dansa. Aquelles pares enlaçados a voltearem compassadamente, causaram-lhe um profundo espanto, o que não obstou que desejasse possuir tambem um corpo para entregar-se a um divertimento que os homens pareciam idolatrar.

Ao sahir do "Club do Mocho", Bento dirigiu-se para a pensão em que morava o professor. E ahi, com a confiança de um homem que conhece o prestigio do dinheiro, pediu Molly Mc Intyre em casamento.

Molly, a mais bella moça de Random, era filha de Anna Mc Intyre, a dona da pensão, e, segundo Bento, deveria acolher com transportes de alegria o pedido do rapaz.

Tal não foi, no emtanto, o que se deu. A moça pareceu contrariada a principio e não se animando a recusar para não ver expirar a alegria de que sua mãe se achava possuida, pediu algum tempo para pensar. O que ninguem poderia suspeitar, é que Molly, havia muito, dera o seu coração ao professor Botts. Era inacreditavel, mas era verdade; apezar da figura antipathica do professor, sempre mal vestido e mal penteado, Molly conseguira descobrir o coração de ouro que se occultava sob aquelle exterior desleixado.

Ezra Botts, pelo seu lado, sentia-se attrahido para a rapariga por um affecto poderoso, mas que elle, na sua desconfiança de si proprio, occultava no silencio. A proposta de Bento abalou-o profundamente, mas nada transpareceu no seu semblante simplorio. Aconselhou a moça a acceitar, convencido de que Bento a faria feliz. Julgando os outros por si, não acreditava fosse Bento tão máo como o pintavam. No dia seguinte pela manhã, porém, ao reparar que Bento cortejava outra moça, dirigiu-lhe uma admoestação bondosa, que Bento aggradeceu, quebrando-lhe os oculos e fazendo-o cahir. O professor revestia-se de

A posse do corpo do professor

paciencia e resignação, perdoando-lhe as rapaziadas, como elle dizia. Quem não se podia ter de indignação era Ek.

Lamentava não possuir um corpo para pregar um par de bofetadas na cara do malvado. Mas, este não perderia por esperar.

Um outro desgosto veiu affligir o pobre professor. Os seus inimigos espalhavam boatos sobre os seus intuitos, quando fosse intendente, torcendo o sentido dos artigos publicados pelo professor no jornal da localidade. Desgostoso, o professor escreveu uma carta a Pedro Curran recusando o cargo; a carta ficou aberta sobre a sua mesa de trabalho, porque, na occasião de fechal-a, um ruido de vozes que altercavam fez-se ouvir na sala. O professor acudiu.

Bento Wadley, praguejava, alcoolisado e colerico, emquanto Molly, tirando do dedo o annel de noivado, dizia-lhe:

— Não me caso com um ebrio!

Em vão procurou o professor reconcilial-os. Bento sahiu, batendo a porta depois de haver atirado o charuto á cara do professor; este voltou aborrecido para o seu quarto.

A hora da experiencia approximava-se. Ek, attento, esperava. O professor concentrou-se. Alguns minutos se passaram. Depois, aos olhos espirituaes de Ek, a alma de Ezra Botts deixou o corpo immovel e encaminhou-se para a porta. Mas logo, em vez de sahir pela porta, atravessou a parede e achou-se na sala, deante de Molly, que não o via.

Molly estava vestida para sahir e o espirito do professor "viu" para onde ia. Ia, a chamado de Bento, fazer companhia á senhora Wadley, que estava doente. A alma do professor "viu" a cilada. A mãe de Bento partira para Portland e o rapaz, sózinho em casa, embriagado, attrahia Molly para humilhal-a e fazel-a acceitar pela força o amor que repellira.

Molly não podia ouvir o que dizia o professor para salval-a, mas um presentimento extranho fel-a hesitar. Quando, porém, a influencia do professor cessou com a sua sahida, ella encolheu os hombros, rindo-se do seu medo, e sahiu.

A alma do professor Botts dirigira-se para a Sociedade Espirita, onde todos esperavam com impaciencia, que se manifestasse. A's 10 horas em ponto, apresentou-se ao auditorio, que não o podia ouvir nem ver e declarou:

— Aqui estou, meus senhores e minhas senhoras; que demonstrações quereis que eu faça?

— Cinco minutos depois das dez e nada. Falhou a experiencia, foi a resposta dada pelo presidente. Os assistentes retiraram-se todos, não obstante os berros que a alma do professor julgava soltar.

Desilludido, voltou para a pensão. Mas teve uma ultima decepção ao encontrar o seu quarto vazio. O corpo havia desapparecido.

Apenas sahira do quarto a alma do professor, Ek apressara-se em tomar posse do

(Termina no fim da revista)

A influencia do espirito

INNOCENCIA

(LOVE'S BOOMERANG)

Film Paramount — Producção de 1921
Direcção de John S. Robertson

DISTRIBUIÇÃO

Perpetua . . . . . . ANN FORREST
Russel Fenton . . . John Miltern
O *signor* Lamballe . Roy Byford
Jane Egg . . . . . . Amy Willard
Brian . . . . DAVID POWELL
John Diamond . . . D. K. Webb
Mme. Lamballe. . . Florence Ward
O palhaço Augusto . Tom Valbergue

OPINIÃO DA CRITICA

Bons artistas e excellente direcção tem esta producção Paramount.

Morning Picture World.

Deve adquirir popularidade entre os espectadores.

Exhibitor's Trade Review.

Encantadora comedia-drama e excellente direcção.

Film Daily.

O enredo um tanto complicado, mas a direcção esplendida.

Motion Picture News.

Quando o pesado portão do convento, batendo surdamente de encontro aos batentes, occultou a visão encantadora da moça, Brian sentiu uma solidão medonha, um vacuo terrivel fazer-se em torno de si. Era a primeira vez, desde tantos annos, que se separava de sua filha adoptiva. Custara-lhe resolver-se a internal-a em um convento, mas soubera reprimir as lagrimas virilmente, antepondo ao amor que lhe dedicava o interesse da educação da joven.

Fez um esforço para dominar o sentimento que o empolgava; mas o perfil lacrimoso de Perpetua voltava-lhe insistente á memoria, tal como a vira, a dizer-lhe adeus, tentando sorrir por entre sa lagrimas, nos braços carinhosos da superiora.

Agora, sentia um prazer amargurado pela saudade, em recordar todos os incidentes de sua vida desde que nella penetrara a figura radiosa da menina para alegrar sua existencia de solitario.

Via-se seis annos atraz, quando a fortuna começava a sorrir-lhe, quando a gloria volvia os olhos para o até então modesto e desconhecido pintor que era. Morava no bairro pobre de Londres, nesse bairro onde fôra buscar os aspectos dantescos da miseria, que haviam de cercar-lhe o nome de gloria.

Perpetua apparecera-lhe, então, na figurinha insignificante de uma creança de dez annos, loura e linda, mais linda ainda nas suas modestas e miseraveis vestes. E a alma sensivel e avida de affectos do artista abrira-se para receber o anjo que vinha illuminal-a. Morta sua mãe, Perpetua fôra buscar refugio nos braços que lhe abria o pintor. E este não cuidára do pesado encargo que teria ao adoptar a menina desamparada. Do pae de Perpetua, desapparecido quando a filha tinha apenas cinco annos, não havia noticias. Julgavam-n'o morto havia muito.

Bem pago se considerava o pintor do que fizera pelo amor que lhe dedicava a creança. Rico e só, vivia para satisfazer-lhe os menores caprichos. Um dia, resolveu leval-a para a França; mas não se fixou em logar algum: atrahia-o a vida vagabunda, de cidade em cidade, de villa em villa, através os campos e as serranias, embriagando-se de ar puro, longe do ambiente impuro de Londres.

Perpetua tornara-se uma menina robusta e corada, alegre e despreoccupada, pensando apenas em cantar, correr, bailar e agradar ao pae adoptivo. No Sul da França, depois de um espectaculo do Circo Lamballe, Brian incorporou-se ao circo, acompanhando-o em sua peregrinação. Fizera-se proprietario de um elephante amestrado, e a esse titulo seguia por toda a parte o Senhor Pierre Lamballe, o "maior" emprezario do maior circo do mundo.

Boas creaturas os Lamballe. Tinham pela menina verdadeira adoração, no que eram imitados por todos os artistas do circo. Soffreram as bôas almas quando Brian lhes communicou o seu intuito de levar a menina para um convento, afim de dar-lhe a educação que a sua fortuna lhe permittia. Mas reconheceram a justeza desse designio e approvaram-n'o.

Agora, lá estava ella, a sua filha querida, por longo tempo...

Entretanto, o pae de Perpetua vivia, e vivia em França. Individuo sem principios, caracter máo e traiçoeiro, servido por uma ambição sem limites, desposára a mãe de Perpetua para satisfazer um capricho. Depois, abandonára-a e á filha, iniciando uma carreira de crimes, á frente de um grupo escolhido de habeis malfeitores, que elle eliminava sem a menor ceremonia logo que o incommodavam. Russel Fenton não era, como se póde pensar, um malfeitor ordinario. Os seus methodos eram especiaes. Homem de sociedade, insinuante, conversado, impunha-se á amizade dos jovens inexperientes, para, com facilidade, captando-lhes a confiança, transferir suavemente para as suas algibeiras a fortuna das victimas.

Por essa época, tres annos passados da data em que Perpetua entrára para o convento, Russel Fenton conseguira ganhar a confiança de um joven rico e estroina, John Diamond, o qual, fraco de vontade e alquebrado de corpo pelos excessos de uma vida desregrada, deixava-se dominar inteiramente pelo rapinante. A sua cegueira foi ao ponto de fazer um testamento, em que legava vinte mil libras ao "amigo". Conhecedor dessa disposição, Feuton empregava-se com afinco á tarefa de apressar o embarque de Diamond para a eternidade, incitando-o a desrespeitar

A vida ambulante do pintor e sua filha adoptiva...

as prescripções medicas, apontando-lhe o alcool como panacéa universal.

Entre os cumplices de Fenton, um havia que elle denunciára e fizera prender annos atraz. Chamava-se Christiano e jurára vingar-se do trahidor.

Russel, porém, soube prevenir a ameaça, pondo-o ao corrente da operação que executava, excitando-lhe a cupidez com a esperança do ouro de Diamond. Esse homem constituira-se a sombra de Fenton, e não o deixava, com receio de nova trahição. A longa espera fazia-o desconfiar e não deixava de incitar Fenton a desembaraçar-se, immediatamente, do rapaz.

Entre as relações de Brian, contavam-se Fenton e Diamond. Não os ligava nenhuma amizade particular, mas simples relações amistosas. Brian lastimava em Diamond um futuro brilhante compromettido pelos desregramentos de uma vida sem methodo; e recebia-o com prazer.

Ao sahir do convento, Perpetua era uma linda moça, completamente differente da menina de ha tres annos. Brian ficou deslumbrado ao vel-a apparecer no seu vestido luxuoso e simples, a um tempo que lhe desenhava as formas harmoniosas, o lindo rosto emoldurado de cabellos louros e sedosos, os olhos azues, profundos e meigos.

Não menos intensa foi a emoção de John Diamond. Fenton contemplava com

Acompanhando o circo Lamballe...

Ao sahir do convento, Perpetua...

satisfação os rapidos progressos que fazia o amor no coração do rapaz; e preparava a sua cartada decisiva.

Perpetua, informada pelo pintor da situação do joven Diamond, comprazia-se em tel-o por companheiro nos seus passeios pelas margens do Tamisa, onde Brian tinha a sua habitação fluctuante.

Um dia, Brian conversava com Perpetua ao mesmo tempo que fixava na tela um dos ridentes aspectos que se descortinavam do alto terraço de sua casa. Um barco veiu encostar á escada e Diamond saltou. Perpetua despediu-se do pintor e correu para fóra. Pela primeira vez, Brian sentiu um repentino mão humor, que delle se apoderava e surprehendeu-se a lançar um olhar mão a Diamond, que caminhava alem, entre os arbustos da margem, ao lado da moça.

Surprehendeu-se, dizemos, porque era a primeira vez que elle via claro no seu coração. O amor que dedicava a Perpetua não era o amor paternal, amor do homem que lhe servira de pae desde tenra infancia... Não, esse sentimento que provocava o ciume que sentia naquelle momento, era amor, amor de homem pela mulher, um amor absoluto. Ficou estupefacto. E ella? Amal-o-hia ella como elle a amava? Ou sentiria ainda a antiga affeição filial... Não, não era possivel. Ella sabia que nenhum parentesco a prendia ao pintor... Mas, como saber?...

Emquanto Brian revolvia na mente essas reflexões, Diamond, ajoelhado na relva, ao lado da moça, fazia-lhe a confissão do seu amor e pedia-lhe que consentisse em ser sua esposa. A moça ouvia-o calada, partindo entre os dedos a relva em torno; elle disse-lhe a sua vida, supplicou que o salvasse da morte que o viria ceifar em plena mocidade se não tivesse alguem que o obrigasse a regenerar-se. Perpetua reconhecia a desesperada situação de Diamond e foi a compaixão profunda que lhe inspirava o infeliz que a levou a assentir.

— Pois sim, declarou ella, mas antes iremos contar tudo ao meu pae.

(Termina no fim da revista)

Amor indissoluvel

(THE CRADLE)

Film Paramount — Producção de 1922 — Direcção de Paulo Powell.

DISTRIBUIÇÃO

Margaret Harvey. .	ETHEL CLAYTON
Dr. Roberto Harvey	CHARLES MEREDITH
Doris Harvey . . .	Mary Jane Irving
Lola Forbes. . . .	Anna Lehr
Courtney Webster. .	Walter Mc Grail
Mrs. Mason	Adele Farrington

Depois de sete annos de matrimonio, a vida do Dr. Roberto Harvey e de sua esposa Margarida tinha se tornado cruelmente monotona. Cessára a loucura primaveril do amor e vinha chegando o outomno, que era o fastio amoroso. Os pequeninos detalhes da vida quotidiana ensombravam as horas que passavam, e o lobo de que fala o proverbio — a carestia da vida — rondava não longe da porta do "bungalow" habitado pelos Harvey. O esposo e a esposa, seguindo hora após hora a insipida rotina das coisas, mal se apercebiam do que lhes faltava. E' verdade que Margarida tinha momentos de dissimulado azedume, e Bob quasi era consciente de que o seu natural optimismo se transformara a uma determinação sinistra de triumphar na vida; mas era só, e iam passando os dias.

O unico laço que os prendia, o unico ponto radiante das suas vidas sem colorido, era aquella criança. Doris, na exuberancia dos seus seis annos, com a sua alacridade espontanea, com as tragedias comicas que ella propria inventava e representava, era a unica alegria dos dois. Só ella distrahia o pae da constante premencia do trabalho; só ella sabia chamar um sorriso aos labios da mãe enfastiada. Mesmo as pequenas afflicções da vida, para não falar das grandes, alliviava-as a sua presença. A expressão do seu pequenino rosto, glorificado pela innocencia da sua infantilidade, era como uma benção para aquelle lar.

A não do casamento encontrava frequentes escólhos na sua derrota; mas, dentre elles, ha dois subtilmente perigosos: a "Monotonia" e a "Economia forçada". Margarida enervava-se, descontentava-se ante aquella necessidade de fazer gravitar a sua vida entre o fogão e o cesto da costura. E Bob aborrecia-se quando, ao propor uma ida a um theatro, a um concerto, ella respondia invariavelmente que não podiam arcar "com semelhante despeza". Ao seu espirito super-sensitivo, integralmente masculino, afigurava-se que nessas palavras da esposa havia uma censura por elle não ter ainda triumphado da vida, definitivamente.

Era o momento psychologico opportuno para a apparição de outra mulher, e o Destino — coisa singular! — está sempre prompto a dar auxilio quando esse momento psychologico sobrevem. Foi só o Destino, com effeito, que atirou na vida do joven medico essa Lola Forbes, — joven, extranhamente bella, tão esturdia e buliçosa como linda. Esgotada de bailes, de festas, de "sauteries" generosas em champagne e "jazz music" após haver ingerido o sal da vida em demasia, estava agora sob a ameaça de um collapso nervoso, e por conselho de uma de suas amigas, fôra procurar o Dr. Harvey.

Foi um desastre não ser Harvey um homem mais velho e de menos attractivos, porquanto era norma de Lola dizer sempre: "Não posso tolerar os medicos, a não ser que sejam muito sympathicos!" Egualmente desastrosa foi, no caso, a circumstancia de estar Lola entediada da sua côrte de admiradores, e andar á caça de novas sensações. O medico, com aquella sua gravidade juvenil, differençava-se, porém, muito dos bailarinos, que lhe faziam habitualmente roda, e de que ella estava mais que saciada. Assim, durante a sua convalescença, não havia opportunidade que ella despresasse para o enfeitiçar com as artes do seu encanto, para o seduzir pelo seu modo impressionante de vestir, para o tentar pela suggestão consciente do seu physico. O mobiliario sensual do seu aposento era tão differente do mobiliario simples a que se tinham habituado os olhos do medico no seu singelo "bungalow"! Ella vivia num ambiente de conforto, onde nunca se ouvia soar uma palavra de economia ou de prudencia. E qualquer homem, mesmo mais forte do que Harvey, teria succumbido a tanta belleza, a tanta graça, quando mesmo não lhe désse valor uma tão linda moldura!

Bem raro é que uma sogra contribua para desfazer os embroglios de um lar matrimonial em perigo. E quando a mãe de Margarida — aborrecida a proposito do testamento do marido, recentemente morto — foi em visita á filha, foi ella a gotta que fez transbordar o calice em que Harvey guardava as suas reservas de paciencia e resignação.

Desde esse dia, o seu lar, a sua vida domestica, aborreceram-no ainda mais, e sob pretexto de trabalhar num hospital proximo, todas as noites elle ia para casa de Lola, e se apaixonava mais e mais por ella.

Comquanto, porém, Margarida Harvey já não despertasse o interesse de seu marido, outro homem havia bem consciente da belleza, dos encantos da esposa que elle esquecera.

Courtney Webster cortejára Margarida muitos annos e nutrira a esperança de a ganhar por esposa até o dia em que ella dera o seu coração a Harvey. Raras vezes se haviam visto nesse periodo de sete annos desde o casamento de Margarida, e pela primeira vez se tornavam a falar, quando a esposa solitaria levou a mãe a consultal-o sobre as questões legaes que tanto a preoccupavam. A presença de Margarida avivou, porém, a chamma que nunca chegára a morrer no coração de Webster. Doris, que acompanhava a mãe e a avó, teve talvez a intuição disso, pois

Disse-o e fel-o penetrando desassombradamente em casa dos Webster.

E Bob aborrecia-se, enervava-se...

manifestou desde logo a sua aversão por aquelle desconhecido, uma aversão que, interrogada, a pequenina não soube explicar.

A lisonja é o falso dinheiro a que a vaidade dá circulação. E Bob Harvey, que continuava a passar as suas noites junto de Lola Forbes, era mais susceptivel á lisonja do que a maioria dos homens. Numa noite ella disse-lhe:

— Que bella profissão é a sua ! A' sua chegada, todos se sentem mais felizes! Um medico — accrescentou com um sorriso tentador — um medico sabe sempre comprehender!

E Harvey acreditou em Lola.

✣ ✣ ✣

Foi no dia dos annos de Bob que a crise sobreveiu.

A familia, que não duvidava delle, preparara-lhe um jantar festivo e uma série de surpresas. Surpresas, não de grande monta, é bem verdade; uma caneta-tinteiro uma gravata, uma meia duzia de lenços de seda, um bolo de anniversario. A maior de todas as surpresas, preparara-lhe porém, Doris que aprendera a tocar no piano a sua primeira "peça". Foi justamente quando a menina começou a tocar, que quasi timidamente, Margarida pousou a mão no braço do marido, e lhe disse com meiguice:

— A tua presença aqui em casa, uma noite inteira, quasi me faz lembrar de outros tempos, Bob!

Bob acenou que sim com a cabeça, e assumindo uma expressão grave, tirou do bolso o relogio. Surprehendeu-o a hora que era. Não julgava que fosse tão tarde. Quando a menina acabou de executar a sua "peça", Harvey levantou-se de improviso, e sem uma palavra sequer de estimulo ou de applauso á pequenina, voltou-se para as duas senhoras:

— Sinto muito ter de deixar a festa em meio — disse — mas acabo de me lembrar de que tenho uma coisa importante a fazer no hospital. Farei, porém, diligencia por voltar cedo.

E, numa anciedade, que mal podia disfarçar, retirou-se da sala.

Mãe e filha, depois que elle partiu, conservaram-se mudas longo tempo. Foi, afinal, Doris que rompeu o silencio:

— Papae não bateu palmas! — disse, chorando.

Não é preciso dizer que Bob seguira de sua residencia para casa de Lola. Inteiramente fascinado como estava, não se podia sentir bem longe della, nem mesmo na noite do seu anniversario. Tambem ali o aguardava uma surpresa — um lindo relogio de pulso, de platina, presente da seductora.

Enternecido pela attenção della, pela sua estonteante proximidade, Bob arrebatou-a nos braços e beijou-a sequiosamente. Era o principio do fim.

E foram-se escoando as horas da noite, Bob cada vez mais arrastado na vertigem da paixão, Margarida á espera pacientemente, em casa, diligenciando illudir o tempo, com a leitura de um livro. Foi justamente quando ella percorria esse livro sem entendel-o, que o telephone communicou um chamado de urgencia para o medico. Telephonando a toda pressa para o hospital, onde seu marido devia estar, foi-lhe então informado que o Dr. Harvey por ali não passára aquella noite.

E Margarida sentiu-se, como é natural, perplexa primeiro, admirada depois, suspeitosa por fim. Seu marido, quando finalmente chegou á casa, se encarregou de lhe confirmar as desconfianças.

— Deu-se um accidente — disse Margarida — e procurei falar comtigo para o hospital...

Deteve-se, significativamente, após estas palavras, á espera...

E nos breves segundos que essa espera durou, assomou ao rosto de Bob uma expressão má.

A partir desse momento não houve mais segredo para nenhum dos dois. Quasi sem pronunciar palavra, Bob deu costas e retirou-se da sala, atirando de passagem o sobretudo no espaldar de uma cadeira. Havia na lapella uma rosa, e de um dos bolsos emergia a correia do relogio de pulso, com que o brindára Lola. Machinalmente, Margarida puxou pela correia, examinou o relogio e um milhão de pensamentos lhe puzeram a mente em turbilhão.

✣ ✣ ✣

Foi no dia seguinte, quando a compras, que Margarida se encontrou casualmente com Courtney Webster, que conduzia o seu proprio carro e alvitrou leval-a á casa. Como estivesse com as mãos cheias de embrulhos, Margarida acceitou com satisfação o offerecimento. Quando elle depois suggeriu darem um passeiozinho para "varrer as teias de aranha", Margarida annuiu ainda. Pobre mulher! Bem precisava ella de que lhe varressem as teias de aranha que lhe pejavam o cerebro!

Foi por mero acaso — pois que Webster era por demais franco para lançar mão de ardis dessa ordem — que succedeu passarem os dois á porta do aposento de Lola, precisamente quando os dois desciam o passeio para tomarem o carro do medico.

Ardil que fosse, justificar-se-ia porém, uma vez que Webster estava loucamente apaixonado por Margarida. Quando Bob e Lola desappareceram no caminho, a espo-

Encontrou a menina gravemente doente.

sa desilludida sentiu bem toda a significação do seu desalento, e immediatamente pediu ao advogado que a conduzisse á casa. Ali, ao despedir-se delle á porta, disse-lhe com uma voz alterada pelas lagrimas:

— Quando na vida de uma mulher casada sobrevem uma coisa destas, o que dóe não é só a infidelidade, — disse lentamente, como se ponderasse as palavras. — A esposa é tambem um pouco a mãe de seu marido, e instinctivamente lança sobre si as culpas do mal que elle pratica!

Webster apertou-lhe a mão, como se quizesse confortal-a.

— Não, Margarida, — respondeu Webster. — Se não fosse Lola Forbes, seria alguma outra mulher! Harvey tem simplesmente se mostrado indigno de si e da pequena Doris!

Calou-se um momento, e logo depois:

— Estes annos em que a tenho visto, cada vez mais triste, mais infeliz, têm-me feito querer-lhe mais, Margarida, a si e á pequenina Doris!

Nessa noite era já tarde quando Bob voltou á casa. Encontrou, porém, Margarida, á sua espera. Mas quando Harvey, por méra obediencia ao dever conjugal, a beijou, desamparou-a a calma que ella havia jurado a si mesma.

— E's um hypocrita! — disse soluçando, esfregando freneticamente o rosto, como se quizesse apagar da face o beijo recebido.

Bob não ousou enfrentar-lhe o olhar.

— Uma recepção pouco amistosa... — disse, buscando evitar a tormenta que previa imminente.

E Margarida sentiu então que a sua colera levara definitivamente de vencida a compostura que tentava impor-se.

— Naturalmente — disse friamente — Lola Forbes, quando te recebe, reserva-te palavras mais amaveis!...

Era a verdade — a verdade, nua e fria — que se levantava entre os dois. Depois de um longo momento, Bob resolveu-se a falar:

— Está bem: liquidemos de vez este caso.

E buscaram liquidal-o, os dois. Através as discussões sem fim, procuraram chegar a alguma conclusão, furiosos os dois, marido e esposa, um em frente ao outro, desvairados e brutaes, como duas creaturas selvagens, primitivas. Nessa situação os surprehendeu a pequenina Doris, abrindo a porta, varando pela sala a dentro nas perninhas incertas, os olhos estremunhados de somno.

E parou, a sorrir, já tomado do riso todo o seu rosto infantil. A briga parou de subito á sua entrada, e o homem e a mulher, arquejando ainda, forcejavam por volver á compustura. Foi Margarida quem finalmente conseguiu falar, e arrebatando a criança nos braços, disse altivamente:

— Pois bem: dar-te-ei o divorcio, mas nunca te darei Doris! Doris é minha!

✣ ✣ ✣

Bob, começando a medir a enormidade do passo que se preparavam a dar, estendeu os seus braços á criança. Com um sorriso, ella fugiu ao enlace materno, e correu aos braços que lhe offerecia Harvey, enterrando-lhe a cabeça no pescoço.

Margarida observou-lhe o movimento, com o coração a rebentar de lagrimas, e gritou-lhe, hystericamente:

— Doris: se queres bem á tua mãe, vem cá!

A criança lançou os olhos de um para o outro, e fez ouvir depois a sua sentença:

— Mas eu tambem quero bem a papae! Olha, o melhor é não brigarmos mais, sim?

E com o braço ainda enovellado no pescoço de Harvey, estendeu á mãe a sua mãozinha gorda. Margarida não respondeu, porém, a esse appello innocente. Os seus olhos eram agora como uma parede branca que escondia aos olhos de todos as angustias da sua alma.

✣ ✣ ✣

A lei separou, por fim, aquelles dois entes — marido e esposa — que durante sete annos tinham vivido um junto ao outro, tinham, juntos, partilhado as tristezas e incertezas da vida. Bob procurou a felicidade junto de Lola, e Margarida, anciosa de esquecer, buscou o abrigo e protecção que o nome de Courtney Webster lhe offerecia. Doris, a pequenina victima da tragedia, por ordem do tribunal, tinha agora que passar seis mezes ora com seu pae, ora com sua mãe — uma especie de pendulo humano, sentenciado toda a vida a oscillar de cá para lá, de lá para cá, num perpetuo vae-vem.

Para Webster, a criança era uma perpetua lembrança do passado de sua esposa. Como podia elle esquecer que sua esposa pertencera a outro homem, se a prova do amor que os ligára estava sempre ali, sob os seus olhos? Como a podia elle sentir inteiramente sua, se cada expressão do seu carinho tinha por testemunha essa criança, cujo rosto era uma perpetua interrogação, uma ancia constante de comprehender o que não se lhe podia explicar? Quanto a Lola, hoje esposa de Bob, essa francamente alardeava o seu absoluto desinteresse pela criança. Confessava que não gostava della. Para ella, Doris era tambem uma lembrança viva, — sendo que Lola não sabia dominar-se como Webster se dominava.

A falta de bondade de Lola fez-se, porém, especialmente flagrante quando a criança foi em visita ao pae pela primeira vez. Para aquella mulher egoista, animada pela sorte, a menina era coisinha, adequada a ser victima do seu despeito, a ser objecto das suas torturas. E pela primeira vez desde que se tornára a casar, Bob comprehendeu o grande erro que commettera. Quando Doris correu ao seu encontro, para dar-lhe o beijo que sua mãe lhe enviara (beijo que era apenas expressão do desejo que tinha Margarida, de perpetuar no espirito da menina a illusão da felicidade que ella perdera) Lola deixou-se vencer por uma explosão de colera, e de tal modo deixou patentes os seus sentimentos que Doris se encheu de susto.

— Ella não gosta de mim! — segredou a Harvey.

E não era senão verdade: Lola não gostava de sua enteada. Mostrou-o logo no mesmo dia em que a pequenina chegára, sahindo só para a rua, com a declaração sarcastica de que não estava para servir de ama secca. Dias depois, perdeu então a cabeça por completo, e chegou a ser cruel.

As coisas passaram-se assim: Lola recebera de presente um perfume raro, encerrado num frasco de crystal artisticamente facetado — offerta de um dos seus mais fervorosos admiradores, um homem que não cessara de perseguil-a com as suas attenções, a despeito do seu casamento. Lola, com o frasco na mão, entretinha-se a admiral-o, sorrindo ante o cartão com que o galanteador acompanhara o delicado mimo: "A' mais linda de quantas flores captivas eu conheço!"

Doris, que vinha de uma sala contigua, separada por um pesado reposteiro daquella em que estava Lola, foi de encontro a ella, e o frasco resvalou-lhe das mãos.

A criança ficou extremamente embaraçada ante o desastre que occasionara sem querer. Mas, Lola não lhe deu ouvidos ás lagrimas e desculpas e sacudindo-a furiosamente:

— Veja o que você fez! — disse desvairada, e como Doris procurasse escapar-lhe das mãos, apanhou sobre a mesa uma longa faca de cortar papel e bateu-lhe uma e outra, e outra vez.

Bob, ao voltar á casa essa noite, encontrou a menina gravemente doente, prostrada por um torpor de que só momentaneamente despertou para dizer:

— Papae, eu quero morrer!

(Termina no fim da revista)

E foi só muitos dias depois, ao alvorecer...

No paiz dos sonhos

(THE DAWN OF THE EAST)

Film Realart — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Natalya	ALICE BRADY
Austin Strong . . .	KENNETH HARLAN
Wu Ting	Sam Kim
Sotan	Michio Itow
Manya	America Chichester
Toscha	Betty Carpenter
Mrs. Strong	Harriett Ross
Liang	Frank Honda
Revan	H. Tokemi
Chang	Patricio Reyes

OPINIÕES DA CRITICA

Este photo-drama approxima-se, não se convertendo, entretanto, em melodrama. Luxuoso, o papel de russa interpretado por miss Brady, offerece-lhe ensejo para um desempenho discreto.

Moving Picture World.

Não vale outros dessa estrella.

Exhibitor's Herald.

Esplendidos motivos para exhibição dos dotes dos artistas, luxo, arte, gosto, acção, boa interpretação. Bom film.

Exhibitor's Trade Review.

Estrella e film devem agradar á maioria do publico.

Wid's.

Satisfactorio o enredo.

Motion Picture News.

— Na Russia, logo após a guerra, rebentou uma revolução terrivel. Os vermelhos e os bolchevistas saqueavam as residencias dos aristocratas, assassinavam-n'os, queimavam-lhes as propriedades. Não havia segurança para as pessoas ordeiras porque quem exercia o governo do imperio desthronado eram bandidos da mais baixa ralé. As pessoas de bons costumes viram-se, portanto, obrigadas a fugir á conflagração geral, em busca de segurança para as suas vidas. Eu fui das raras que tiveram a felicidade de poder fugir, pelo caminho de salvação que o Oriente offerecia.

Quem assim falava era uma rapariga linda cuja nobre apparencia as roupas mal cuidadas não conseguiam encobrir; e a senhora ingleza a quem pertencia a pensão onde ella buscára alojamento comprehendeu que estava na presença de um, entre tantos casos analogos que agora appareciam de vez em quando nessa bizarra cidade chineza, que é Shangai.

— Pobre moça! — disse, enternecida. — Creia que tenho muita pena de si, e que lhe darei guarida aqui com grande satisfação. Posso saber o seu nome?

— Eu sou a condessa Natalya — respondeu a moça. — Fui muito, muito rica antes de reinar o terror em Petrogrado mas Trotzky, Lenine e os seus malditos partidarios quasi me despojaram do meu ultimo kopek. Felizmente, ficaram-me algumas joias, e assim, depois que se esgotar o ultimo dos rublos que me restam, poderei ainda levantar, sobre esses objectos, o bastante para me manter por algum tempo a mim e á minha pobre irmã doente. Antes disso, espero, porém, encontrar occupação, que nos permitta viver.

A senhora deu um aposento confortavel ás duas moças, e ali puderam ellas gosar a paz de espirito que ha tantos mezes não conheciam.

Natalya não cessava de rodear de carinhos suas irmã Manya, que passava os dias reclinada numa cadeira de braços, á janella, observando o desusado movimento das ruas.

— Agora, has de ficar boa — dizia de vez em quando á enferma. — Estamos finalmente livres dos horrores da Russia, onde nunca mais voltaremos. Felizmente, só uma recordação me prende ainda lá!

— Adivinho qual seja, — disse Manya, sorrindo, e affagando o rosto de sua irmã. — Referes-te áquelle sympathico joven americano, Austin Strong, que nos foi apresentado no baile de palacio.

Um subito rubor afogueou as faces da condessa, que confirmou as palavras da irmã, com um aceno.

— E' verdade: adivinhaste certo. Era vice-consul da Embaixada Americana, e foi para mim um grande desgosto, quando o seu governo o chamou por causa da guerra. Austin parecia com effeito gostar muito de mim, e a verdade é que foi elle o primeiro que no meu coração soube despertar uma emoção identica. Bem sabes quantos admiradores eu tinha entre a nobreza da nossa raça, mas nenhum delles conseguiu jámais, como Strong, turbar a paz do meu coração.

— Pena foi que elle não pudesse ficar — disse, pezarosa, a doente. — A despeito das convenções da Côrte, o novo romance podia talvez ter tido um feliz epilogo.

A condessa deixou escapar um suspiro. Por mais que fizesse, não podia varrer do seu espirito a recordação de Austin Strong. Essa recordação ia ser o seu unico consolo nos dias que lhe reservava o futuro. Ao mesmo tempo que, umas atrás outras, as suas joias iam desapparecendo, e os seus recursos minguando, devido ao alto custo da vida, Natalya empregava, sem resultado, os seus melhores esforços com vistas em encontrar occupação. Cada dia que passava incorporava, porém, á população da cidade uma nova leva de refugiados, anciosos de trabalhar para viver, e isso determinara uma grande falta de empregos vagos. Além disso, Natalya não tinha preparo para trabalhos commerciaes, pois fôra creada no luxo, no desprezo systematico das classes trabalhadoras. No commercio, portanto, como era natural, não encontrava occupação.

Natalya era dotada de grande talento musical. Cantava deliciosamente e dansava como uma bailarina. Reflectiu, portanto, que talvez pudesse tirar partido desses predicados, e procurou trabalhar em concertos ou theatros. Ainda uma vez, entretanto, a sorte foi-lhe adversa. Desesperada, esgotados inteiramente os seus ultimos recursos, procurou um estabelecimento chinez, conhecido pelo nome de "Flor da Amendoa", e teve a felicidade de convencer o proprietario de que com o que lhe restava das suas "toilettes" da Côrte se poderia vestir luxuosamente, e ali attrahir as multidões, graças ao seu talento choreographico.

A idéa de dansar num antro daquelles, para edificação de uma porção de chinezes boçaes, era-lhe em extremo repugnante, mas a infeliz estava entre as duas pontas do dilemma: ou vencer a sua repugnancia, ou deixar-se morrer de fome.

Assim, passou Natalya a ser um dos numeros do "Flor da Amendoa", onde, escondida sob um nome ficticio a sua identidade, dansava todas as noites a troco de uma esportula insignificante que mal chegava para lhe manter a alma e o corpo.

— Se eu ao menos pudesse ganhar o bastante para pôr de parte algum dinheiro — disse ella uma noite á sua irmã, lamentando-se — poderiamos fugir desta mi-

As duas irmãs.

seravel cidade, e abrir caminho para a America, onde dizem que todos ganham bons salarios, onde a gente mais pobre vive tão bem como os ricos, na Europa.

— Quem sabe? Talvez te augmentem o salario. Não desesperes, maninha! — respondeu Manya, a animal-a. — Ninguem sabe o que lhe reserva o dia de amanhã!...

— Qual! Essa felicidade não foi feita para mim! O dono do estabelecimento onde eu trabalho, pagando-me tão pouco, ainda se queixa de que me paga demais!...

Nessa noite, ao chegar ao café com o coração opprimido, Natalya encontrou um chinez, por nome Sotan, que trajava um riquissimo costume nacional. O botão de vidro do seu bonet redondo, as enormes unhas de ouro nas pontas dos dedos, o modo como elle esbanjava o dinheiro no café — tudo o indicava como um homem rico e da mais alta classe no Celeste Imperio. Os chinezes mais pobres tratavam-n'o com veneração. Sotan já muitas vezes procurára ser agradavel á Natalya, sem se tornar audacioso, e Natalya o tolerava em consideração á sua jerarchia e influencia.

Acompanhava-o um joven chinez, delgado de corpo, vestido á moda européa. Natalya havia-o tambem visto repetidamente no café, e não lhe escapára a fixidez do seu olhar, e muitas outras indicações do interesse que esse joven tinha por ella.

— Sinhô Wu Ting qué conhecê sinhôla — disse Sotan com um sorriso que lhe tomava o carão gordo até ás orelhas. A condessa acceitou a apresentação, com um simples aceno de cabeça. — E' commerciante rico — proseguiu Sotan.

— Acha sinhôla bonita, qué gastá dinhê com sinhôla.

— Não é meu habito fazer relações com chinezes — declarou friamente Natalya:

— Ah, minha senhora — disse Wu Ting, exprimindo-se no mais puro inglez — mas eu sou um cavalheiro! Fui educado na Inglaterra, na Universidade de Oxford e pertenço a uma familia muito rica e muito influente de Pekim. Assim, a senhora não terá por que se envergonhar de mim. O sr. Sotan é um commerciante de objectos de arte, e prevaleci-me da nossa amizade, para lhe pedir que me apresentasse.

A condessa ficou realmente maravilhada ante a polidez de modos e de linguagem do joven chinez.

— Tenho que me ir vestir para trabalhar — disse. — Queiram desculpar-me.

O dono do café observava attentamente o que se passava, e assim no correr da noite, chamou de parte a condessa, e disse-lhe:

— Aquelles dois homens, só para terem o prazer de a contemplar, gastam aqui no café, rios de dinheiro. Rogo-lhe, pois, que os trate amavelmente.

— Acho que o senhor apenas me contratou para bailarina — respondeu Natalya com dignidade.

— Bem sei — confirmou rapidamente o outro — mas se quizer conservar o seu emprego, trate de ser gentil com as pessoas que aqui fazem despesa. Eu não tenho isto por divertimento, como bem póde calcular!...

Aos labios frementes da rapariga acudiu uma resposta altiva, mas Natalya, á idéa do prejuizo que a perda do seu emprego causaria á sua pobre irmã doente, disse apenas friamente:

— Está bem. Tratal-os-ei cortezmente.

Natalya ia partir para casa quando viu Sotan e Wu-Ting, sentados a uma mesa de marfim, num dos camarotes. Sotan fez-lhe signal e como ella se approximasse e tomasse logar á mesa, o gordo chinez disse-lhe:

— Sinhôla gostava casar com meu amigo?

— Casar com elle? — repetiu Natalya estupefacta.

— Sim — reiterou gravemente Wu-Ting. — Eu teria muita honra em ser seu marido. O dono deste estabelecimento contou-me que a senhora é pobre, e das minhas mãos lhe viria a fortuna, com todos os beneficios que ella confere.

— Mas eu não me casaria com um pagão por nada deste mundo — retorquiu a moça, colerica.

— Não seja louca! — disse Sotan, arrancando um papel de uma caixa que tinha no collo. — Elle assume compromisso, dá sinhôla grande fortuna! Leia esse papel.

Mas Natalya franziu a testa sem pegar no documento que o chinez lhe offerecia.

— E' melhor não insistir em semelhante absurdo. Neste paiz não se toleram casamentos entre os filhos do paiz e christãos. Além do que, eu preferia morrer á fome e á sêde a entregar-me nos braços de um amarello como vocês!

Rubra de indignação, levantou-se para partir. Wu Ting limitou-se a lançar-lhe um sorriso sardonico:

— Estou resolvido a possuir a exotica flor branca de outra raça — declarou serenamente. — Conservarei, pois, esta esperança até que, mais tarde, a pobreza a venha entregar nas minhas mãos!

Natalya vibrou-lhe um sorriso carregado de todo o seu despreso e partiu precipitadamente. Ao penetrar na sala, percebeu que havia entre os assistentes um sem numero de touristes inglezes — homens e mulheres — sentados ás mesas. Acostumada como estava a ver a casa cheia de estrangeiros, anciosos de impressões novas, Natalya mal lhes deu attenção, e caminhou para a porta. Esta abriu-se, porém, antes de que ella a alcançasse, para dar entrada a um bello mancebo que dava o braço a uma senhora edosa, de apparencia aristocratica.

— Austin Strong! — exclamou a condessa, entre surpresa e consternada, por ser encontrada naquelle logar, e sobretudo por aquelle homem.

— Mas, santo Deus, não me enganam os meus olhos: é a condessa Natalya! — exclamou o joven americano, apertando-lhe a mão e sorrindo com tão grande satisfação, que o rubor subiu ao rosto da moça.

A matrona poz-se a olhar para ella intrigada, mas Strong acudiu logo:

— Esta senhora é minha mãe, condessa.

A senhora Strong baixou a cabeça sorrindo, pois ao primeiro relance de olhos, reconhecera que seu filho não peccara por exaggero na descripção que lhe fizera da formosa moça que tinha conhecido em Petrograd.

— Tenho uma grande satisfação em conhecel-a — disse a senhora Strong.

— E como se explica a sua presença neste recanto do mundo? — proseguiu Strong — Pensei que a senhora ainda estivesse na Russia.

— Fui obrigada pela revolução a partir, — declarou Natalya, embaraçada — e vim residir nesta cidade.

— Quer isso dizer que ao seu infortunio devo a minha felicidade — disse Austin pressurosamente. — Agora poderemos ver-nos a meudo e renovar a nossa antiga amizade.

— E o senhor? Por que veiu parar aqui com sua mãe?

— Viemos visitar este local que nos disseram pittoresco — disse a rir. — Com certeza, o mesmo motivo porque a senhora aqui está.

— Effectivamente — disse Natalya embaraçada, envergonhada de ter que esconder a Strong a verdade, e apegando-se á evasiva que elle lhe offerecera sem querer.

— Todos falam deste estabelecimento, e mamãe desejava visital-o — disse Rogerio. — Por isso a trouxe, e felicito-me agora de o ter feito, uma vez que assim me puz de novo em contacto com a senhora. Bem desejava eu voltar á Russia, mas com a revolução, cheguei a perder a esperança!...

— Na Russia, é actualmente impossivel viajar — disse Natalya tristemente. — E o senhor vae ficar muito tempo em Shangai?

— Alguns dias. Fui aqui mandado pelo governo, afim de obter dos funccionarios chinezes certas concessões commerciaes. E como já conclui, felizmente, o meu man-

A explicação final.

dato, divirto-me admirando o que vale a pena ser visto.

Natalya sentiu a influencia magnetica de dois olhos fixamente cravados sobre ella, e alçando o rosto inconscientemente, divisou Sotan, o vendedor de objectos de arte, a observal-a attentamente.

O chinez comprehendera que Rogerio e Natalya, além de se conhecerem, tinham um interesse especial um pelo outro. Sotan era, ás occultas, um fanatico imperialista, e trabalhava secretamente para derrubar a Republica. Era o chefe de um vasto systema de espionagem, e tinha conhecimento da missão de Austin Strong, muito embora ignorasse que informações elle colhera. Tencionava, porém, apoderar-se desse segredo, e acabava de acudir-lhe um plano para obter essas informações em beneficio do seu partido.

— Tenho pena que o senhor só possa demorar-se alguns dias — dizia Natalya a Rogerio, — mas ainda mais pena tenho de não poder ir comsigo para os Estados Unidos, um paiz que sempre desejei tanto conhecer!

— E não poderia arranjar as suas coisas por forma a ir commosco? — perguntou Strong, anciosamente.

— Não. Prendem-me aqui negocios pessoaes — declarou, sorrindo á idéa de como os seus recursos eram insufficientes para o custeio de semelhante viagem.

— Que pena! — fez Strong, consternado. — Quem sabe se eu não poderia incumbir-me de tratar desses negocios, e apressar a sua liquidação?

Natalya empallideceu, trahiu-se-lhe no rosto um momento de confusão, mas logo se apressou a responder:

— Não. São coisas a que eu propria tenho que attender.

Conversaram algum tempo, e Strong tentou saber o endereço de Natalya, mas a moça evitou dar-lh'o, e disse-lhe que no dia seguinte, se pudesse, lhe telephonaria para o hotel.

Depois disso retirou-se, satisfeita por haver podido esconder a todos a sua dolorosa pobreza, a sua extrema miseria. Revelar tudo a Strong, seria uma tortura para o seu amor proprio. Queria que elle continuasse a vel-a como a havia conhecido

No café-concerto de Shangai.

em Petrogrado, — uma moça rica, filha de uma das mais notaveis familias da Russia.

Chegada á casa, Natalya correu immediatamente ao quarto de Manya, onde entrou ás exclamações:

— Se tu soubesses, Manya!... Que surpresa! Que noticia! Austin Strong está em Shangai: passei com elle e sua mãe uma boa parte da noite!

— Que me estás dizendo! — exclamou a doentinha, cheia de jubilo. — Como Deus é bom! Conta-me, conta-me tudo.

E Natalya referiu o encontro com todas as particularidades, as mais minuciosas, explicando os ardis de que se valera para não revelar a Rogerio, a sua triste situação actual.

— Prefiro soffrer a supportar a dor de que elle me despreze! Agora, porém, só uma solução se me offerece: renunciar a elle!

Natalya estava firme nessa resolução, mas passou toda a noite em claro, a reflectir na immensidade do sacrificio que tinha de fazer. A volta de Strong fizera-lhe presente o doce ambiente romantico em que haviam vivido algum tempo, e isso ainda mais difficil lhe tornava manter a sua determinação. A sua unica salvação, era fugir de Shangai, fugir de todas as recordações repulsivas daquella cidade de vicio; mas para isso era preciso dinheiro, muito dinheiro. E como o podia ella conseguir?

Ao chegar ao café, na noite seguinte, Sotan foi ao seu encontro:

— Sinhôla qué dinhêlo, muito dinhêlo? —perguntou o chinez.

A pergunta era tão singular em face da sua situação de espirito, que Natalya, surprehendida um momento, perguntou a si mesma se aquelle homem teria artes de bruxo.

— Muito dinheiro? — repetiu. — Sim, preciso com effeito de uma grande somma, e com urgencia. Sabe onde a posso encontrar?

O chinez abanou que sim, com a cabeça.

— Mim sabe, sabe, — respondeu. — Sinhôla ouça meu plano.

— Fala — ordenou Natalya — louca de contentamento.

— Sinhôla diz a Wu Ting qui casa com elle. Chinez antes casá dá noiva dinhêlo, muito dinhêlo, Sinhôla recebe dinhêlo, foge com dinhêlo, deixa Wu Ting esperando.

O plano era simples, mas revoltante para Natalya.

— O plano constitue então em fingir que acceito a proposta de casamento de Wu-Ting, receber o dinheiro do seu dote, e fugir, sem o desposar, — não é verdade?

— Eu ajuda sinhôla fugi...

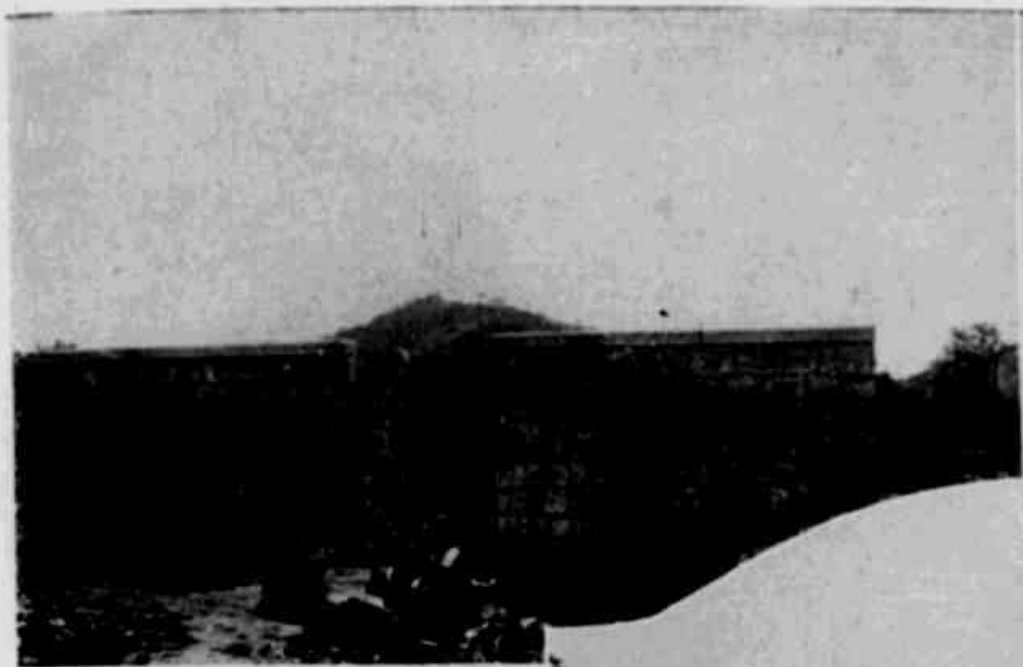
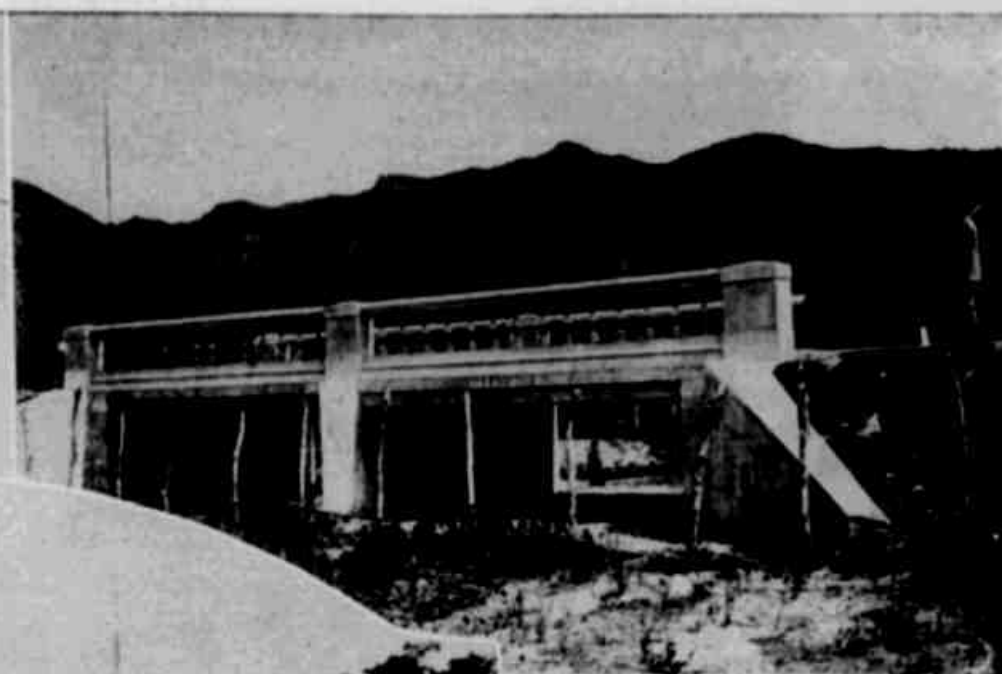
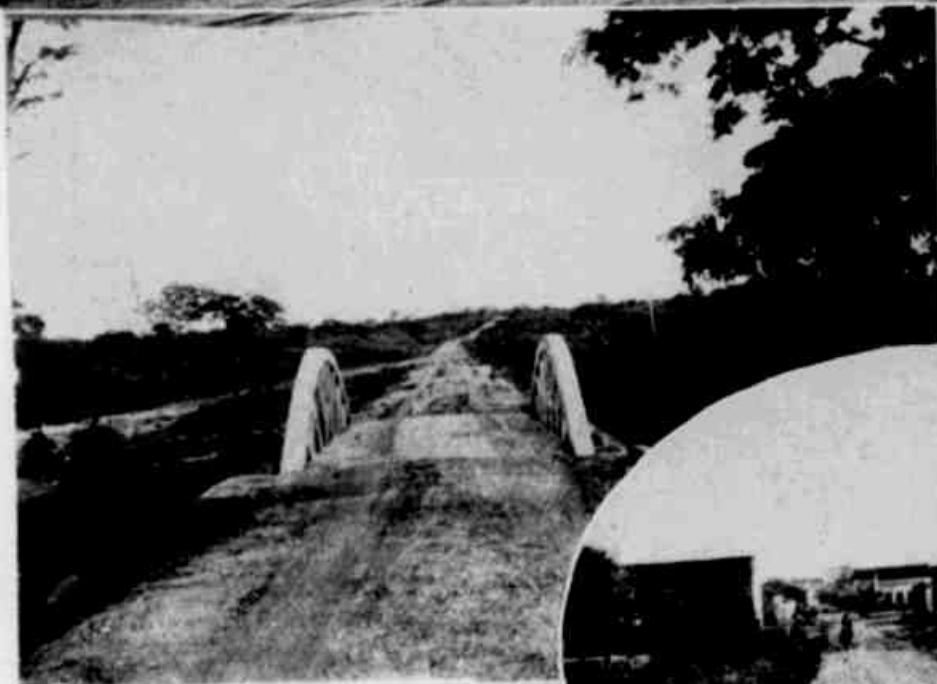
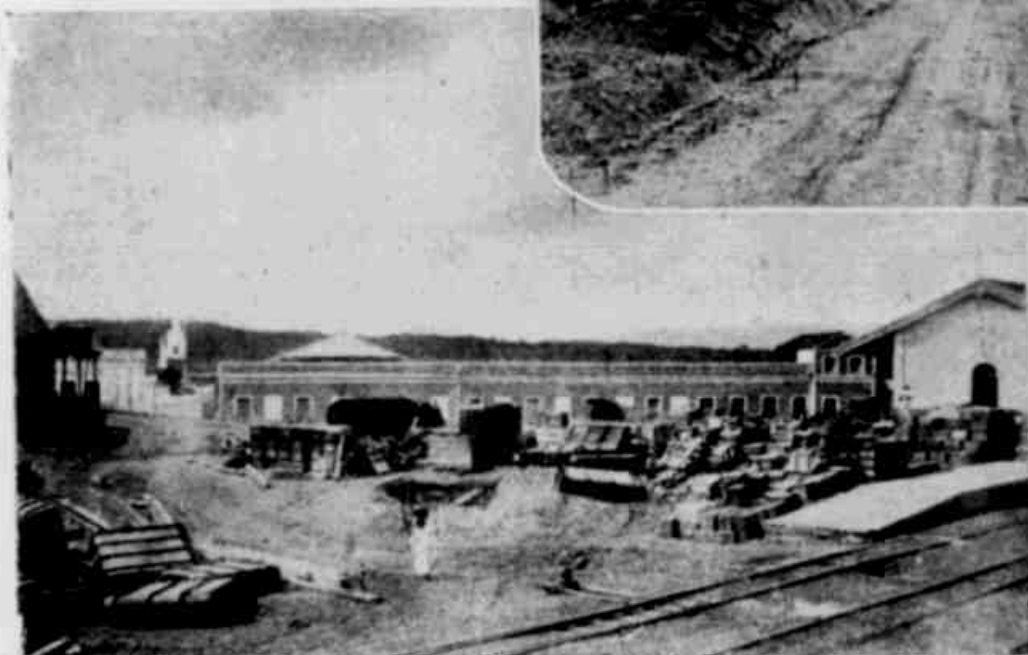
— E porque me ajuda? — perguntou Natalya, suspeitosa.

— Direi sinhôla na America. Eu tambem vô com sinhôla.

A resposta deixou-a perplexa. Esteve a ponto de repudiar o plano ardiloso de Sotan, mas a angustiosa situação em que

(Termina no fim da revista)

A visita de Austin Strong.

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Pontilhão sobre o rio Araras, no ramal S. João do Rio do Peixe á Cajazeiras.

Ponte de cimento armado sobre o rio Vavahú.

Um trecho da estrada de rodagem Lavras a Cajazeiras.

Em Lavras: — Material destinado aos Açudes São Gonçalo e Piranhas, aguardando transporte.

Ponte de cimento armado sobre o riacho Boi Morto, na estrada Lavras a Cajazeiras.

Estrada de rodagem Cajazeiras a Souza, ao sahir daquella cidade.

Ceará: Uma vista da cidade de Maranguape.

Vista da praça da Matriz, na cidade de Lavras.

Ceará: Ponte sobre o rio Siqueira.

Estrada de rodagem de Fortaleza a Maranguape; vê-se o Dr. Paula Pessôa, engenheiro da I. F. O. C. S.

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Um poço publico.

Estrada de rodagem Patos a Pombal, ponte sobre o riacho dos Grossos.

Povoação de Malta e um trecho de estrada de rodagem..

Pengões de um pontilhão da Estrada de Ferro Ceará-Parahyba.

Cidade de Pombal. Um trecho da Estrada de Ferro Ceará - Parahyba, perto de Malta.

Trecho de estrada de rodagem Pombal a Malta.

Typo de poste metrico da I. F. O. C. S.

Os operarios á espera do salario.

Em Pombal.

FLOR DE AMOR

(THE LOVE FLOWER)

Film United Artists — Producção de 1920.

DISTRIBUIÇÃO

Brune Sanders..	RICHARD BARTHELMESS
Richard Bevan..	George Mac Quarrie
Matheus Crane..	Anders Randolph
Velho creado...	Adolphe Lestina
O visitante.....	Crauford Kent
Stella Bevan....	CAROL DEMPSTER
A Sra. Bevan..	Florence Short
Auxiliar de Crane	William James
Auxiliar de Crane	Jack Manning

OPINIAO DA CRITICA

Foi um grande successo do Strand Theatre de Nova York. Deve obter egual em todo mundo.

Moving Picture World.

Não é das melhores cousas de Griffith, mas é um bom film.

Motion Picture News.

Deve ser uma das maiores attracções do anno como um dos melhores films até aqui feitos por Griffith.

Exhibitor's Trade Review.

❖ ❖ ❖

Sete annos são largo tempo para pensar, especialmente para um homem que está preso, todo esse tempo. Ricardo Bevan não escapara á regra, e havendo estado na prisão sete annos, tinha pensado, não pouco. Ao principio o seu pensamento fôra tão só dominado pela idéa de se vingar do agente secreto que tão habilmente machinara o caso de que havia resultado ser elle, innocente, sujeito a pagar pelo crime de outro.

Dois annos depois de começar a cumprir a sentença, Ricardo Bevan entrou porém a mudar muito de pensar. Desappareceu do seu espirito a idéa de vingança, e quando finalmente o seu raciocinio assumiu aquella attitude philosophica que, depois de certo tempo, vem a ser patrimonio de todos os reclusos de educação, reflectiu que a vingança era uma coisa mesquinha e que, bem raro, ella compensava todos os incommodos que dava.

O preso, reflectido e educado, que vê passar os dias sobre os dias, as horas sobre as horas, no isolamento do seu cubiculo, acaba sempre por concluir que a vida é afinal a maior de todas as loterias que o homem disputa na terra. Por motivos que ninguem sabe explicar, nascem alguns para a riqueza, para o prestigio, para o conforto de innumeras amizades que os cercam; outros, nascem para a pobreza, para o trabalho, sem que jámais saibam o que seja uma affeição. Tudo é questão de sorte, acaba por meditar o preso, e de nada vale revoltar-se contra essa ordem de coisas e buscar sobre outrem a vingança para rectificar as desigualdades da fortuna caprichosa.

Havendo alcançado essa philosophica attitude espiritual, assentou Ricardo Bevan que, ao sahir da prisão não seguiria o impulso de descobrir Matheus Crane, o agente da policia secreta, cujas falsas declarações o haviam levado a cruel sentença. Ao contrario, viveria uma vida retirada, consagrando-se inteiramente á sua filhinha Stella cujo affecto não podia pôr em duvida.

Finalmente, no correr dos dias, chegou por fim aquelle em que teve termo a sentença, e numa certa manhã, aos primeiros alvores de Julho, cerraram-se detraz delle as portas da prisão, e Bevan viu-se de novo livre, a contemplar, no alto, a cupola azul do céo. Com grande pasmo seu, não lhe causou a liberdade um jubilo excessivo. Ao contrario, sentiu-se só, um pouco estrangeiro, como um homem recentemente desembarcado num paiz extranho. Aos primeiros dias da prisão tinha sonhos de um perdão breve, e era tão grande nessas occasiões a sua alegria, que acordava num sobresalto, e deparavam-se-lhe então, já consciente de vigilia, as paredes brancas do cubiculo. Agora porém que o seu sonho, tantas vezes repetido, se convertia em realidade, estava tão calmo como se viesse da capella da prisão, depois de ali ir orar a Deus.

Decorridos alguns momentos de incerteza á porta da prisão, como se hesitasse sobre o que tinha a fazer, Bevan reagiu com esforço e partiu, monte abaixo, na direcção de uma linha de bondes que atravessava uma das principaes ruas da cidade. Ahi, tomou um bonde que o podia deixar a alguns quarteirões da casa que mantivera num dos suburbios, durante todo o tempo da sua prisão. Ali, sabia bem sua filhinha estaria á sua espera, com Corina, a sua segunda esposa. Calculava bem que acolhimento lhe ia fazer sua filha, mas tinha suas duvidas sobre a recepção que ia merecer da sua esposa. Bevan sempre fôra, e era ainda ao tempo em que o mandaram para a prisão, um homem desafogado de recursos materiaes. O crime por que fôra accusado e de que o haviam proclamado culpado, mal podia ser attribuido a um homem que vivia em semelhante abastança. Dizia respeito a accusação á falsificação de um cheque de importancia relativamente pequena e que não se comprehendia houvesse tentado um homem na sua situação. O proprio juiz que presidira o processo salientara essa circumstancia ao procurador do Estado, mas Matheus Crane tão habilmente engenhara o caso que o promotor se convenceu implicitamente de culpabilidade de Bevan, e não se deixou impressionar pela falta de justificação para a perpetração do crime, por parte do accusado.

Depois de uma pequena viagem de menos de uma hora, Bevan desceu do bonde no logar conveniente e, a passo estugado, transpoz os poucos quarteirões que o separavam da sua residencia. Não havia na casa indicio algum de vida, nem de espectativa, muito embora tivesse elle escripto á sua esposa, a annunciar-lhe que voltaria nesse mesmo dia; de maneira que Bevan subiu os poucos degráos do alpendre da frente de sua casa e bateu á porta, tal qual um extranho o houvera feito. Após alguns minutos ouviu finalmente passos no vestibulo, e dahi a pouco a porta abriu-se e sua esposa appareceu á entrada. Ao vel-o, sombreou-se-lhe levemente o rosto, e sem nenhum enthusiasmo na voz, exclamou:

— Ah, és tu, Ricardo? não pensei que chegasses tão cedo. Entra.

A frieza e indifferença desse acolhimento enregelaram o coração de Bevan, mas elle soube dissimular o seu desapontamento, e inclinando-se, para a esposa beijou-a na fronte. Instinctivamente, Corina recuou um pouco, buscando embora disfarçar esse impulso. A esse tempo nhum indicio da presença de sua filha. E porta, mas ainda assim Bevan não percebia á sua volta o minimo ruido, nem nenhum indicio da presença de seu filho. E como achasse extranho que ella não estivesse á sua espera, voltou-se para sua esposa e perguntou-lhe:

— E onde está Stella, Corina?

— Foi passar a tarde com uma amiga. Não previ que voltasses á casa tão cedo, e por isso consenti que ella fosse, — respondeu a Sra. Bevan.

— Deixaste-a ir passar a tarde em casa de uma amiga, hoje, que eu volto á casa, após sete annos de ausencia? — interrogou incredulo.

— E' verdade, — replicou Corina.

— Mas não reflectiste então que o meu primeiro desejo, ao chegar aqui, havia de ser o de vel-a? — insistiu Bevan.

— Calculava que ella voltasse antes de tu chegares, — retorquiu a esposa.

— Está bem, — desse tranquillamente o recem-chegado.

Houve um silencio de instantes, após o qual Bevan falou de novo:

— Essa gente em casa de quem Stella está tem decerto um telephone?

— Tem, sim, — respondeu leconicamente a esposa.

— Pois faze favor de tocar para lá e dizer-lhes que mandem Stella immediatamente para casa.

Sem proferir palavra, a Sra. Bevan lançou mão do telephone, e transmittiu a ordem do marido. Feito isso, voltou-se para elle e perguntou-lhe:

— Não queres comer alguma coisa, Ricardo?

— Não, não quero, obrigado. Prefiro esperar que Stella chegue, — respondeu tranquillamente.

A Sra. Bevan sentou-se e um penoso silencio reinou entre os dois, até soarem no alpendre os passos de Stella. Mal os ouviu, Bevan levantou-se, correu á porta e abriu-a de par em par. A menina, que ha sete annos não via seu pae, soltou um grito de contentamento "Papae!", e cahiu-lhe nos braços.

E agora, sim, Ricardo Bevan sentia-se contente de haver voltado á casa e na intensidade do amor da filha, na sua calorosa acolhida, encontrava lenitivo á indifferença e frieza com que o recebera a esposa.

A Sra. Bevan, vendo que o marido não tinha agora olhos senão para Stella, de boa vontade se retirou da sala, deixando o pae e a filha, a conversarem, a abraçarem-se, a rirem, a fazerem bons projectos para o futuro.

Antes porém que houvesse estado oito dias em casa, Ricardo Bevan adivinhou que os soffrimentos que tivera na prisão não eram os unicos que elle tinha de padecer por effeito da sua condemnação por um crime que outro commettera. Em primeiro logar sua esposa, que nunca o havia amado, parecia lamentar que elle houvesse voltado, e tornou-se rinhenta, descontente e irritadiça, intratavel. Além disso, os seus antigos amigos e visinhos voltavam-lhe as costas, abstendo-se de qualquer familiaridade com elle. Consideravam-n'o um ente áparte e mostravam-lhe tão claramente a sua hostilidade que Bevan comprehendeu que não podia continuar a viver ali, a estragar a vida de sua filha, e logo resolveu mudar-se para outro logar.

Estavam as coisas neste pé quando Be-

van observou que sua esposa era amiude visitada por um homem que elle não se lembrava de haver conhecido na cidade, até ao tempo de ser recolhido á prisão. Uma vez, como procurasse esclarecimentos com Corina, respondeu-lhe ella que era uma pessoa a quem conhecera desde a meninice, na aldeia em que nascerá, e que se habituara a ir de vez em quando visital-a, para recordar os annos que já iam tão longe.

— Mas porque nunca me apresentaste a esse senhor? — perguntou Bevan.

— Preferiria, Ricardo, que não me fizesses esta pergunta, — tornou Corina.

— Mas eu insisto na pergunta. Por que motivo nunca me apresentaste a elle?

— Pois bem, uma vez que queres saber..., — respondeu tranquillamente — Esse senhor teve conhecimento dessa malfadada sentença que te levou á prisão, e disse-me que preferia não te ser apresentado.

— E recebes em minha casa um homem desses? — inquiriu Bevan, com indignação.

— E' um velho amigo, — respondeu tranquillamente Corina.

— Sim, póde ser que elle seja um velho amigo, mas eu sou teu marido! E quem te deve merecer mais consideração: o teu velho amigo ou o teu marido?

— Mas que proveito podes tu tirar de conhecel-o? Se insistires em lhe ser apresentado, elle com certeza desapparecerá daqui, para nunca mais voltar.

Assim, não vejo justificação para o teu capricho. Tenho poucas amizades e poucos divertimentos. Que empenho fazes pois em pôr termo a um conhecimento de que não te póde vir mal?

— Não me opponho a que haja prazeres ou divertimentos na tua vida, mas não me parece que tu devas aceitar relações com esse individuo que despreza teu marido. Bem sabes que eu estou inteiramente innocente do crime por que fui punido, e calculo que isso terás dito a esse individuo. Se elle não der fé á tua affirmação, não deve portanto recebel-o. Quanto a mim, prohibo-o desde hoje de penetrar nesta casa, e tu lhe darás parte da minha resolução, avisando-o ainda de que se o encontrar aqui, o expulsarei então por minhas mãos! — declarou Bevan, com firmeza.

A Sra. Bevan não deu resposta alguma. Limitou-se a sacudir os hombros e retirar-se da sala.

Com cada dia que foi passando, cresceu a hostilidade dos visinhos contra Bevan, e para augmentar a sua afflicção, Matheus Crane, o homem que o mandara para a prisão, veiu morar na cidade, e por toda a parte declarou a sua convicção de que Bevan novamente voltaria á presença da lei. Assim queria estar no local, para o prender quando elle tentasse a sua proxima aventura. A presença de Crane na cidade poz á prova suprema a paciencia de Bevan, em cujo espirito se fortaleceu então ainda mais a resolução de se mudar para outro logar, onde pudesse viver em maior calma.

Uma tarde, Bevan que sahira de casa com o proposito declarado de passar a tarde na cidade, regressou inesperadamente. Penetrando no vestibulo da moradia com a chave que possuia, deteve-se um momento ante um cabide de espelho ajustando a sua gravata. De repente, chegaram-lhe aos ouvidos vozes no quarto de sua esposa, em cima. Uma das vozes era a de Corina, mas a outra era uma voz masculina. Considerando bem extranho que sua mulher recebesse um homem no seu quarto, em vez de o receber na sala, Bevan começou a subir as escadas calmamente. A meio do lance, ouviu porém sua esposa dirigir uma phrase de carinho ao individuo que a acompanhava, e que respondeu de modo identico. Percebeu em seguida um rumor de beijos. E transpondo, a quatro e quatro, os degráos que lhe faltava subir, Bevan varou pelo quarto a dentro, a tempo de ver Corina cingida nos braços de um homem, em cujo hombro descançava a sua cabeça. Um e outro não tinham ouvido Bevan aproximar-se, nem deram pela sua lugubre e tragica apparição, á porta do aposento. E então Bevan viu ainda a esposa estender os labios ao companheiro. Tal um leão ferido de morte, Bevan atirou-se com um grito ao desconhecido, e os dois, uma, e outra, e outra vez, rolaram pelo soalho do aposento, cada qual forcejando por lançar a mão á garganta do outro.

Mais ou menos de egual peso e egual força, debateram-se deste modo algum tempo, sem que nenhum parecesse levar vantagem ao seu antagonista. Depois, a pouco e pouco, Bevan obrigou o desconhecido a pousar as costas no assoalho, como sóem fazer os lutadores, e poude emfim aferral-o pela garganta como queria.

O desconhecido forcejava agora mais e mais por se ver livre, e finalmente, num safanão violento, conseguiu escapar ás mãos de Bevan. Rapido como o relampago, arrancou então de um revolver e levantou-se para fazer fogo, mas antes que elle conseguisse alçar o braço, Bevan com a agilidade de um gato, o accommetteu de perto e lhe arrancou a arma da mão. Sem pensar então, sequer remotamente, nas consequencias do seu acto, apontou e fez fogo. Com um gemido, o seductor de Corina tombou ao chão, sobre as costas, morto.

Assaltado logo em seguida pela comprehensão do que acabava de lhe succeder, Bevan recuou tomado de horror, emquanto sua esposa se debruçava, solicita, sobre o corpo do homem que jazia no chão. A esse tempo, Stella, attrahida pelo barulho do tiro, barafustou pelo quarto e agarrou-se a um braço de seu pae.

— Que foi? Que foi, Papae? — perguntou a menina.

Sem se voltar para ella, Bevan fez ouvir a resposta:

— Matei um homem, Stella! Matei um homem! Santo Deus!

— E porque o mataste, Papae? — interrogou Stella, estarrecida de medo.

— Era a vida delle ou a minha, minha filha! Elle puxou de um revolver e procurou atirar contra mim! Tirei-lh'o, e atirei eu contra elle! — respondeu Bevan, como desvairado.

Durante todo esse tempo, a Sra. Bevan, que se conservava ajoelhada junto ao morto, gemia e chorava como uma pessoa profundamente angustiada, sem nenhuma attenção dispensar nem ao marido, nem á enteada. De subito, Bevan reflectiu no quanto essa scena era impropria para uma criança, e puxando pelo braço a filha, retirou-se do quarto. Em baixo, na sala de jantar, os olhos de Bevan pousaram sobre um calice de cognac no "étagère", e então elle se serviu de uma dose grande e a enguliu de um trago. O cognac pareceu tranquillisal-o momentaneamente, pois logo elle entrou a pensar nas consequencias do que acabava de fazer. Nas circumstancias ordinarias qualquer homem que fizesse o que elle tinha feito seria absolvido pelo jury, mas Bevan bem sabia que sua esposa não o defenderia, que ao contrario seria capaz de mentir para lhe fazer mal, e que as mentiras que ella inventasse, de parceria com o seu cadastro, bastariam para o despachar para a cadeira electrica. Sabia, ao demais, que Matheus Crane não deixaria de intervir no caso, e conhecendo a habilidade de Crane em machinar situações, estava pouco disposto a tornar a ser sua victima. Assim pois, fitou sua filha e disse-lhe:

— Stella, precisamos fugir daqui immediatamente. Se a policia me descobre, sou desta vez um homem perdido! Corre lá acima e apanha uma valise, enche-a de tudo quanto tiveres de mais valor, e volta o mais depressa que puderes. Eu tambem vou reunir uma meia duzia de coisas minhas. E logo em seguida, trataremos de fugir.

Sem perder tempo a fazer uma só pergunta, a rapariga fez o que seu pae lhe dissera e Bevan correu ao seu quarto, a reunir uma parte do que era de seu uso pessoal, para voltar logo depois ao vestibulo, no andar inferior. A esse tempo, sua esposa havia recobrado a noção dos factos, e fula de raiva contra Bevan, declarou-lhe que não deixaria de vingar o seu amante. Conhecendo o odio que Matheus Crane tinha ao marido, apanhou o telephone no seu quarto e falou ao agente secreto, pedindo-lhe que acudisse quanto antes. Não lhe disse o que se acabava de passar, mas prometteu-lhe uma sensação que o indemnisaria sobejamente do incommodo da visita. O agente, como bem se pensa, não tardou em acudir ao chamado e chegou á casa de Bevan justamente quando este e sua filha iam sahir pela porta da frente. Apenas Bevan vio Crane, logo reflectiu que elle só ali podia ter vindo a proposito do assassinato que acabava de occorrer, e revestiu-se da maior calma. Franqueando a porta ao agente secreto, acenou-lhe que entrasse para o *hall* e logo que Crane entrou e se fechou a porta, o homem que fôra a sua victima desferiu-lhe á cabeça um terrivel bote, valendo-se da coronha do revolver de que se servira ha pouco para abater o maculador do seu nome. O agente cahiu desacordado no chão, e Bevan logo o arrastou para um pequeno quarto, ao extremo do corredor, ahi o deixando bem fechado. Pegando então na filha pela mão, sahiu de casa e caminhou direito á margem do rio. Uma pequena escuna estava prestes a partir, e nella, após vencer uma pequena relutancia do mestre, Bevan encontrou passagem para si e para sua filha. Meia hora depois, estavam os dois a caminho das ilhas Hawai.

Ao cabo de cinco dias de navegar á véla, a escuna ancorou num porto, e ahi desembarcaram Bevan e a menina que logo se internaram pela ilha a dentro. Bevan, que conhecia o genio implacavel de Matheus Crane, parecia agora horrorisado quando tinha que estar mais de algumas horas no mesmo local, e assim só veio a deter-se, depois que atravessou de um para outro lado a ilha em que desembarcara. Soube então de outro navio que estava a partir para uma ilha do Mar do Sul, raramente visitada por gente branca, e disfarçado de missionario, nesse navio obteve transporte, com sua filha, e de novo se fez ao mar.

Alcançado opportunamente a ilha, Bevan desceu á terra, e quando o navio que o trouxera estava prestes a proseguir em sua viagem, annunciou o seu proposito de ali ficar até que chegasse alguma outra embarcação. O mestre e os tripulantes não cogitaram de o induzir a mudar de idéa pois estavam habituados a essas phantazias dos missionarios e reputavam-n'os, a

todos um bando de malucos com quem nem valia a pena discutir. Quando Bevan o viu partir, respirou pela primeira vez desafogadamente desde que partira de casa, e gozou pela primeira vez de um momento de paz de espirito.

Depois de estar nessa ilha um mez, Bevan veiu a saber que, á distancia de um dia de viajem, havia outra ilha deshabitada, quer por brancos, quer por indigenas, e apossou-se delle um grande desejo de se transferir para alli

Mercê de ardilosas investigações, veio a saber tudo quanto lhe podia interessar a respeito da ilha, e uma noite, depois que todos dormiam, metteu a filha e todos os seus haveres num pequeno bote á vela, que comprára, e ao clarão de uma lua tropical, que transformava n'um lençól de prata toda a superficie do mar, fez rumo á ilha deserta.

A hora a que, segundo as informações que, opportunamente, obtivera dos indigenas, devia estar á vista do local para onde se dirigia, debalde investigou o horizonte, sem que, porém, se affligisse, pois sabia como os indigenas são incertos em tudo quanto dizem e fazem.

Entretanto, quando á hora do meiodia, continuou a não avistar terra, começou a preoccupar-se, especialmente por sua filha, e a arrepender-se de se ter aventurado á descoberta de uma pequena ilha, isolada naquelle infinito mar, sem trazer uma pessoa conhecedora da derrota que lá o devia levar.

Soaram uma, duas, tres horas da tarde, e Bevan já se debatia n'uma angustia agudissima quando appareceu á prôa um nevoeiro azulado, que, a principio, elle tomou por uma nuvem que se levantava da costa, mas que, logo depois, reconheceu ser terra.

Apontou, então, a prôa á mancha azul que se avolumava no horizonte, e em menos de duas horas alcançava a méta desejada.

Fatigado, mas contente, abeirou-se o mais possivel da costa, e poucos minutos depois, auxiliou sua filha a desembarcar n'uma pequena praia de cascalho branco, igual a muitas outras que se avistavam bem perto.

N'essa noite, acamparam á beira d'agua e, depois de uma ligeira refeição, cahiram a dormir profundamente. Cedo, ao alvorecer da manhã, estavam a pé e promptos para uma excursão pela ilha. Radiantes, verificaram que ella era inteiramente deshabitada, e que, como a maior parte das ilhas dessa parte do mundo, abundava em fructos e plantas alimenticias, que lhes garantiam a subsistencia, sem nenhum trabalho. Com tantos coqueiros, arvores de fructa pão, e bananeiras, para não fallar n'uma multidão de cereaes e nozes nunca lhes faltaria o que comer, e ainda podiam variar na sua dieta com peixe de todas as qualidades que se apanhava facilmente.

Satisfeito por haver, afinal, descoberto um refugio onde podia estar ao abrigo da perfidia de um mundo que tão mal o tratára, Bevan assentou passar o resto da vida, com sua filha, nessa ilha deserta, em meio do Oceano, e ahi viver uma vida da mais primitiva simplicidade. Realizou, de facto, esse proposito e quasi quatro annos se passaram sem que nada occorresse que lhes pudesse perturbar a ventura e a paz de espirito. Foi então que sua filha, a esse tempo convertida n'uma verdadeira sereia e mestra no manejo de um barco á vela que elle, por suas mãos, construira, descobrio que, n'uma pequena ilha, apenas tres milhas distante, vivia um solitario fazendeiro de côr branca. Essa descoberta precipitou Bevan n'uma grande inquietação de espirito, mas Stella encheu-se de curiosidade com a descoberta, e, immediatamente, planejou inteirar-se, dentro de poucos dias, de tudo quanto, sobre o seu mysterioso visinho, lhe pudesse interessar.

Para a realização do seu proposito, Stella consumia agora muitas horas velejando nas circumvisinhanças da outra ilha. Veio a succeder assim que, um dia, quando em serviço no mar, o fazendeiro avistou o barquinho de Stella e se lançou na esteira da desconhecida embarcação. Como Stella só desejava que o outro barco alcançasse o seu, em breve o barco do mancebo estava junto ao da linda moça, a quem o fazendeiro se apressou de brindar com um attencioso "boas-tardes". Fingindo, com linda graça feminina, uma surpreza extrema, Stella voltou-se, e os seus olhos encontraram, então, um lindo moço, que a contemplava, a bocca aberta, os olhos lampejantes. As mulheres brancas, particularmente as mulheres brancas jovens e bonitas, eram uma verdadeira raridade naquelle recanto do mundo, de sorte que o mancebo logo prometteu a si mesmo não perder a opportunidade de cultivar, fosse por que preço fosse, as relações daquella linda moça.

Stella, do seu lado, não creou obstaculos a tal proposito, e assim, não tardou muito que o jovem viesse a saber que ella morava n'uma ilha visinha com seu pae, que alli vivera os ultimos quatro annos, e que, provavelmente, alli viveria o resto dos seus dias. Retribuindo essa informação, o desconhecido revelou a Stella chamar-se Bruce Sanders, com vinte e oito annos de idade, e que tinha uma lavoura muito remunerativa na ilha mais proxima daquella em que morava seu pae. Insistio depois em acompanhal-a na volta, e ao despedir-se d'ella, na praia do seu desembarque, insistio para que Stella levasse o pae a visitar a sua ilha, onde elle tinha grande quantidade dos ultimos jornaes e revistas européas, e bem assim um sortimento de comestiveis finos como, decerto, outro igual se não poderia encontrar em nenhuma ilha daquellas paragens.

Quando Stella referiu ao pae as suas aventuras daquella tarde, associaram-se no coração de Bevan a contrariedade e a alegria: alegria por haver sua filha encontrado finalmente um companheiro da sua edade, e pezar porque a noticia do seu esconderijo, confiada imprudentemente por Stella a Bruce Sanders, podia bem — quem sabe! — chegar aos ouvidos de Matheus Crane.

Esse pezar era nelle mais do que justificado, pois o implacavel Crane jámais, com effeito, desistira de perseguir a Bevan, e nesse mesmo momento estava interessadamente empenhado em dar-lhe caça. Menos de uma semana depois de Stella ter travado conhecimento com Bruce Sanders, recebeu o mancebo a visita, em sua ilha, de um homem que se lhe apresentou como agente da policia secreta dos Estados Unidos e que andava em busca de um homem que praticára um assassinato, e fugira logo depois. A policia conseguira seguir a pista do criminoso até uma ilha daquella região, e o que o visitante de Sanders procurava eram informações sobre o fugitivo.

Sem nenhum máo intuito, Sanders contou a Crane — pois era elle o agente secreto — que, n'uma ilha proxima, vivia um homem branco, acompanhado de sua filhinha. Era quanto bastava a Crane, e logo elle se empenhou para comprar cahique em que remasse até á ilha de Bevan. Como se levantasse um temporal, Sanders conseguiu, porém, resolvel-o a adiar até á manhã seguinte a sua visita. N'essa noite, Crane adoeceu subitamente, e viu-se impedido de partir, de modo que Sanders deixou-o na cama a combater o ligeiro ataque de febre que o prostrára, e levantou véla, mar afóra. Nesse cruzeiro, Sanders avistou a véla do barco de sua jovem amiga, e logo aproou no seu rumo. No correr da conversação que depois travaram os dois, Sanders referiu a Stella a visita de Crane á sua ilha e o fim da sua missão. Stella, ao receber essa noticia, empallideceu de modo tal que Sanders logo comprehendeu que era o pae della que Crane procurava. Como, porém, a esse tempo o mancebo já muito se agradára de Stella, declarou-lhe toda a sua sympathia no transe difficil em que ella se encontrava, e declarou que empregaria todos os esforços para impedir Crane de alcançar a ilha que era moradia de seu pae. Stella agradeceu-lhe e logo se fez de véla, de volta, para levar a triste noticia que lhe fôra dada.

Quando Bevan soube que Crane estava tão perto delle, quasi enlouqueceu de desespero e de raiva, e na sua colera, atroou os céos a praguejar, a maldizer o dia em que Stella e Sanders se haviam conhecido. Essa attitude de Bevan tornou Stella consciente de que tinha uma parte da responsabilidade na afflicção do pae, e, immediatamente, ella se desgostou de Sanders, por completo. E assim, selvagem e impulsiva que se tornára a sua indole com a longa residencia naquella ilha deserta, Stella jurou que disporia dos dois inimigos de seu pae de modo tal que nunca mais nenhum delles lhe causaria damno. Assente essa resolução em seu espirito, no dia seguinte, muito antes que raiasse o sol, içou a véla sobre o mar deserto, e assim, ao clarear o dia, alcançou a ilha em que morava Sanders. Com grande satisfação, verificou que ninguem alli despertára ainda e que os unicos botes de que Sanders era possuidor estavam encalhados em terra. Com a agilidade e astucia com que o teria feito um dos indigenas da região, Stella saltou, então, do seu bote e arrastou para dentro d'agua as duas embarcações de Sanders. Depois, a bordo da sua propria embarcação, amarrou-lhe á ré as outras duas, e as rebocou para fóra. Quando se viu a uma bôa milha ao largo da ilha de Sanders, agarrou então uma pedra, com ella fez um buraco no fundo dos dois barcos alheios, desammarrou-os do seu, e seguiu viajem para casa!

N'uma segunda visita á ilha de Sanders, dias depois, Stella valeu-se de um novo expediente para fazer mal aos que ella considerava inimigos de seu pae. Escondida n'um abrigo natural da montanha, entreteve-se a atirar, monte abaixo, enormes pedregulhos para os fazer cahir no caminho de Crane e Sanders, que andavam a passeiar na ilha. Não podendo de nenhum outro modo explicar o caso, Sanders presumiu que qualquer incidente houvesse desaggregado algumas lages no alto da collina e as houvesse feito cahir, aos pedaços, precisamente, á sua passagem e de Crane.

Stella deu depois em visitar amiude a ilha de Sanders, afim de se inteirar por elle do que Crane estava fazendo e, ao cabo de algumas dessas visitas, Sanders reconheceu, máo grado seu, que estava per-

didamente apaixonado pela filha de Ricardo Bevan. Disse-lhe, então, francamente, que sabia que era atraz de seu pae que andava Crane, e jurou-lhe que havia de fazer tudo para impedir que Bevan cahisse nas garras do agente. A moça fingiu acreditar nesse juramento, pois no segredo da sua alma ainda duvidava de Sanders e estava longe de confiar nas suas promessas. Acceitou, entretanto, o seu convite para usar da ilha como se fosse sua, e alli forragear e caçar, como melhor lhe aprouvesse.

Um dia quando ella atravessava um ligeiro passadiço de taboas, que ligava o apice de dois grandes penhascos, avistou a Sanders e gritou-lhe que viesse onde elle estava. Percebendo, pela attitude do moço, que se passava algo de grave, Stella correu para junto delle e soube então que Crane acabara de fabricar um cahique e se preparava para nesse momento tripular e ir á ilha proxima, á caça de Bevan. Accrescentou, porém, que, se ella promettesse traduzir o seu acto como penhor do seu amor, da confiança que lhe devia merecer, comprometter-se-ia a destruir o cahique, muito embora soubesse que Crane era bem capaz de matal-o, se o fizesse. Stella concordou em acceitar esse acto do mancebo como uma prova indiscutivel do seu amor por ella, e logo Sanders se afastou, a correr, para a praia, afim de alli chegar antes que Crane se puzesse a caminho.

Ao alcançar, porém, a praia, com Stella a seguir-lhe as pégadas de perto, ficou pasmo de ver Bevan, que, cançado de agoniar-se na incerteza do seu destino, de si proprio viera ao encontro do seu inimigo, com quem já estava em renhida discussão. D'ahi a momento, sob os olhos aterrados de Stella e Sanders, os dois homens entraram em lucta corporal. De repente, Bevan libertou-se do seu inimigo e começou a galgar uma ingreme penedia, com Crane no seu encalço. Um accidente de terreno occultou um momento os adversarios aos olhos dos dois espectadores, que só os tornaram a ver quando elles já estavam no ponto mais alto da rocha. Ahi, Crane poude alcançar Bevan, e n'um instante se atracaram um com outro, n'um enlace que tinha que ser de morte para um dos dois. Durante quasi dez minutos, no vertice do penhasco immenso, se debateram os dois homens, até que de repente ouviu-se um grito estridente e um e outro, perdido o equilibrio na orla da pedra, a uma altura de centenas de metros, se precipitaram ao mar, que, em baixo, azul e tranquillo, lhes offerecia a morte.

Ao ver desapparecer os dois homens, Stella soltou um grito e cahiu desmaiada aos pés de Sanders. A esse deliquio, succedeu um violento ataque febril, que a arrastou ao delirio e a prostrou no leito pelo espaço de muitas semanas.

Quando ella, finalmente, recobrou a razão, o primeiro conforto que encontraram os seus olhos foi o que havia no rosto de Sanders, affectuosamente debruçado sobre a sua cabeceira. Durante toda a convalescença da pobre Stella, Sanders foi para ella como um anjo eternamente vigilante, e não mais foi possivel a Stella ter duvidas sobre a sinceridade do amor delle. E d'ahi em diante, foi entre os dois um enlevado idyllio, que só conheceu o fim da primeira phase quando o acaso levou á ilha um missionario, que os uniu para sempre pelos laços da igreja.

Depois de casado com aquella a quem elle chamava "a mais valente rapariga do mundo", Sanders fez questão de passar com ella, na America, a lua de mel, onde Stella, pela primeira vez, no espaço de cinco annos, tornou a conhecer as commodidades e confortos da vida civilizada. De volta ao lar, Stella pediu-lhe que a levasse a visitar a ilha em que, durante quatro longos annos, vivera feliz ao lado do seu pae, e Sanders, bondoso como sempre, apressou-se em satisfazer-lhe o desejo. Imagine-se qual não foi a surpreza e alegria de Stella quando encontrou seu pae alojado na mesma cabana em que, juntos tanto tempo tinham vivido, e no goso da mesma perfeita saude que sempre lhe fôra dado proclamar.

Depois que se aplacaram os transportes de alegria de Stella, Bevan contou-lhe que Crane, na quéda, batera com a cabeça sobre uma pedra e tivera morte immediata, ao passo que elle soffrera apenas o aborrecimento de tomar um banho para que não se preparára. Escondeu-se depois na ilha em que habitava Sanders até cahir a noite, depois do que tomára o seu barco e regressára á casa, certo de que Sanders, a quem agora acolhia como seu genro, se casaria com Stella, e de que os dois o haviam, algum dia, de encontrar.

N'essa noite, os tres conversaram até amanhecer, e, no dia seguinte, levantaram a véla, com rumo á ilha de Sanders, afim de alli viverem tão felizes como é consentido por Deus aos habitantes da terra.

UM DIA GLORIOSO

(FIM)

corpo abandonado. De posse de um espirito endiabrado, o primeiro acto de Ezra Botts foi rasgar a carta que escrevera a Pedro Curran. Em seguida, saltitante como uma criança contente, dirigiu-se para o "Club do Mocho", onde penetrou no meio do pasmo dos habituaes bebedores que nunca o haviam visto ali. Após o segundo copo de cerveja, o corpo deshabituado a esses excessos, tantas fez, taes proezas praticou que o redactor do unico jornal de Random exclamou:

— Pois esse é que é o santinho que quer ser intendente? Amanhã mesmo direi tudo o que estou vendo, no meu jornal...

Palavras não eram ditas e já Botts, como a pedra despedida da catadupa, arremettia contra o jornalista, enchendo-o de bordoadas ante os bebedores petrificados de espanto. Pois esse era o mesmo Ezra Botts, o mais pacato dos habitantes de Random, o homem que engulia em silencio as maiores injurias? Estaria possesso o professor?

Não menor foi o pasmo dos frequentadores do salão de dansa, quando viram o professor entrar triumphante, com um copo de cerveja na mão e, arrebatando uma dama ao seu cavalheiro, começar uma dansa vertiginosa.

Os dansarinos applaudiam enthusiasmados a conversão do professor á religião de Terpsychore, quando Pedro Curran, furioso, prevenido pelo jornalista, irrompeu pelo salão. Agarrando o professor pela gola do casaco, encostou-o á parede, ameaçando-o com o punho cerrado. Ninguem se atrevia a intervir, tal era o respeito que tinham todos ao chefe politico. Mas o professor, ou antes, Ek, impelliu com tanta força o braço do professor de encontro á cara de Curran, que este cahiu desamparado.

— Não queremos mais chefes gatunos — berrava Botts esmurrando o adversario.

— Quem quizer que me acompanhe.

— Viva o professor! — bradaram todos.

— Viva o novo intendente!

Mas Ek não estava satisfeito. Era preciso castigar o homem que mais o havia injuriado e maltratado. Bento devia estar em casa. A' casa delle, pois!

Molly não desconfiára da armadilha que lhe armára o miseravel. Só quando este começou a offerecer-lhe bebidas, completamente embriagado, foi que a moça suspeitou da cilada. Elle não negou. E como ella lhe exprobasse o indigno procedimento, elle acercou-se, cambaleando:

— Pois bem, vou mostrar-te que sou um cavalheiro. Deixar-te-ei sahir se me déres um beijo.

— Nunca! — exclamou ella, fugindo.

Elle perseguiu-a. Por muito tempo conseguiu escapar-lhe. Mas, por fim, exhausta, não podia mais resistir ao miseravel que a tomava nos braços, quando, de subito, como attingida por um projectil, a porta envidraçada do salão voou em estilhaços e o professor Botts appareceu.

Molly soltou um grito de alegria e correu para elle. Mas Bento, mais prompto, desviou-a e precipitou-se sobre o professor.

— Que queres tu aqui, grande palerma?
— rugiu elle por entre os dentes cerrados.

— Quero dar-te uma coça, amigo Bento, para vingar-me.

O espanto pregou o rapaz ao solo. Mas logo, fechando o punho, despediu um murro que teria aniquillado um elephante, se ali houvesse um elephante. Mas não havia; havia o professor que, de um salto, galgára-lhe as costas e surrava-o vertiginosamente, com um ar de beatitude no rosto. Bento, já o disse, era robustissimo; mas o professor parecia o diabo.

Por muito tempo os dois contendores rolaram engalfinhados, trocando murros tremendos, aos olhos de Molly estarrecida. Finalmente, com um socco capaz de derrocar a pyramide de Keops, o professor fez rolar o adversario, sem sentidos.

Tomando então a moça nos braços, disse-lhe:

— Dar uma surra no Bento e um beijo em ti... eram os meus unicos desejos.

Quando Random soube da ultima proeza do professor, a sua eleição ficou assegurada. O professor tornou-se o idolo do povo, o heroe, o libertador.

E no emtanto, Botts voltara a ser o que era; voltando para a pensão o corpo exhausto não mais podia corresponder aos appellos de Ek, que se decidiu a abandonal-o, com grande gaudio da alma do professor.

Ek é que ficou inconsolavel; não sabia da fragilidade dos corpos humanos. E, desilludido, voltou para a sua morada no infinito.

No dia seguinte, o professor descobriu que se tornára celebre. Quem lh'o disse foi Molly, contando-lhe os acontecimentos da noite anterior e muito admirada da falta de memoria do professor.

Ao sahir á rua, teve elle a prova. Todos o saudavam com respeito, e Pedro Curran, lobrigando-o á distancia, dobrára apressadamente a primeira esquina.

Ao voltar para casa, soube ainda que era considerado noivo de Molly, em virtude do beijo que lhe dera na vespera. E só teve um pezar: não se recordar mais do gosto que tinham os labios da moça. Mas ella, boazinha, não lhe quiz deixar tambem esse pezar, e... deu-lhe os labios a provar mais uma vez.

NO PAIZ DOS SONHOS
(FIM)

se debatia, a esperança de em Nova York poder dar á sua pobre irmã um tratamento adequado, acabaram triumphando de todos os seus receios.

— Está bem: acceito! — exclamou.

— Está dileito! — fez Sotan, a rir. — Eu vô explicá sinhôla todos detalhes casamento, para sinhôla não se enganá...

O chinez rejubilava por ver coroado de exito o seu primeiro passo para conhecer das negociações secretas emprehendidas por Strong. Explicou a Natalya o que ella devia fazer, de accordo com o ritual chinez observado para os casamentos, e correu a annunciar a Wu-Ting que ella, finalmente, o acceitára por esposo. Obteve depois do amoroso commerciante chinez uma generosa dotação que passou ás mãos de Natalya, e logo entrou a tratar de todos os preparativos para a ceremonia.

Acompanhada por Sotan, que só aguardava um momento propicio para concluir a execução do seu plano, Natalya obedeceu a todo o ritual. Quando Wu-Ting se retirou, depois de ver sua noiva beber o vinho indigena que devia cimentar a futura união dos dois conjuges, Sotan levantou-se de um salto, e ordenou:

— Depressa! Pela adega! A caminho da liberdade, sinhôla!

— Receio uma traição — allegou ainda a moça, recuando.

Sotan fez ouvir um assobio estridente, e logo de detraz de uma cortina, appareceu um "coolie" com um punhal na mão!

— Não tenha medo! — disse — Estamos bem guardados, sinhôla!

Depois, rapidamente, Sotan arrastou-a por um corredor abobadado. A poucos passos, caminhava o "coolie". Em cima, ouviam-se os convidados a cantar, os arcos fazendo vibrar as cordas, uns e outros exaltando a victoria do amor infinito, sanctificado agora para sempre.

Um momento, Natalya, ao chegar a uma curva da abobada immensa, sustou o passo, mas Sotan a impelliu para a frente. O "coolie" continuava a guardar-lhes a rectaguarda, prompto a fazer uso do punhal, no caso de perseguição ou ataque.

A moça mal poderia explicar como alcançaram por fim a rua. Ali duas jinrickishas os receberam e em poucos momentos os transportaram longe da residencia de Wu Ting.

Sotan tudo preparára e previra:

— Sua maninha já tá bordo, sinhôla, — disse á Natalya, entregando-lhe as duas passagens.

Por fim, Natalya entrou a bordo e o ultimo dos seus receios se dissipou quando ali encontrou Manya que a aguardava com as bagagens.

— Sotan — disse ao despedir-se do chinez — Não sei como agradecer-lhe tudo quanto fez por mim.

— Ah, não faz mal: sinhôla paga algum dia... — disse com um risinho significativo.

Depois seguiu para terra e o immenso transatlantico deslisou para o mar, levando de Shangai para sempre Natalya e sua irmã. A condessa mostrava-se muito preoccupada com a attitude de Sotan, e procurava adivinhar o que elle viria a querer em paga de seu trabalho.

— Na America temos innumeros amigos de fortuna a quem conhecemos na Russia, — disse á Manya no dia seguinte. — Assim, não nos deve preoccupar o futuro. Agora, poderás tambem ser cuidada com attenção e com certeza recobrarás a tua saude, queridinha.

Depois de uma viagem que nenhum incidente perturbou, o paquete chegou por fim a San Francisco e as duas irmãs seguiram para leste por estrada de ferro, até Nova York.

Ahi, com o dinheiro de Wu-Ting, installaram-se num hotel elegante, sortiram-se de boas toilettes em harmonia com a sua condição social, e contrataram um especialista para a doentinha.

Os jornaes registraram a chegada da formosissima condessa russa, de modo que em poucos dias Natalya recebia uma infinidade de visitas de velhos amigos e conhecidos. Pareceu-lhe então que haviam voltado os antigos tempos de prosperidade, e Natalya procurou atordoar-se, esquecer os seus infortunios recentes, na agitação da vida social que agora a empolgava.

A's vezes accusava-a a consciencia pelo modo como obtivera o dinheiro de Wu-Ting com que pagava agora todo o prazer e conforto que desfrutava, mas ao lembrar-se dos intuitos do chinez a seu respeito, consolava-se dizendo de si para si, que tinha sido uma luta de esperteza apenas, e que a mais esperta fôra ella.

A maior satisfação que lhe coube em sua nova vida, foi a que teve quando lhe foi levado o cartão de Austin Strong e sua mãe, que haviam acudido a visital-a. Natalya justificou com uma viagem inesperada, a sua desapparição de Shangai, desde o dia em que se tinham encontrado, e Strong satisfeito com essas explicações, concluiu com um convite:

— Espero que nos visitem em nossa residencia de verão em Long Island. Temos uma boa propriedade em Hempstead.

— Será com o maior prazer, — affirmou a condessa, com grande contentamento da senhora Strong, que considerava uma honra ter uma condessa russa entre os seus convidados.

Partiram todos da cidade uma semana depois, e quando Natalya e sua irmã se installaram na residencia dos Strong, encontraram-se num ambiente aristocratico analogo áquelle a que, desde o berço, haviam sido habituadas.

Austin desfazia-se em attenções e bondades para com a formosa Natalya, e em breve nas faces da linda moça, de novo floresceram rosas, e o seu coração bateu vagarosamente, cada vez que della se approximava Strong. A lei de compensações com certeza lhe ia agora dar um allivio permanente de todas as tristezas passadas, — pensava ella.

Essa idéa fagueira varreu-se-lhe porém, do espirito num momento quando, uma tarde, descendo uma das alamedas do jardim para ir admirar um canteiro de rosas, admiravelmente disposto por um jardineiro perito, de repente appareceu-lhe entre a ramaria proxima, Sotan, a rir, num cumprimento desgracioso, acompanhado por estas palavras:

— Bom dia, sinhôla, bom dia. Como está sinhôla?

— Deus do ceu! Será possivel? — disse a moça empallidecendo. — O senhor seguiu-me até aqui?!...

— Decerto, — respondeu Sotan, alegremente. — Eu não disse sinhôla: "Sinhôla paga algum dia"?...

— E que pretende de mim? — perguntou nervosamente.

— Sinhôla lembra-se de Austin Strong, aquelle moço americano? Qui tava elle fazendo em Shangai?

— Disse-me que fôra mandado pelo governo americano para obter do governo chinez certas informações secretas.

— Pois é isso mesmo, sinhôla; essas informações que eu quero!

— E como as vou eu arranjar?

— Elle gosta sinhôla. Elle diz sinhôla tudo sinhôla qué. Arranja informações, dá para mim, sinhôla.

— Eu nunca praticaria um acto deshonroso como esse! — declarou Natalya indignada.

— Muito bem. Pois então eu vae contá familia Strong que sinhôla é uma intrujona, sinhôla roubou dinheiro Wu-Ting, sinhôla dansava num cabaret...

A ameaça enfureceu Natalya:

— Eu propria direi isso a Austin — exclamou.

— E elle botará sinhôla na rua! — concluiu Sotan.

— O senhor nada tem que ver com o que porventura se passe entre mim e elle! Mas, ao que me não sujeito, é á sua chantage! Parta daqui immediatamente! Do contrario, chamarei a policia para o prender!

O chinez ia persistir no desafio, mas viu que Austin vinha descendo a alameda, e pensou melhor. Esgueirou-se por entre as hastes das roseiras e desappareceu.

— A senhora não estava neste momento a conversar com um chinez? — perguntou. — Pareceu-me reconhecer um individuo que estava no "Flor de Amendoa" naquella noite em que nos encontrámos lá, — proseguiu Strong.

— A sua memoria é excellente, — respondeu Natalya. — Era precisamente esse homem. Talvez que tudo isto lhe pareça muito mysterioso, mas estou resolvida a explicar-lhe tudo, quando mesmo, assim fazendo, provoque um rompimento entre nós dois...

— Não vejo necessidade de explicar coisa nenhuma...

— Mas eu faço questão de pôr a limpo a situação! — insistiu a condessa.

Revivendo dolorosamente algumas das mais dolorosas paginas de sua vida, Natalya contou então a Strong a sua vida em Shangai, desde o dia em que chegára, até áquelle em que industriada por Sotan, e graças ao dinheiro de Wu-Ting, conseguira fugir de Shangai. Contava que tivessem acabado desde esse dia os seus soffrimentos, mas agora, imprevistamente, apparecia-lhe Sotan a cobrar o pagamento dos serviços que lhe prestára. Esse pagamento, exigia elle, ficaria liquidado com a entrega das informações secretas que Strong obtivera do governo chinez. Natalya recusara-se a praticar essa infamia, e o miseravel ameaçára denuncial-a.

— Pobre, pobre martyr! — exclamou Strong. — Que pena me causa, por todos esses tristes transes que atravessou! Porque não me contou em Shangai toda a verdade? Quantas torturas eu lhe teria poupado!

— Não me despreza então? — perguntou num impulso, que o contentamento ditava.

— Desprezal-a? Desprezal-a por que? Pelo contrario, tenho até satisfação em que a senhora frustrasse os intuitos de Wu-Ting. Era além disso o unico expediente opportuno para fugir áquelles bandidos amarellos. O seu acto, longe de a diminuir, exalta-a no meu conceito.

— Nunca, entretanto, deixei de sentir perturbada a consciencia, como se eu fosse uma ladra vulgar.

— Que essa idéa não lhe opprima a consciencia, nem por mais um momento. Eu mandarei a Wu-Ting um cheque por toda a importancia, e assim o seu credor serei eu. Agindo deste modo, mal pago ainda a defesa que lhe devo, contra Sotan, esse miseravel empenhado em desco-

brir os particulares das negociações que entabolei com o governo chinez.

— Deus o abençoe, pelo peso immenso de que me alliviou o espirito!

— A senhora sabe que eu a amo, Natalya, e que quero casar comsigo para poder olhar por si, com toda a dedicação e generosidade que o meu affecto me inspira?

Natalya recusou-se ainda, mas o mancebo insistiu, e o casamento foi celebrado passados dias. Foi pouco depois que os dois regressaram de uma pequena viagem de nupcias, que Sotan foi procurar Austin, para alliviar o seu spleen, revelando-lhe o segredo de Natalya.

Strong recompensou-o com uma boa surra, após a qual lhe disse:

— E se dentro de vinte e quatro horas não houveres desapparecido, fica certo que te mandarei metter na cadeia!

Sotan submetteu-se a partir, mas fervia na sua alma o desejo de vingança. Acudiu-lhe então um plano ardiloso que começou a realisar, fazendo inserir nos jornaes a noticia de sua morte, e telegraphando ao mesmo tempo a Wu-Ting que viesse a Nova York, pois tinha encontrado a desapparecida noiva. Semanas depois, chegou de facto o commerciante chinez, e logo se inteirou do que occorrera. Ancioso de rehaver Natalya, entrou num longo conciliabulo com Sotan, ao cabo do qual chamou por telephone a esposa de Strong, maravilhada de ouvir a voz do odioso chinez, que ha tantos dias tinha por morto.

— Seu casamento com Wu-Ting foi perfeitamente legal, apezar da sua desapparição — disse á condessa. — Casando com Strong, a senhora commetteu, pois um crime de bigamia, a que correspondem graves penas. Venha, portanto, falar commigo immediatamente. Senão, denuncial-a-ei ás autoridades.

— Santo Deus! — exclamou a moça, assustada — Onde quer que vá falar comsigo?

— A's tres horas na loja de Hop Lee, vendedor de objectos de arte, 42ª rua. E que ninguem saiba o motivo por que a senhora ali vae!

O chinez falava bem mais claro, após esses mezes de permanencia nos Estados Unidos. O que elle déra claramente a entender a Natalya, bastava para a precipitar numa intensa excitação nervosa. A's tres horas precisas, chegou á loja indicada e foi conduzida para um compartimento dos fundos, onde encontrou Wu Ting e Sotan.

— A senhora é minha esposa á face da lei. Uma vez que acceitou o dote, e penetrou em casa do seu futuro marido na cadeira vermelha dos esponsaes, e prestou homenagem aos antepassados do seu consorte, é como se o casamento houvesse sido consummado.

Natalya empallideceu de surpresa, e declarou:

— Mas eu não sabia!

— A sua igonrancia não a poderá porém justificar! — replicou Wu-Ting.

— Supplico-lhe que me exima do meu compromisso! Eu não pretendia illudil-o: infelizmente, tive a fraqueza de acceitar os conselhos de Sotan...

Contou-lhe, então, longamente o papel que o vendedor de objectos de arte representára, despertando assim uma colera violenta em Wu-Ting que, por suas mãos, rasgou o contrato matrimonial.

— Reconheço que afinal a senhora foi apenas uma victima, como eu. Destruido o contrato, fica nullo agora o casamento.

— Deus seja louvado: estou agora livre! — exclamou Natalya, radiante.

— Resta-me agora, Sotan, tomar-te contas pela tua perfidia! — disse Wu-Ting, voltando-se, então, para o seu falso amigo. Um momento depois, como duas féras bravias, os dois homens precipitaram-se um para o outro, de punhal na mão. Foi uma luta furiosa e rapida, que só teve fim quando Sotan tombou ao chão, com o punhal de Wu-Ting, atravessado no coração.

Arquejante ainda, o commerciante voltou-se para a condessa, testemunha horrorisada da scena, e disse-lhe:

— Estou vingado, finalmente! Esse miseravel merecia o fim que teve! A senhora e eu fomos victimas, ambos, da sua falsidade!

— Sinto-me contente por estar livre de que elle volte a incommodar-me — respondeu Natalya, — mas nem por isso deixo de deplorar este desenlace. Agora, trate de fugir, pois se o seu crime for descoberto, não escapará á cadeira electrica.

— Oh, não se afflija por minha causa! Lamento que a senhora não me amasse, não pudesse acceitar-me por esposo, mas tambem não a desejo, uma vez que o seu coração pertence a outro. Agora, voltarei para a China e a senhora para junto de seu esposo. E se nenhum de nós revelar o que acaba de occorrer, nenhum mal nos succederá! Permitta-me que lhe apresente as minhas despedidas.

Natalya, ao penetrar no seu lar, sentiu que tinham findado para sempre as suas attribulações. Contou, porém, a Austin o que se havia passado, e delle teve a promessa de dias futuros que haviam de lhe fazer esquecer todos os dolorosos transes do passado.

AMOR INDISSOLUVEL

(FIM)

Embora Lola se recusasse a contar-lhe o que occorrera, Bob acabou por arrancar a verdade dos labios da criada, terrivelmente assustada como elle. Soube então do frasco partido, dos máos tratos que a pequenina soffrera, do choro convulso em que ella cahira até sobrevir a febre. E ao inteirar-se de tudo, do seu rosto desappareceu a juvenilidade habitual para ceder logar á expressão de um homem cruelmente desilludido.

Quando Lola, incapaz de esquecer em todas as situações o interesse proprio, lembrou cynicamente a possibilidade de ser contagioso o mal da pequenita e apontou a conveniencia de a remover para algum hospital, Bob enveredou pelo caminho das resoluções immediatas, e arrancando de uma cama uma colcha de seda, embrulhou nella Doris, e com a criança nos braços, caminhou direito á porta. Voltando-se, antes de sahir, fez a Lola a sua despedida, nestas palavras, que pronunciou com o rosto sombrio e carregado:

— Vou leval-a para o logar que melhor lhe convém! Vou leval-a para junto de sua mãe!

Disse-o e fel-o, penetrando desassombradamente em casa de Webster. Ali, collocando o pequenino corpo abatido nos braços de Margarida, explicou-lhe em parte o que occorrera. E quando ella se afastou para subir a escada, Harvey tel-a-ia seguido, se não fosse haver soado a voz de Webster:

— O senhor esquece-se, Dr. Harvey, de que não está em sua casa!

Bob hesitou um momento. Mas, reflectindo logo no estado grave em que se achava a menina, enfrentou Webster audaciosamente e respondeu:

— Não ha lei que possa despojar um pae dos seus direitos! Se lhe agrada affrontar a opinião publica, é só chamar a policia. Quanto a mim, não sahirei, porém daqui, emquanto a minha filha precisar de mim!

As palavras "opinião publica" impuzeram silencio a Webster, que não interveiu tão pouco quando, um momento depois, do alto da escada que dava accesso ao andar superior, soou a voz de Margarida:

— Sóbe, Bob! Depressa! Doris está peor!

Através a longa noite, por detraz daquella porta cerrada da "nursery" as horas foram cevando de dor aquelles dois corações. De seu lado, Lola, á espera de Bob, não atinava com uma explicação logica, ao passo que Webster se sentia dominado por um ciume irrefreavel. Tinham sido mandados chamar mais dois medicos e uma enfermeira, mas a criança succumbira a um golpe que lhe attingira ao mesmo tempo o physico e o moral. E foi só muitos dias depois, ao alvorecer, que ella abriu os olhos e falou, finalmente.

— Mamãe! — disse, em voz baixa.

— Papae! — pronunciou logo depois. Quando os viu ambos debruçados sobre o seu leito tentou um sorriso fugidio, disse ainda:

— Sonhei... Mas que sonho horrivel! Sonhei que estavamos todos morando em casas separadas! Engraçado, não é verdade?

Depois, sorrindo sempre, resvalara para um somno normal.

Margarida e Bob entreolharam-se fixamente, por sobre o leito da criancinha. E foi então, para ambos, a comprehensão sublime. O homem estendeu os braços e recolheu nelles famintamente Margarida apertando-a ao coração.

— Santo Deus! E's minha, sim! Sinto-o bem agora!

Margarida procurou dominar-se, tentou dizer-lhe até que era já tarde. Mas, mesmo dizendo-o, os seus labios foram ao encontro dos delle. Mas por um segundo apenas, pois logo Margarida recuou do impulso a que cedera.

— Vae-te embora, supplico-te! — Soluçou, aos arquejos. — Temos que separar-nos... para sempre!

E Bob, que comprehendera, cambaleou a passo incerto para a porta, e afastou-se do seu antigo lar.

Quando chegou a casa, verificou que não se fizera sentir ali a sua falta. Ao penetrar na sala de jantar, deparou-se-lhe com effeito Lola a almoçar com o galanteador que lhe enviara o perfume. Desvairado a principio, enojado depois, Bob observou-os longo tempo, e disse:

— Essa refeição deveria acabar por um tiro, Lola, mas, francamente, tu não mereces que eu affronte as consequencias que dahi adviriam.

E dirigindo-se a uma criada que acudira alarmada:

— Vou partir: arrume tudo o que é meu!

Transpoz a porta, escoltado pelas risadas cynicas de Lola. Por essa mulher renunciara a tudo, e porque agora já não era para ella uma novidade, não lhe prendia mais o interesse. Melhor assim, tão pouco elle desejava prendel-o!

⁂

Foi no primeiro dia de Doris se levantar que Margarida leu no jornal uma noticia, referindo a separação do Dr. Harvey e sua esposa, e accrescentando que a sra. Harvey ia a caminho do Rheno, para ali estabelecer residencia. Webster, penetrando na sala de improviso, surprehendeu-a com o jornal na mão; e foi então que, vencido de vez pelo ciume, elle exprimiu o que ha tantas semanas vinha recalcando no coração.

— Durante aquelles dias e noites que

vocês passaram juntos lá em cima — perguntou — que se passou entre vocês?

A resposta que se impunha á Margarida era uma só, mas hesitou antes de formulal-a.

— Nada, — disse por fim, — nada!

Webster fitou-a, incredulo. E na imminencia de ver surgir uma séria disputa, deu vasão, amargamente, ao muito que trazia n'alma:

— Tenho feito tudo, tudo, mas não posso, não posso amar a filha delle! E sentir-me-ei infeliz, muito infeliz, emquanto ella aqui estiver!

Dilacerada pela emoção, Margarida poz os olhos em Webster, sem lhe occorrer porém, que Doris estava á escuta no grande "hall". Quem melhor sabia do que ella, que aquellas palavras eram sinceras!

— Sim, creio que tens razão, Webster, — confirmou penosamente.

No "hall", um estremecimento violento abalou todo o corpo da pequenina, que lentamente, voltou costas e se dirigiu para a sua "nursery". Estava ali uma criada a arrumar as pequeninas roupas da criança, e foi a ella mesma que Doris fez uma singular interrogação:

— Para onde é que vae uma menina, quando ninguem a quer?

A criada estava occupada, cheia de preoccupações.

— Vae para um asylo de orphãos! — respondeu laconicamente. E retirou-se da sala, a tratar da sua vida.

Doris, quando se viu só, pelejou arduamente com as lagrimas que não cessavam de acudir-lhe aos olhos. A passo lento, dirigiu-se a um guarda-roupa, tirou o chapeu e o casaco, e uma maleta pequena que, por suas mãos, recheiou de roupa. Depois, lugubre figurinha abatida, desceu as escadas em caminho para a porta.

Margarida e Webster conversavam ainda na sala, mas Margarida, levantando os olhos, viu o vulto pathetico da criancinha, a atravessar o "hall". Soltando um gemido, em que ia todo o seu amor materno, correu para a pequenita.

— Onde vaes, filha ?

— Vou para o Asylo de Orphãos! — declarou Doris tranquillamente.

Margarida sentiu-se compungida e Webster não disfarçou, elle proprio, a sua emoção. Os olhos dos dois se encontraram, no mesmo accorde de emoção.

— Courtney — disse a mãe afflicta. — O amor que esta criança se dispõe a sacrificar foi uma dadiva que Deus lhe fez. O amor por que tu pelejas, foi apenas creado pela fragil lei humana. Qual dos dois é o mais forte, dize!

Jamais conheceu Webster momento mais angustioso do que esse. E Margarida que o adivinhou, arrancou das mãos da filha uma photographia que ella se preparava para levar comsigo — o retrato emmoldurado de seu pae.

— Vês? — disse ao marido. — São os olhos delle... Os cabellos e a bocca são os meus... Ella é o laço de carne e sangue que nos prende um ao outro!

Calou-se um instante e proseguiu:

— Para nos separar por completo, terias que a matar! E mesmo então, haveria o vinculo das memorias do passado!

Webster fixou os seus olhos nos della, e sentiu que estava perdida, para elle, a batalha. Mas bom perdedor que era, esboçou um sorriso triste:

— Tudo, tudo é contra mim! A victoria é tua, Margarida. — disse desalentadamente. E logo, quasi como um segredo — Adeus, querida!

Desappareceu, deixando a sós a mãe e a filha.

Um longo momento, Margarida que bem sentia a enormidade do sacrificio de Courtney, não teve animo de dizer palavra. Mas Doris não se poude ter por muito tempo calada, e numa voz timida e triste fez ouvir a pergunta que lhe tumultuava no coração.

— Podemos ir para junto de papae, agora?

Margarida abanou lentamente a cabeça.

— Mais tarde iremos, meu amor.

E os seus olhos transfiguraram-se de alegria, ao cerrar mais forte a criança no berço dos seus braços amorosos.

INNOCENCIA

(FIM)

— Obrigado, exclamou elle, beijando-lhe as mãos, vaes salvar-me da morte!

O casamento ficou resolvido para d'ahi a quinze dias. Brian não se oppoz, embora soffresse um golpe brutal com a dupla noticia do casamento de Perpetua e dos direitos de pae que cabiam a Fenton, direito que este provou com a certidão do registro civil de "Perpetua, filha de Fenton e Cecilia Fenton."

Nessa noite, estendido em uma poltrona diante do fogo, Brian achava-se mergulhado em profundas cogitações, quando Perpetua entrou.

— O meu paesinho parece que anda fugindo de mim, murmurou ella com voz queixosa.

Brian não soube o que responder; fugia della, era verdade, para esconder o amor que até o seu olhar lhe revelaria.

— Eu não quero separar-me de si, continuou a moça; e a sua voz tinha um accento tão doloroso que Brian estremeceu. Ergueu os olhos e fitou-a. Viu-a tremula, os grandes olhos cheios de lagrimas; e esses olhos diziam-lhe tanto amor que elle correu para ella e tomou-a nos braços.

— Será possivel, Perpetua? E' verdade o que me dizem teus olhos?

— Amo-te, Brian, respondeu ella. deixando pender a cabeça sobre o hombro do pintor. Sei que me amas tambem, ha muito que o sei, mas não has de querer que eu falte á minha promessa.

— Mas, meu amor, se me amas, não posso comprehender esse teu sacrificio.

— Nem eu mesma comprehendo, mas quero cumprir o que prometti. Talvez seja minha sina salvar Diamond.

Em vão Brian insistiu. A resolução da moça era inabalavel. Finalmente, elle cedeu tambem. E, apertando-a nos braços, disse:

— Leva até o fim o teu sacrificio, mas fica certa de que sempre te hei de amar. Adeus. amanhã parto para a França; não teria forças para assistir ao teu casamento.

Durante seis mezes, Brian viajou, percorrendo os logares onde outr'ora fôra tão feliz. Poude, finalmente, mais a saudade, e elle voltou a Londres.

Grandes surprezas o aguardavam. Apenas chegado, teve noticia da morte de Diamond e da acussação que pesava sobre Perpetua, de haver envenenado o marido.

O vidro do veneno fôra encontrado no jardim e ficára provado que ella o comprára na vespera da morte do marido.

Brian assistiu ao interrogatorio. Ouviu Fenton affirmar, imprudentemente, que vira a moça dar ao marido o copo de cognac que causára a sua morte. E, angustiado, assistiu á prisão da moça.

A verdade. porém, póde tardar, mas vem sempre a lume. Dois dias antes do julgamento de Perpetua, quando pretendia partir de Londres, embargado pelo seu cumplice Christiano, Fenton encontrou a morte na luta que com elle travára.

Antes de morrer, porém, poude fazer ainda a confissão do seu crime. Fôra elle que, instigado por Christiano, pedira a Perpetua que comprasse o veneno, com que, explicára-lhe, pretendia matar umas vespas.

Durante uma crise de Diamond, preparára-lhe um copo de cognac envenenado e, sabendo que, condemnada a viuva, a fortuna reverteria em seu favor, fizera carga contra ella no interrogatorio, para, uma vez senhor do ouro de Diamond, abandonar Londres para sempre.

Posta em liberdade, Perpetua recolheu-se ao convento em que passára parte da sua adolescencia. Uma carta de Brian foi tiral-a do seu retiro ,mezes depois.

E, como muitos annos antes, quando era uma creança de dez annos, Perpetua foi, mais uma vez, pedir a protecção de Brian:

— Quer proteger-me? perguntou ella simplesmente.

Elle recebeu-a nos braços. E um longo beijo fundiu em uma duas almas sedentas de carinho.

A TAÇA DA VIDA

(FIM)

sa que eu não estou resolvido a vender, — respondeu Brand.

— E de que me serve então levar a perola a Pain se o pae não tem que baste para pagar-lhe?

— Leva-lh'a como um presente teu, como penhor do teu amor por ella! — respondeu Brand.

— O Sr. está brincando commigo? — perguntou o mancebo com voz tremula.

— Não: estou-te apenas dando um presente para a tua namorada, — respondeu Brand.

— Mas porque, senhor? Não comprehendo... Não comprehendo pórque motivo me dá um presente de tão subido valor, — persistiu incredulo o rapaz.

— Loucuras proprias dos homens da minha edade!... Faze portanto de conta que foi uma loucura minha, e nada mais. Seja como fôr, a pérola é tua, — replicou o lambe-féras, transformado de improviso.

— Muito agradecido, Sr. Muito e muito agradecido. Se me dér licença leval-a-hei a Pain logo ás primeiras horas da manhã! — disse o moço, alvoroçado de contentamento.

— Faze o que quizeres. A pérola é tua: com ella farás o que bem te aprouver e quando te aprouver, — concluiu Brand afastando-se, como quem já havia falado sufficientemente sobre o caso.

Na manhã seguinte, aos primeiros clarões do dia, Rod levou a pérola á sua namorada, transportado de orgulho e de jubilo, como era natural numa pessoa de tão poucos annos. Pain perseguiu-o de perguntas a que elle respondeu como melhor poude, e a alegria manifestada por Pain de sobejo o teria recompensado, não de uma, mas de milhares de perolas.

Quando afinal, depois de lhe ter entregado a perola, Rod se despediu della, Pain correu a seu pae com o seu thesouro e na maior alegria, lh'o fez ver. O rosto do chinez tomou uma expressão grave quando elle viu a perola. Depois em voz tranquilla, Chan-Chang disse:

— Onde obtivestes essa perola? Quem foi que t'a offereceu?

— Roy Bradley, o pupillo de Brand.

Foi o tutor que lh'a deu, — retorquiu a moça.

Os olhos do chinez apertaram-se de subito, e Chan-Chang lembrou-se do que outr'óra lhe dissera Brand sobre a sua idéa de guardar a perola para dal-a algum dia a uma mulher incorruptivel. E sentiu frio o coração. Ah, que se a offerta daquella perola era acaso o primeiro de uma série de actos visando fazer mal a Pain, Brand havia de ver como o chinez se sabe vingar!

Acalmando-se como melhor poude, Chan voltou-se para Pain, e disse-lhe:

— E' preciso que essa perola volte quanto antes para as mãos do seu dono. Não somos nenhuns mendigos e ainda menos para acceitar presentes de um individuo como Brand!

Pain protestou calorosamente ao ouvir essa ordem e como seu pae adoptivo insistisse em ser obedecido, poz-se a gritar e a bater ô pé como uma mulher furiosa. Na sua colera atirou-se sobre uma mesa com o rosto para o chão e os calcanhares para o ar, sob as vistas de Chan-Chang e dois dos seus auxiliares que não sabiam o que haviam de fazer. Mais tarde, Pain voltou á calma, mas Chan permaneceu inflexivel, e nessa mesma tarde, foi a perola representava o preço de vergonhoso

Depois, como se convencesse de que Brand aggravara a Pain e de que a perola representava o preço do vergonhoso pacto, Chan mandou chamar a Brand e intimou-o a casar com Pain, sob pena de lhe ser inflingida morte immediata. Em circumstancias normaes, Brand não se teria de modo algum insurgido contra semelhante intimação, mas elle sabia que seu filho não resistiria se tal se désse, e terminantemente se recusou a obedecer.

— Está muito bem, — disse Chan quando lhe declarou terminantemente a sua recusa, — Cáiam sobre a tua cabeça as consequencias da tua recusa!

— Oh, bem que eu as acceito! Não é o Sr. o primeiro homem de quem ouço ameaças, — fique certo! — disse afastando-se, a bambolear o corpanzil pesado.

Nesse mesmo dia, quando cahiram sobre a cidade de Singapura as primeiras sombras da noite, Brand ao dar volta a uma esquina, num bairro perigoso, encontrou-se frente á frente com quatro canos de revólver. O seu primeiro instincto foi offerecer combate pois jamais fizera grande caso de chinezes, como antagonistas, mas as quatro pistolas fizeram-no mudar de idéa. Depois, quando elle ainda se estava a entender com os homens que lhe haviam saltado ao caminho, agarraram-no por traz, metteram-lhe um sacco grosso pela cabeça e amarraram-no seguramente, de pés e mãos. Levaram-no depois á sala nupcial em casa de Chan onde tudo estava disposto para uma cerimonia de casamento.

No correr do dia, Rod tivera noticia dos preparativos em andamento em casa de Chan para um casamento, e fôra procurar o velho chinez, para lhe pedir não consentisse que a cerimonia se realizasse. Ouvindo-o porém falar, o chinez ardiloso teve idéa de obter uma dupla vingança e disse-lhe:

— Não posso impedir a cerimonia, desde que o outro homem está vivo. Mas posso fazer o seguinte: O outro individuo está agora encerrado numa sala escura desta casa. Fal-o-hei entrar nessa sala, e o Sr. que trate de matal-o. Aquelle de vocês dois que sahir vivo da sala, casará com Pain. Estás disposto a arriscar a vida por Pain?

— Leve-me immediatamente á sala de que fala, — foi tudo quanto o rapaz respondeu.

Sorrindo dissimuladamente á idéa da vingança que ia tirar, Chan abriu caminho para uma ala da residencia e, sem dizer palavra, abriu a porta de uma sala escura para dentro da qual atirou Rod. Fechou depois cautelosamente a porta e poz-se á escuta.

Acostumado á perfidia dos chinezes, Brand que era o individuo enjaulado no quarto escuro, não fez ouvir o minimo rumor e ficou esperando, em silencio. De repente, porém, percebeu que o homem que acabava de penetrar no compartimento o procurava na treva, e dahi a poucos instantes sentiu a mão do outro sobre o seu braço. O seu desconhecido adversario passou-lhe então as mãos na garganta, e Brand comprehendeu que ia ter que lutar para defender a vida

Inteiramente confiante em si, Brand respondia aos ataques com calma e firmeza. Finalmente, conseguiu livrar-se do circulo daquellas mãos vigorosas que lhe apertavam a garganta, e por seu turno agarrou o outro homem pelo pescoço e o forçou por fim a ajoelhar. Levado o seu adversario a essa posição, Brand começou a estrangulal-o sem dó nem piedade. Depois, quando já parecia estar realizado o seu proposito de suffocar o adversario, o desconhecido fez ouvir um pequeno grito e Brand, pela voz, nelle reconheceu seu filho. Logo Brand lhe revelou a sua identidade e a luta teve termo immediato. Quando aos chinezes que de fóra haviam acompanhado a luta, pareceu que ella havia terminado, correram a dar noticia a Chan, que sem mais demora encarregou um dos seus homens de ir inquirir dos adversarios porque assim tinham procedido. Brand respondeu que se Chan lhe concedesse duas palavras em particular, lhe diria alguma coisa de interessante. Chan annuiu ao pedido de Brand, e acompanhado de perto por uma forte escolta, Brand foi levado á presença de Chan. O valentão referiu então a Chan que Rod era seu filho e que fôra por esse motivo que lhe tinha dado a perola. Chan fez ainda algumas perguntas, mas convencido por fim, concluiu:

— Por minha parte estou disposto a esquecer o passado, e tenho a certeza de que ha de seu lado a mesma disposição. Portanto, uma vez que tudo se acha preparado para uma boda, acho que devemos consentir que se dê inicio á cerimonia, figurando seu filho e minha filha nos papeis principaes.

Brand promptamente annuiu o essa idéa e posto em liberdade Rod, elle e Pain se casaram, em meio de um jubilo geral.

O Utero doente faz da mulher um cadaver vivo

Salve-se com a

"FLUXO-SEDATINA"

E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgãos genitaes das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorrhagias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminue as dôres e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorrhagias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflammações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, usae a "Fluxo-sedatina" e dae ás vossas filhas e recommendae ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saude da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradavel.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

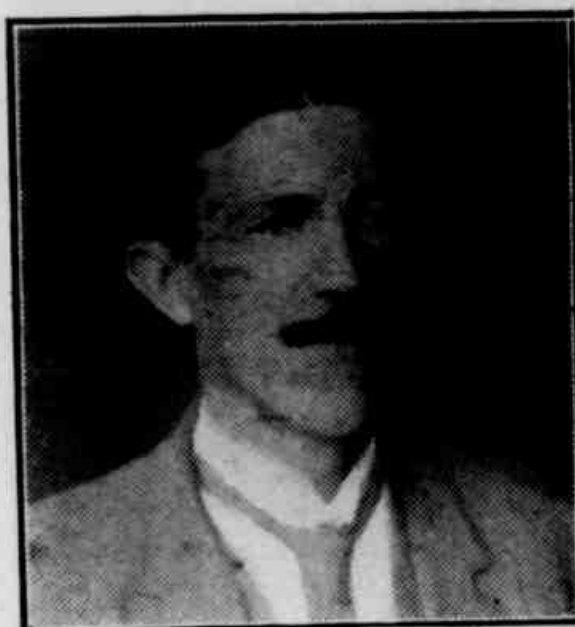
Depositarios Geraes: GALVÃO & C.

Avenida S. João 145 -- São Paulo

ARTHRITICOS E GOTTOSOS USAE

SAL EFFERVESCENTE E COMPRIMIDOS

Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA

São Bernardo (São Paulo)

JOSE' ANTONIO VERA CRUZ

Pelotas, 8 de Março de 1898.

Illmos. Srs. VIUVA SILVEIRA & FILHOS

Com a presente levo ao conhecimento de VV. SS. que, tendo soffrido, por espaço de 2 annos, de blenorrhagia chronica, fiquei, depois de usar alguns vidros de vosso preparado ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, radicalmente curado.

E, por ser verdade, passo este, para que fique divulgada, mais uma vez, a acção curativa desse maravilhoso medicamento.

JOSE' ANTONIO VERA CRUZ.

(firma reconhecida)

PÓ DE ARROZ RENY

Adherente e perfumado. Caixa grande 2$500, pelo correio 3$500 ; caixa pequena 600 réis, pelo correio 1$000.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a quéda dos cabellos. Vidro 5$500 pelo correio 8$000.

DEPIL

Unico liquido que tira o cabello em cinco minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 10$000, pelo correio, 8$000 e 12$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000, pelo correio 8$000 e 12$000.

MAGALHÃES & LOBO

Rua Marechal Floriano Peixoto, 17---Sobrado